Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23269 DIRECTOR **MARIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUARTA-FEIRA 27 JUNHO 90 70$00

PS quer inquérito parlamentar

Guerra das rádios volta a S. Bento

O Partido Socialista apresenta hoje no Parlamento um pedido de inquérito sobre a atribuição das frequências regionais de Rádio.

O documento coloca uma série de perguntas ao Governo sobre os critérios que fundamentaram a atribuição das licenças à Correio da Manhã/Rádio e à Rádio Press e avança com novos factos destinados a esclarecer a «coincidência» temporal entre o despacho da atribuição das frequências, por parte de Albino Soares, e o envio da lei da Alta Autoridade para divulgação no Diário da República.

Apesar da promulgação da lei pelo Presidente da República ter ocorrido cerca de um mês antes, apenas no dia 22 a Assembleia enviou a legislação para a Imprensa Nacional. Esta demora é considerada «suspeita» pelos socialistas, que acusam o Governo de controlar os meios de Comunicação Social.

O PS vai ainda perguntar concretamente ao Executivo qual a utilidade que tem sido dada as frequências regionais atribuídas à RDP.

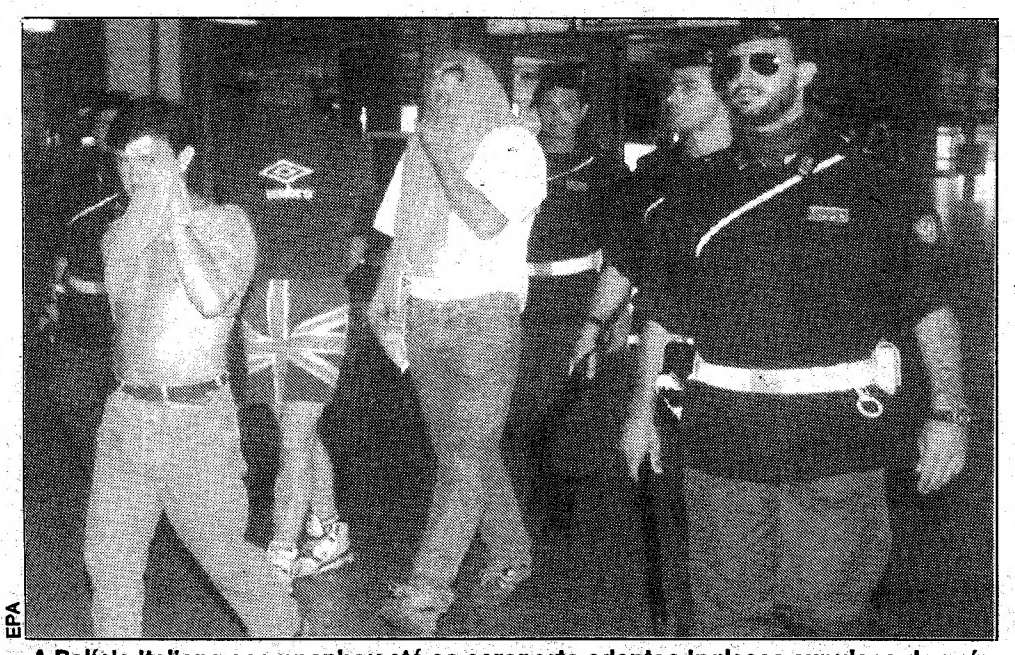
Pág. 4

CEE a Gorbachev: «Tenha paciência!»

Cavaco Silva em Dublin: «Somos europeus mas não ingénuos»

Os chefes de Estado e de Governo da CEE adiaram a eventual concessão de uma ajuda comunitária à URSS até à apresentação de propostas concretas de apoio por parte da Comissão Europeia. Esta a principal conclusão da Cimeira dos Doze que ontem terminou em Dublin. Quanto a Portugal, o primeiro-ministro Cavaco Silva considerou que no processo de integração europeia «somos europeus, mas não somos ingénuos», pois não se pode deixar de ter presente as especificidades de cada um dos estados membros.

Págs. 5 e 9



EPA

A Polícia Italiana acompanhou até ao aeroporto adeptos ingleses expulsos do país

Mundial/90

«Hooligans go home»

... mas, em campo, conforme escreve Lídia Jorge em «Fora de Jogo», os ingleses (como os belgas) foram duros mas bem comportados

Págs. 24, 25 e 26

Racismo na pátria dos Direitos do Homem

Jean Denis Bredin, da Academia Francesa, escreve sobre o renascer do anti-semitismo **Págs. 16 e 17**

Reforma Agrária foi-se... *Pág. 6*

Os Verdes: conflito agudiza-se *Pág. 4*

Ribeiro Telles ao DL: «Monárquicos não são cidadãos de 2.ª» *Pág. 4*

Benavente: A festa da sardinha *Págs. 18 e 19*

Livraria Latina ameaçada de despejo *Pág. 22*

Unicer: Cerveja faz a prova das privatizações *Págs. 2 e 3*

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

O processo adoptado de preços fixos e de distribuição de acções pelos diversos investidores indicia uma inversão na filosofia do «capitalismo popular» em favor de mecanismos que favorecem a constituição de núcleos duros nacionais

UNICER: primeira empresa a ser privatizada a cem por cento

É já amanhã que a Unicer vai ver formalizada a sua privatização a 100 por cento. Um processo que, com a nova lei das privatizações se tornou pacífico, ao arredar da corrida para o domínio da empresa o grupo cervejeiro colombiano San Domingo, representado pela Cervunião. Esta é a primeira de sete reprivatizações a levar a cabo até ao final do ano. As outras seis são: o Banco Totta & Açores, o Banco Português do Atlântico, a Centralcer (cervejeira), a Cimpor (cimenteira) e as companhias de seguros Tranquilidade e Aliança Seguradora.

«Tudo correu pelo melhor», afirmou uma fonte da empresa ao DL ao comentar o processo de alienação dos 51 por cento do capital detido pelo Estado na Unicer, que já havia vendido 49 por cento em Abril de 1989. Nesta altura, o grupo colombiano, que havia ficado com a percentagem mais elevada em posse de privados (11,59 por cento, fora contratos com trabalhadores e pequenos accionistas que elevavam a sua posição para cerca de 15 por cento), tentou impugnar a Assembleia Geral quando se viram impedidos de ascender ao Conselho de Administração.

A decisão da Assembleia Geral acabou por prevalecer, tanto mais que era sustentada por um núcleo duro nacional que era representado por cerca de 39 por cento do capital privatizado e que era constituído Cotesi (7,47 por cento), Corfi (3,26 por cento), Sogrape (7,15 por cento) e Arsopi (3,57 por cento). Os dois primeiros pertencem ao grupo Manuel Violas. A Arsopi é uma empresa do sector metalomecânico, enquanto que a Sogrape está no mercado das bebidas alcoólicas, sendo o primeiro exportador nacional neste sector. Ambas estão ligadas a importantes interesses financeiros.

Estas participações nacionais viriam a dar lugar a duas sociedades gestoras de participações (a Cosar e a Sarc), o que resultou num realinhamento das percentagens: 10,73 por cento para cada uma.

Ainda relativamente à participação estrangeira nas empresas a reprivatizar, recorda-se que o seu conjunto não pode ultrapassar os 20 por cento do capital social, sendo consideradas estrangeiras: as sociedades ou entidades equiparáveis constituídas ao abrigo de lei estrangeira; e as sociedades constituídas em Portugal com capital maioritariamente detido por estrangeiros ou que sejam dominadas directa ou indirectamente por estas. Consta, entretanto, que a Cervunião alterou o seu estatuto, de forma a adequá-lo às novas regras quanto à participação de estrangeiros, mas mesmo que não seja disriminada no seu direito de preferência, que foi exercido pelos principais accionistas a 100 por cento, a verdade é que é praticamente impossível vencer as forças conjugadas da Cosar e da Sarc.

Preços aceitáveis

Estamos, portanto, no caso da Unicer, perante a primeira privatização a 100 por cento. Ela dá-nos indicações de que, para além do que a lei, entretanto publicada, especifica, há uma diferença de filosofia dos métodos. Do preço mais alto de Cadilhe, que pretendia reflectir um «capitalismo popular», passou-se para preços fixos para os diversos investidores, de forma a que o Governo possa controlar quem compra e proporcionar a criação de núcleos duros para assumir a administração das empresas. Método e preços que, no caso da Unicer, nem sequer foram contestados pelos potenciais investidores e nomeadamente pelos que têm pretensões a assumir a liderança da empresa. Na verdade, os preços das acções vão de 3600 escudos para os trabalhadores até aos 4100 para as destinadas à oferta pública de venda, sendo as destinadas às entidades que já são accionistas a 4000 escudos. Ou seja, são preços que estão abaixo ou dentro dos limites da cotação no mercado de valores, a qual varia presentemente entre os 4000 e 4300 escudos, sendo natural que tenham uma tendência para subir a partir de amanhã. Portanto, a perspectiva de um bom negócio para todos os intervenientes.

Os 51 por cento do capital detidos pelo Estado são representados por três milhões e 315 mil acções do tipo A e um número indeterminado do tipo B. Às entidades que já sejam accionistas cabem um milhão e 911 mil acções, às quais concorrem mediante subscrição pública. Na medida em que a oferta pública de venda é igual-mente aberta aos já accionistas, fácil se torna concluir que a participação dos pe-quenos investidores deverá ser substancialmente menor que aquela que se verificou na privatização dos primei-ros 49 por cento da Unicer (15,78 por cento detidos por accionistas que individual-mente possuem uma percentagem inferior a 0,1 por cento).

A Unicer

A Unicer - União Cervejeira, SA foi constituída em 1987, resultando da fusão de três cervejeiras nacionalizadas em 1975: CUF Portuense, Copeja e Imperial. O seu capital social é de 6,5 milhões de contos.

A cerveja é o produto principal da empresa, representando 84 por cento das vendas. No entanto, produz também refrigerantes (15 por cento da facturação), bem como comercializa águas e whisky.

A principal unidade fabril situa-se em Leça do Bailio, onde também tem a sua sede e escritórios centrais. Conta ainda com três centros fabris em Santarém, Lisboa e Loulé. No final do ano passado trabalhavam na empresa 1558 pessoas.

Em 1988 detinha a liderança do mercado cervejeiro nacional, com uma quota de 53,4 por cento, posição que perdeu para a Centralcer em 1989, quando baixou para 47,5 por cento. No entanto, deverá já ter retomado a sua posição de liderança (em Dezembro do ano passado a sua quota já tinha recuperado para os 53 por cento). Em 1989, a Unicer obteve o maior lucro líquido da sua história (1,33 milhões de contos). No corrente ano, esta empresa tem em curso um programa de investimentos na ordem dos 5,5 milhões de contos. Neste âmbito pôs já a funcionar uma nova linha de enchimento de cerveja, instalada na fábrica de Leça do Bailio, com uma capacidade de cem mil garrafas por hora.

Lembra-se, a concluir, que o consumo de cerveja em Portugal tem vindo a aumentar fortemente desde 1984, tendo passado de 340 milhões de litros naquele ano para 635 milhões em 1989.

Redacção «DL»

Construtores civis preocupados com privatização da Cimpor

Oposição firme ao monopólio privado e ao domínio estrangeiro. Exigência do fraccionamento da empresa e de participação no processo de alienação

Os industriais de construção civil e de obras públicas do Norte estão preocupados com a reprivatização da Cimpor, pelo que querem participar no processo de forma a evitar uma mera transferência de monopólio das mãos do Estado para as «de qualquer grupo económico privado, muito provavelmente sob controlo estrangeiro». «Queremos ser ouvidos num processo que pode ter repercussões severas sobre o futuro de centenas de milhar de famílias», diz a sua associação (AICCOPN) ao recordar que o cimento é uma matéria-prima essencial para o trabalho dos industriais que representa.

Considera, por outro lado, que a indústria do cimento é de «importância vital e estratégica para a economia portuguesa». Assim, diz, não pode aceitar que «o delicado equilíbrio entretanto conseguido venha a ser posto em causa». Mostra-se, portanto, apreensiva pelas «movimentações por parte de vários grupos, alguns de origem estrangeira», nomeadamente visitas a Portugal de responsáveis de grandes grupos estrangeiros, acordos celebrados entre a Cimpor e esses grupos, declarações públicas de dirigentes da empresa «que fazem recear pelo futuro dos cimentos em Portugal».

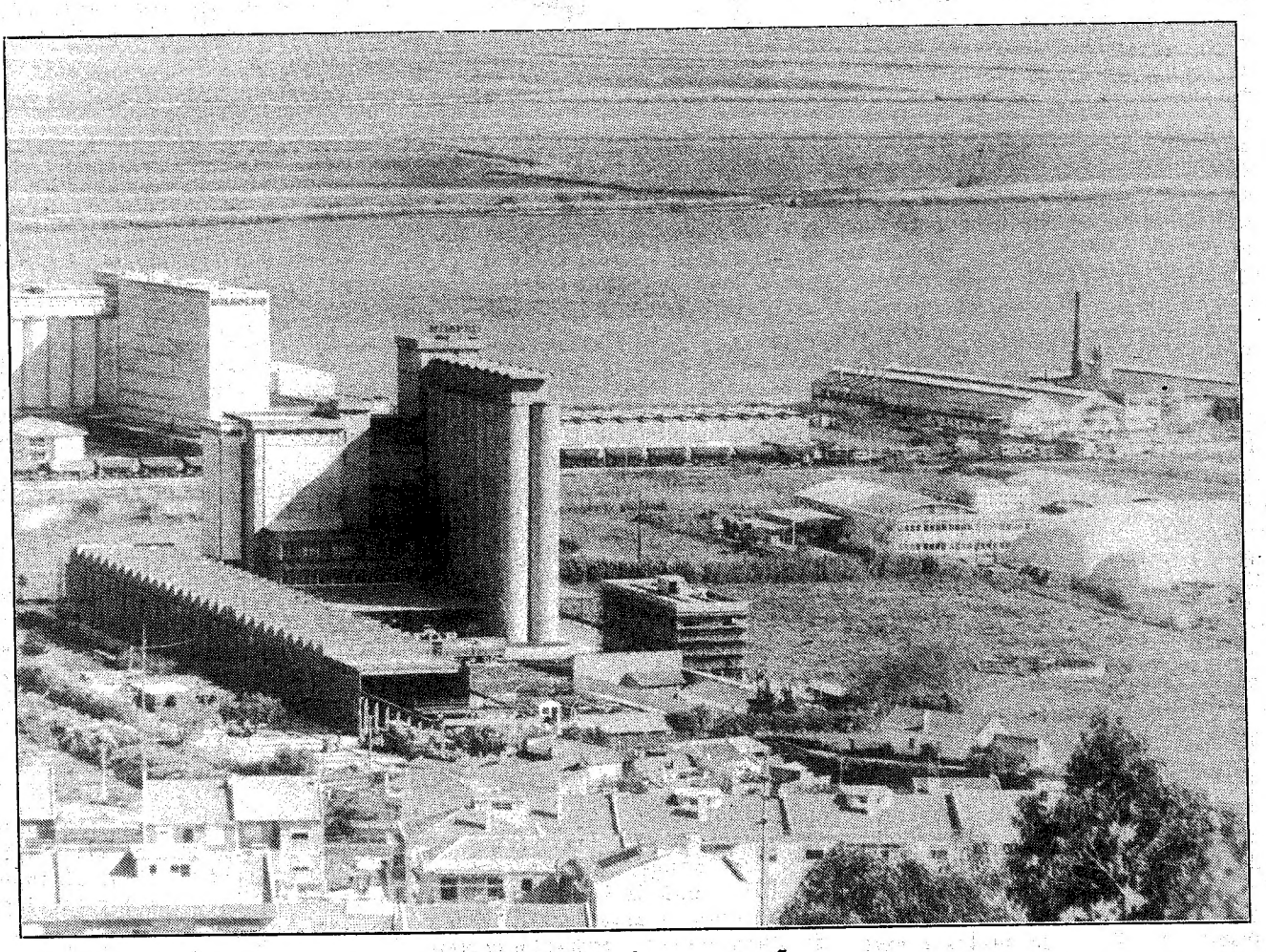
As regras

A referida associação não se opõe à privatização da Cimpor, desde que ela seja efectuada através de fraccionamento da empresa, contra os monopólios e contra o centralismo. «Sim à privatização, sim à regionalização, não aos monopólios», afirma.

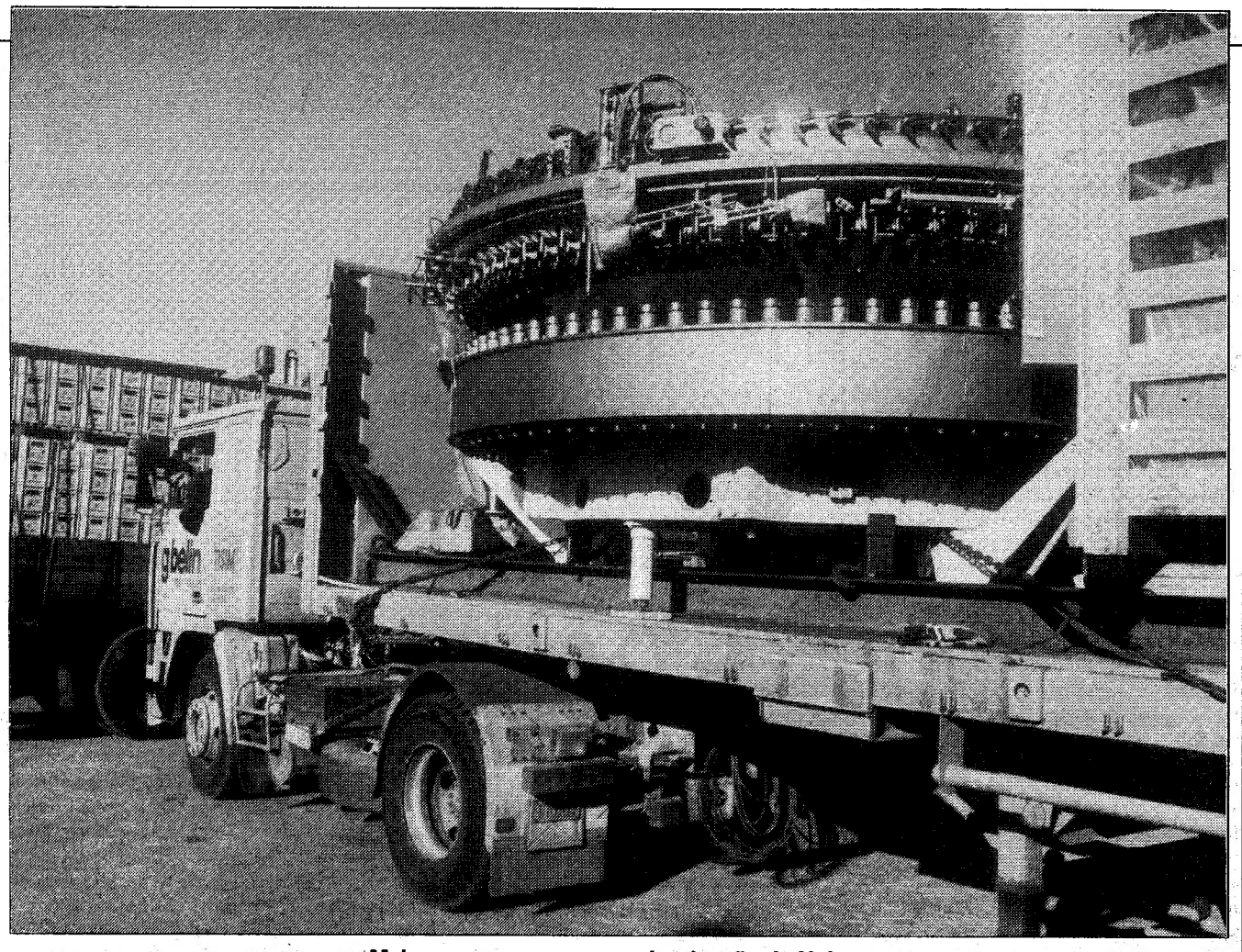
Recorda-se que a Cimpor tem unidades fabris em Souselas, Alhandra, Setúbal, Pataias e Loulé, pretendendo os industriais nortenhos da construção civil que elas sejam alienadas separadamente. Deste modo poderiam criar uma entidade que assumisse a maioria do capital na fábrica de Souselas, próximo de Coimbra.

A AICCOPN pretende, de qualquer das formas, ser informada sobre o que o Estado pretende fazer neste domínio e que o processo seja transparente, sendo ouvidos os empresários dos sectores que, a juzante da indústria cimenteira, serão afectados pelas decisões que vierem a ser tomadas sobre a Cimpor.

Redacção «DL»



Cimpor na origem de preocupações



Mais uma peça para a modernização da Unicer

Venda directa de empresas só em caso excepcional

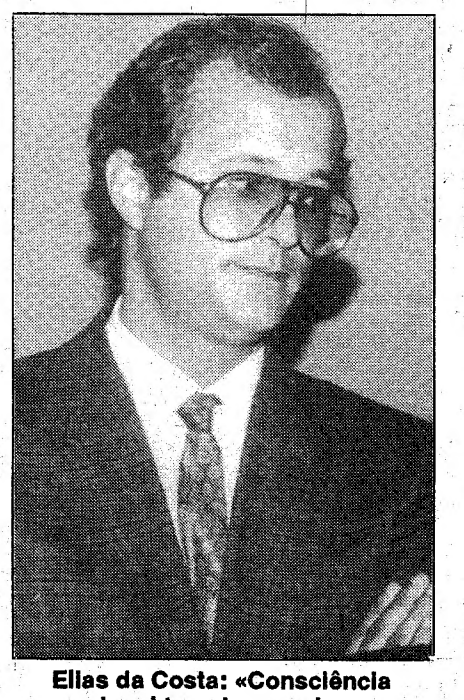
Até ao fim do ano vão ser reprivatizados dois bancos, duas seguradoras e uma cimenteira, num processo que o Governo quer gradual e com calendário flexível

«Não está prevista alguma venda directa nas reprivatizações», garante o secretário de Estado das Finanças, Elias da Costa, o governante que está encarregado de levar a cabo todo o processo. Acrescenta que o recurso àquela modalidade só se verificará se «o interesse nacional ou a estratégia empresarial o justificarem»

Se a reprivatização da Unicer e da Centralcer não apresentam obstáculos de maior, pois que se trata de empresas que não desempenham qualquer papel estratégico na economia portuguesa, já o mesmo não acontece com as que também são anunciadas para este ano: dois bancos (Totta & Açores e Português do Atlântico), duas seguradoras (Tranquilidade e Aliança) e uma cimenteira (Cimpor). Para além disso há a considerar o facto de poderem representar milhões de contos a mais para a capacida de dos investidores nacionais.

No entanto, o secretário de Estado das Finanças mostra-se confiante em dois mecanismos de controlo que poderão obstar a este último problema: o gradualismo das privatizações e a flexibilidade do calendário. Segundo diz, eles poderão fazer com que o controlo das empresas a privatizar fique em «mãos nacionais», especialmente quando relacionados com as limitações legais à participação estrangeira e à indisponibilidade, durante um determinado número de anos (máximo cinco), para as acções nacionais serem negociadas com estrangeiros.

Mas é evidente (pelo menos a experiência assim nos confirma) que não bastam as leis e as regras mais ou menos rígidas para evitar as golpadas. E, assim, Elias da Costa reforça os seus argumentos «institucionais» com um apelo à «consciência nacional», para que ela prevaleça sobre situações menos transparentes e para que as empresas acabem por ficar, por muitos e bons anos, em poder dos portugueses.



Elias da Costa: «Consciência nacional tem de prevalecer»

«Não temos xenofobia nacionalista, mas se os estrangeiros vierem com uma atitude dominante não a aceitamos», afirma o secretário de Estado das Finanças, que acrescenta: «Todos os estrangeiros que vierem com uma atitude de parceria com os interesses portugueses serão bem recebidos».

As próximas

A próxima privatização a cem por cento vai ser a do Banco Totta & Açores. Já anunciada para os últimos dias de Julho, não deverá ser ultrapassada por qualquer outra, embora estejam bastante avançados (e nalguns casos concluídos) os processos de avaliação.

No caso dos já concluídos estão o Banco Português do Atlântico e a Cimpor (cujo valor estimado de 300 milhões de contos posto a circular foi energicamente refutado por Elias da Costa).

Se o processo do Totta deverá ser mais ou menos pacífico, fora alguma tímida contestação para o valor atribuído às acções, já no que se refere ao BPA é o próprio Governo a avançar com uma «atitude de prudência». É que está em causa um dos maiores bancos comerciais portugueses, que interessa, para além de qualquer dúvida, manter sob domínio nacional. Por isso foi decidido reprivatizá-lo em três fase, sendo a primeira relativa apenas a 33 por cento do seu capital e as duas restantes a serem definidas conforme os resultados da primeira.

No que se refere à Cimpor, iguais cuidados está a ter o Governo na sua reprivatização, pois que se trata de uma empresa estratégica no campo industrial.

O Governo decidiu, portanto, responder primeiro à questão da estrutura e organização empresarial do sector cimenteiro, definindo depois a estratégia da privatização.

«Numa perspectiva da integração de Portugal na CEE torna-se necessário definir o que é que importa preservar no sector cimenteiro nacional: uma estrutura de monopólio ou um suporte empresarial diferente», diz Elias da Costa.

Nesta conformidade, acrescenta o secretário de Estado das Finanças, o Estado terá uma de duas opções no processo de privatização da Cimpor: ou ficar com a maioria do capital social ou simplesmente com uma acção de privilégio que lhe permita vetar todas os actos que sejam lesivos dos interesses da empresariais, sectoriais ou nacionais.

No entanto, embora reconhecendo que se estão a verificar «pressões» para que uma decisão seja tomada, «neste momento nada há sobre esta matéria», pelo que, conclui, «tudo o que se diga não tem fundamento».

Redacção «DL»

COMENTÁRIO

Jogar à defesa

O Governo está a jogar à defesa no processo das reprivatizações. Assim o indica a metodologia adoptada, a demonstrar pouca confiança (e de capacidade) nos investidores nacionais. Avançar «tão célere quanto a prudência o permitir» (segundo afirma o secretário de Estado das Finanças) é o espírito que preside à cautelosa actuação do Executivo.

Nada temos a opor a tanta prudência, pois que ela, infelizmente e ao contrário do que o Governo tem apregoado nos seus discursos políticos, será perfeitamente justificada. Temos visto a facilidade com que empresários portugueses vendem empresas a grupos estrangeiros, sem qualquer sentido de negócio ou nacional. Sabemos que não é fácil aos grupos económicos portugueses, alguns deles em plena formação, angariar os muitos milhões de contos que lhes permitam concorrer com eficiência às muitas reprivatizações que se aproximam.

Prudência no estabelecimento do calendário, mas também nos métodos. Estes a mudarem a «filosofia» do processo, passando-se de um «capitalismo popular» defendido por Miguel Cadilhe, com ofertas públicas de venda pelo melhor preço, para a constituição de núcleos duros, com base em preços fixos das acções, que Miguel Beleza considera essenciais para tomar conta das empresas e mantê-las em mãos nacionais.

Quer isto dizer que a metodologia agora adoptada permite ao Governo controlar até ao pormenor todo o processo, podendo até, se a isso se dispor, antecipar os resultados. Basta para tanto querer manter-se (bem) informado.

O processo vai avançando com a transparência, em princípio, por todos desejada. Duas avaliações independentes, análise dos seus resultados pela administração da empresa a reprivatizar, que se repete na comissão técnica que funciona junto do Secretário de Estado das Finanças que, por seu turno, tem uma palavra a dizer e, finalmente, acompanhamento pela respectiva Comissão das Privatizações.

Não se têm ouvido grandes gritos de protesto, mas o processo ainda agora se iniciou a sério. E ele vai durar anos: a reprivatizar e a verificar da bondade dos métodos adoptados, da firmeza dos núcleos duros entretanto constituídos, do seu sentido nacional.

Sentido nacional que não pode significar rejeição de tudo o que for estrangeiro. Quer dizer, não será caso para se gritar «traição à Pátria» apenas porque se levou a cabo uma aliança com capital estrangeiro, muitas vezes essencial num país que necessita de internacionalizar a sua economia, mas que tem confrangedoras carências a nível dos canais de comercialização.

É essa a «consciência nacional» que tem de prevalecer, como pretende o secretário de Estado das Finanças: a que permite manter «em mãos» nacionais as empresas portuguesas, mas que tem a lucidez de se abrir à cooperação mutuamente gratificante com as empresas estrangeiras.

Por isso, jogar à defesa é capaz de ser uma boa táctica num jogo que vai ser de ataque e em que alguns dos intervenientes não terão qualquer hesitação em tentar iludir as regras para alcançar objectivos que nada têm a ver com a economia portuguesa e com os interesses nacionais. Vai demorar anos a ter-se certezas, a saber-se o resultado do jogo. Para Portugal, se ganhar, o prémio é bem mais importante que a taça do Mundial de Futebol, da qual nem o cheiro temos, porque os jogadores portugueses não souberam marcar golos na altura certa, sofrendo-os na altura errada. E não há prudência nem transparência que garanta o sucesso das reprivatizações se o Governo actuar da mesma forma.

Victor Leitão

POLÍTICA

Melancia tenta activar relações com a China

O Governador de Macau, Carlos Melancia, analisou ontem com o Presidente da República a questão das relações entre Portugal e a República Popular da China. Segundo o responsável pela administração daquele território, existe um quadro novo após a última reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE e Portugal não estará a acompanhar devidamente a nova situação, correndo o risco de ver prejudicados interesses importantes do País naquela zona do mundo.Acompanhado pelo embaixador João de Deus Ramos, novo secretário-adjunto para a Transição, Melancia jantou ontem com Mário Soares, após a reunião que tiveram ao fim da tarde.

Durante o encontro terão sido abordados ainda outros assuntos, designadamente o pedido de exoneração do secretário adjunto da Justiça, Magalhães e Silva, tornado público na semana passada e a polémica questão do discurso do ministro Dias Loureiro.

O Governador de Macau, que fez um breve intervalo na reunião para falar aos jornalistas, contesta ter feito quaisquer cortes ao dircurso de Dias Loureiro e afirma que foi lido aquilo que o ministro quiz que fosse lido.«Hoje à tarde estive com o sr. ministro Dias Loureiro. Estivemos a esclarecer estes problemas surgidos na comunicação social. Não há nenhum problema entre mim e o sr. ministro Dias Loureiro. Havia um conjunto de coisas que era preciso esclarecer e que estão esclarecidos».

Carlos Melancia disse ter tomado conhecimento ontem do pedido feito pelo grupo parlamentar do PSD para ser ouvido na AR com Dias Loureiro e adiantando a sua disponibilidade para o efeito.

«Tenho todo o prazer em ir à Assembleia da República para esclarecer estes assuntos, como de resto tenho sempre feito, e estou disponível para o fazer. Mas é bom que fique claro que não sou pessoa para fazer censuras. Não há confusões acerca disto».

Esta tarde, às 15 horas, Melancia terá um encontro com o primeiro-ministro, Cavaco Silva.

A.V.

Frequências regionais de Rádio

PS propõe inquérito

O Partido Socialista apresenta esta tarde na Assembleia da República um pedido de inquérito sobre a atribuição das frequências regionais de rádio.

O relator do inquérito, Alberto Arons de Carvalho, deverá desenvolver as ideias base reveladas há dois dias em conferência de Imprensa, dando agora mais pormenores sobre o atraso na publicação da lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

O assunto foi referido na última edição do «Expresso», que citava a preplexidade de fontes de Belém perante a demora na publicação da lei. O semanário refere ainda que fonte governamental acusa os serviços da Assembleia pelo atraso.

No entanto, as informações recolhidas pelo Diário de Lisboa apontam para uma intencionalidade, mais do que uma coincindência, pelo facto da lei da Alta Autoridade ter sido enviada para a Imprensa Nacional para publicação no Diário da República, no mesmo dia em que Albino Soares despachou os resultados do concurso sobre a atribuição das frequências regionais.

Tudo indica que a lei terá andadado «perdida» na Assembleia da República durante cerca de um mês e na impossibilidade de manter a situação por mais tempo o secretário de Estado Albino Soares terá acelerado o processo de atribuição das frequências, analisando os processos «em apenas dois ou três dias», referem os socialistas.

Se tivessem sido cumpridos os prazos normais, a lei da Alta Autoridade entraria em vigor antes do concurso, o que obrigaria a atrasar o processo de atribuição, já que seria o novo órgão e não o Conselho Consultivo da Rádio a tomar a decisão sobre a qualidade dos projectos dos candidatos.

No inquérito parlamentar, o PS vai tentar apurar as condições em que se realizaram as reuniões de apreciação dos projectos, a periodicidade e a assiduídade dos membros da Comissão.

O pedido de inquérito do PS vai ainda apresentar algumas questões sobre a presença no Conselho Consultivo da Rádio de dois dos principais interessados nas frequências: Carlos Barbosa, dono do Correio da Manhã Rádio e Manuel Teixeira, dono da Rádio Press.

Diligências para substituição

Manuel Teixeira tinha pedido a substituição já algum tempo e o DL apurou que foram feitas diligências por parte do Governo e da Assembleia da República junto da Associação da Imprensa Diária, no sentido de substituir Carlos Barbosa, mas esta hipótese não terá sido aceite pelo visado.

Os socialistas vão fazer perguntas quanto à fundamentação da escolha dos dois vencedores. Se em Lisboa a fundamentação foi cuidada de forma a não levantar qualquer espécie de «lebre» - o relator foi o delegado de Albino Soares - no Porto a fundamentação que justificou a atribuição da frequência à Rádio Press é mais fraca. O relator do Norte, Sebastião Garcia, votou vencido e limitou-se a recolher a opinião dos que escolheram a Rádio Press.

O inquérito do PS deverá ainda colocar algumas perguntas sobre os níveis de audiência, «que dão a Rádio Press e o Correio da Manhã Rádio como menos aptas no Porto e em Lisboa» e questionar os membros do Conselho Consultivo sobre a hipótese de terem sido ouvidos os concorrentes, antes da decisão final. Esta pretensão foi defendida desde o início pela Rádio Colina, segunda classificada na atribuição da frequência para o Sul.

O pedido de inquérito do PS terá o apoio do CDS, que em matéria de Comunicação Social se tem manifestado adversário do «Estado laranja».

M.J.R.

«Os Verdes» a braços com guerras intestinas

O conflito interno no interior de «Os Verdes» poderá vir a ter de ser dirimido pela via judicial, particularmente no que diz respeito à legitimidade dos órgãos representativos do partido - admitiu esta manhã em Lisboa o deputado Herculano Pombo.

Em causa, o extremar de posições resultante dos acontecimentos do fim-de-semana passado, para o qual estava convocada uma reunião do Conselho Nacional. Ontem, em encontro com a Imprensa, o grupo adversário de Pombo, por ele acusado de ter procedido a um «inqualificável atropelo da legalidade democrática», sustentou a legitimidade das suas decisões: eleição de uma nova Comissão Executiva (CE) e estabelecimento de um calendário de preparação de uma Convenção Extraordinária, em Outubro, entre outras.

Essa tendência, cujas principais figuras são André Martins, Manuela Cunha e Isabel Castro, assegurou que dispôs de um quorum de 27 elementos para poder realizar o Conselho Nacional e reconheceu que integrou na nova CE personalidades, como Maria Santos e o próprio Pombo, sem consulta prévia, sob o argumento de representação das diversas sensibilidades.

Foi precisamente com o objectivo de esclarecer perante a Opinião Pública a caricata situação da existência de dois conselhos nacionais e de duas comissões executivas que o grupo da deputada europeia convocou para esta manhã uma conferência de Imprensa. Herculano Pombo exibiu documentos comprovativos da legalidade do CN de que faz parte, sobretudo a lista depositada no Tribunal Constitucional.

O deputado afirmou que, à luz dois estatutos, o Conselho é eleito em Convenção e não por si próprio e desmentiu o número de presenças anunciado: na sala do Conselho terão ficado apenas dez eleitos, «a que se juntaram alguns cooptados». A polémica questão dos eleitos regionais para o CN foi abordada pelas duas partes. Para Manuela Cunha, o que se passou teve a ver com o facto de «nem todos os 'verdes' serem conhecidos pelos dirigentes». Pombo, porém, deixou claro que se abriu a porta a «intrusos», num «autêntico caso de polícia». Disse, preto no branco, que em algumas assembleias regionais participaram militantes do PCP.

Herculano Pombo

O grupo contrário, porém, recusa-se a inscrever este confronto na questão da presença do PEV na coligação CDU, aliás ainda não oficialmente reequacionada. Tratar-se-á, em seu entender, de uma «crise de crescimento», que «exige» a ultrapassagem do informalismo organizacional, tradição no partido.

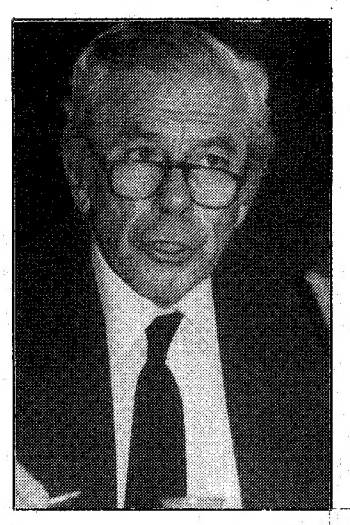
P.M.

À FALA COM...

Gonçalo Ribeiro Telles

«Os monárquicos não são cidadãos de segunda»

Muitos consideram-no a alma do Movimento Alfacinha. Cem por cento monárquico, Gonçalo Ribeiro Telles deixou a Câmara da capital, mas continua a ser militante da causa lisboeta. Na sua vida surge agora outra missão: a de Chanceler das Ordens Nacionais.



Diário de Lisboa- *Foi nomeado e tomou ontem posse no cargo de Chanceler das Ordens Nacionais. Não é contraditório que seja um monárquico a atribuir os galardões instituídos pela República?*

Ribeiro Telles-Não. Porque é que havia de ser contraditório? As pessoas não são agraciadas pela República ou pela Monarquia. Elas recebem galardões nacionais. Além disso, os monárquicos não são cidadãos de segunda. Foi o Presidente da República que me escolheu para este cargo e estamos numa democracia. Se porventura não se aceitassem monárquicos então seria de considerar a República como um regime anti-democrático.

«DL»-*Como está hoje o Partido Popular Monárquico?*

R.T.- Pertenço ao Conselho Nacional do PPM e na minha opinião, o partido vai bem. Só não se repara mais nele e nas actividades que desenvolve porque são pouco divulgadas e porque a Comunicação Social dá pouca importância aos pequenos partidos.

«DL»-*Qual a sua opinião sobre a criação das regiões administrativas?*

R.T.- Não acredito nas regiões administrativas que se querem criar, acho que são artificiais. Na minha opinião, as regiões administrativas que se deveriam criar e que se ajustam mais a uma divisão natural deveriam ser 40. Se não seguirmos esta orientação corremos o perigo de diluir a nossa identidade na Europa.

«DL»- *Continua a dedicar-se a Lisboa, agora que deixou a Câmara?*

R.T.- Sim, através do Movimento Alfacinha, pondo em prática o seu programa de defesa dos valores da cidade. É curioso o facto de várias forças políticas irem buscar ao Movimento ideias em tempo de campanha eleitoral. Agora é que eles deviam defender aquilo que preconizamos. Mostrarem-se contra o projecto do Alto do Parque que é inadequado à estrutura da cidade.

«DL»- *O vereador Luis Coimbra anunciou que votará contra o projecto do Tivoli. Concorda? Que comentário lhe oferece a actuação daquele vereador monárquico na Câmara de Lisboa?*

R.T.- Em primeiro lugar, acho que a posição do engenheiro Luis Coimbra relativamente ao Tivoli é correcta e coerente, pois o projecto está fora de todas as propostas do Programa Alfacinha. Em segundo lugar, Luis Coimbra tem actuado positivamente e tem tido êxito na aplicação das verbas no seu pelouro.

«DL»-*Concorda com o Plano de Pormenor de Recuperação do Chiado?*

R.T.- Sim. Penso que o exemplo deveria ser seguido, porque o plano de Siza Vieira segue a filosofia certa , não afoga a cidade, tem uma identidade própria e é sóbrio.

L.A.B.

POLÍTICA

BREVES

Governo var regular «leasing» imobiliário

O diploma regulamentador da actividade das sociedades «leasing» do sector habitacional será discutido em Conselho de Ministros no próximo dia 12 de Julho - revelou à agência Lusa o secretário de Estado do Tesouro. De concreto, sabe-se apenas que esta actividades é vedada aos bancos e que a nova legislação não prevê a concessão de benefícios fiscais a estas sociedades.

Correia de Jesus tranquiliza «canadianos»

Os indocumentados e refugiados portugueses no Canadá podem ficar «tranquilos» - afirmou ontem em Lisboa o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas. Correia de Jesus, que falava à Lusa, após uma reunião com o ministro da Cidadania e do Multiculturalismo de Ontário, reconheceu que a questão continua a preocupar o Governo. Salientou, porém, a «atitude positiva» das autoridades canadianas.

Segurança interna na comissão da AR

O aumento moderado da criminalidade em 1989 não é de molde a pôr em causa a «situação invejável» do nosso País em matéria de segurança interna - esta uma das principais conclusões de um documento, elaborado pelo gabinete do primeiro-ministro, que o ministro da Administração Interna está a discutir com a comissão parlamentar de direitos, liberdades e garantias, em reunião que está a realizar-se à hora a que fechamos esta edição.

Macário em defesa da camada de ozono

Macário Correia participa a partir de hoje em Londres na Conferência de Ozono, cujo principal objectivo é a elaboração de um acordo para a proibição do uso de clorofluorcarbonetos. Os cerca de 60 países presentes admitem a necessidade de evitar que a camada de ozono seja danificada. Subsistem, porém, divergências quanto à atribuição da responsabilidade de financiamento da tarefa.

Portugal e Moçambique cooperam na justiça

Portugal e Moçambique assinaram ontem em Lisboa um protocolo de cooperação jurídica que vai permitir, no entender do ministro moçambicano da Justiça, Ussamane Dauto, tornar possível, a médio prazo, colmatar as carências do país neste domínio. O acordo ora selado prevê a constituição de equipas de magistrados e funcionários para fazer o levantamento da situação.

Cheney visita Portugal em Julho

O secretário da Defesa norte-americano passa por Lisboa em meados de Julho, no final de um périplo de duas semanas pelo flanco sul da Aliança Atlântica. Richard Cheney inicia a viagem no próximo domingo em Espanha, seguindo depois para a Noruega, Creta, Grécia e Turquia.

JS quer voluntariado no serviço militar

A Juventude Socialista propôs ao ministro da Defesa, Fernando Nogueira, o regime de voluntariado na prestação do Serviço Militar Obrigatório e a elaboração de um «estudo profundo» sobre a aplicação dos recursos postos à disposição das Forças Armadas. A JS apresentou também uma proposta para a criação de «um período de incorporação que concilie a vontade do jovem com as necessidades da programação militar».

Intervenção Democrática debate integração europeia

Amanhã, pelas 21 horas, a Associação Intervenção Democrática promove um debate público sobre a integração na CEE, coesão europeia e dimensão social. O deputado europeu, Barros Moura, e Vasco Cal, membro do Comité Económico e Social da Comunidade, apresentam comunicações.

Cavaco Silva no final da cimeira da CEE:

«Somos europeus mas não ingénuos»

O primeiro-ministro Cavaco Silva, no final da cimeira da CEE em Dublin, disse aos jornalistas portugueses que «somos europeus, apoiamos o aprofundamento da integração europeia, mas não somos ingénuos, nem parvos».

Esta declaração do chefe do Governo é a resposta a algumas críticas dos partidos da Oposição que desejam uma aceleração da adesão portuguesa à União Política e à União Económica e Monetária.

Cavaco Silva reafirmou o empenhamento do seu Governo na construção da União Política, desde que não seja posta em causa a vocação atlântica e africana do país.

Salientou o facto de o processo de integração europeia ter de respeitar «a especificidade de cada um dos Estados membros», seguindo a filosofia de que a «comunidade é um projecto aberto e não deve ser comparado a uma confederação ou a uma federação de países».

As preocupações de Cavaco Silva prendem-se com a necessidade de garantir «o respeito pela identidade e instituições nacionais, bem como o respeito pela soberania». Estas são, para o chefe do Executivo, algumas premissas consideradas essenciais para balizar a conferência destinada a alterar os tratados, com o objectivo de assegurar o processo da União Europeia.

O primeiro-ministro apoiou a simultâneidade das duas conferências intergovernamentais, agendadas para 13 e 14 de Dezembro, alegando que é possível jogar com cedências num lado, para obter noutro.

Cavaco Silva justificou a alteração da posição do seu Governo em relação a esta matéria, dizendo que inicialmente defendia um processo sequencial de conferências (primeiro a União Económica e Monetária e depois a União Política) porque ainda não tinham sido definidos os parâmetros.

Entretanto, o PS e o CDS decidiram ontem pedir ao primeiro-ministro um novo encontro com os líderes da oposição «para saber o que se passou» na Cimeira de Dublin.

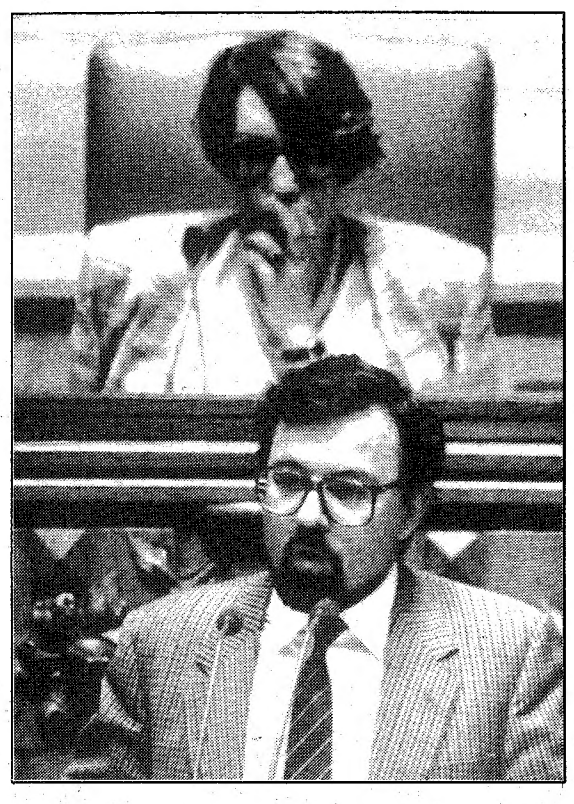
A decisão foi tomada numa reunião que reuniu delegações dos dois partidos.

Aqui quem manda és tu.
Vem ao Jardim Zoológico. E traz os teus pais, senão eles ficam umas feras. É que agora no Jardim Zoológico há mais coisas para ver e fazer. O "Show dos Golfinhos", a boneca Eva, animais novinhos em folha e esplanadas para eles se sentarem quando estiverem cansados, os pais claro!
Vá, lê depressa, vai ter com eles e solta um rugido.
Ah! Se os teus pais não entenderem, o que é de esperar, explica-lhes que quer dizer:
"QUERO IR AO JARDIM ZOOLÓGICO!"

JARDIM ZOOLÓGICO
E DE ACLIMAÇÃO EM PORTUGAL, S.A.
LISBOA
INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

DÊ MAIS VIDA AO ZOO

BOCA DE CENA



Um ministro para a história

António Campos acusou o ministro da Agricultura de pretender acabar com os 80 a 90 mil hectares de terras sobrantes da Reforma Agrária («Insignificantes na parcela de milhão e meio de hectares, mas suficientes para segurar alguns poucos milhares de agricultores ligados à terra»), ao mesmo tempo que dá «tanto apoio às quatro fábricas de celulose que hoje já têm na mão mais de 250 mil hectares, a maioria no Alentejo, para a plantação de eucaliptos».

«O senhor pode não fazer nada de perdurável na vida: mas pode estar certo que ficará na história como o ministro que despovoou o Alentejo», advertiu o deputado socialista, de dedo em riste para Arlindo Cunha.

Cacetes & cassetes

Arlindo Cunha fez o discurso ideológico sobre a Reforma Agrária, vituperando a «agitada experiência totalitária», falando dos kholkoses e do que se passa, actualmente, no Leste para justificar a excomunhão aplicada à «filosofia colectivista» subjacente ao uso da terra no Alentejo no pós-25 de Abril. Mas fê-lo em termos suficientemente primários, na forma e no conteúdo, para ninguém se surpreender quando Carlos Brito qualificou de «caceteiro» o estilo ministerial.

Arlindo Cunha teve na resposta uma saida para fazer sorrir os observadores neutrais no plenário:

«Aceito a sua opinião de que o meu estilo seja caceteiro», replicou o ministro ao líder comunista. «Espero que também aceite que eu considere o seu como casseteiro».

A hora da justiça

Emotivamente, como extremamente emotiva foi a sessão de ontem no Parlamento -provável prelúdio de mais violentas escaramuças pela posse da terra no Alentejo- o deputado João Amaral jurou do alto da tribuna que «ninguém vai esquecer tanta prepotência e tanta injustiça» do Governo, dado que «o pedestal destes padrinhos é fraco, é feito da lama com que se emporcalharam».

«Há-de chegar a hora da justiça! Há-de chegar», disse o deputado do PCP, enquanto centenas de trabalhadores agrícolas alentejanos se retiravam das galerias, com lágrimas nos olhos -as suas lágrimas e as dos seus maiores- por verem a maioria da Assembleia da República aplicar sem piedade a sentença de morte ao que resta da Reforma Agrária.

Agora a vez da petição

Debatidas na generalidade as alteração à Lei de Bases da Reforma Agrária, o diploma seguiu para a Comissão de Agricultura onde lhe será dada a versão final, provavelmente esta que os deputados do PSD avalizaram, para já. Mas a questão não fica assim, independentemente do recurso ao Tribunal Constitucional anunciado pelo PCP.

Ontem mesmo foi entregue na Assembleia da República uma petição apoiada em 7.500 assinaturas, mais que suficientes para forçar novo debate no plenário. O mais certo é a Reforma Agrária vir a inaugurar este novo instituto das petições criado pela revisão constitucional.

Cinco mil trabalhadores agrícolas das UCP's remanescentes e alguns, menos, pequenos agricultores que ganham a vida como rendeiros em terras nacionalizadas são as vítimas directas da última escaramuça pela Reforma Agrária que o Governo deslocou ontem para o Parlamento

A última fronteira

A última linha de defesa, atrás da qual se abrigavam os cinco mil sobreviventes das batalhas pela posse da terra no Alentejo, caiu ontem, ao fim da tarde. A revisão constitucional já minara as posições ocupadas por esses trabalhadores agrícolas ao eliminar da Lei Fundamental todas as referências à Reforma Agrária. Ontem, o Governo apresentou uma proposta de alterações à Lei de Bases da Reforma Agrária que, no dizer de Arlindo Cunha, ministro da Agricultura, pretende «resolver», o mais tardar até ao fim do ano, «alguns casos ainda existentes». Esses casos são as cooperativas agrícolas remanescentes e os pequenos agricultores que receberam terras do Estado e as têm explorado nos últimos anos a título de arrendamento.

O ministro comprometeu-se a apresentar, logo que os tais casos estejam resolvidos, a Lei de Bases do Fomento Agrário e das Estruturas Fundiárias aplicável por igual a todo o País. Arlindo Cunha o disse: é a consagração definitiva da extinção da Zona de Intervenção da reforma Agrária e o fim da «filosofia colectivista e estatizante do uso da terra».

Para além da batalha parlamentar verbal contra a aprovação da lei, em que se envolveu emocionadamente quase toda a oposição, o que ficou do debate de ontem em S. Bento é a promessa de que esta questão irá parar em breve ao Tribunal Constitucional. Isto por que o Partido Socialista, por intermédio de Almeida Santos, diz ter o Governo ultrapassado a fronteira delimitada pela revisão constitucional, o Partido Comunista assegura estar a operar-se uma «grosseira viloação da Constituição» e o CDS se queixa de que o Governo pecou por omissão, ou seja, ficou aquém do que o autorizavam os preceitos constitucionais.

Prontos a dissolver 138 cooperativas

Das 550 cooperativas agrícolas que em 75/76 ocupavam uma área estimada em 1,3 milhões de hectares, restam hoje 138 instaladas am 67 mil hectares de terras expropriadas. Há ainda 70 mil hectares utilizados pelas cooperativas, em regime posterior de arrendamento, dos quais cerca de 25 mil hectares pertença do Estado. Em conjunto, são cerca de cinco mil trabalhadores agrícolas cujos postos de trabalho foram directamente postos em causa pelas alterações à lei ontem dicutidas na Assembleia da República.

Estas alterações abrangem ainda 140 mil hectares distribuidos, durante a evolução deste violento e árduo processo em terras do Alentejo e Ribatejo, por pequenos agricultores: muitos deles foram beneficiados por gestos eleitoralistas de vários governos, o primeiro dos quais o de Sá Carneiro que iniciou esta especialíssima forma de exploração da terra, básicamente de raiz familiar, para vincar o contraste com as grandes explorações a cargo das Unidades Colectivas de Produção (UCP's).

Toda esta gente passou a ter o seu futuro comprometido com a apresentação da proposto do Governo. Pela frente volta a ter, como dizia ontem um deputado do Partido Socialista, os velhos fantasmas que desabavam ciclicamente sobre o Alentejo: o desemprego, a fome e a miséria. Para os mais novos, este é mais um empurrão para se encaminharem às grandes cidades, à indústria e aos serviços, enfim, para a emigração. Para os mais velhos, já suficientemente escaldados nos tropeços da vida nos campos, durante a última década e meia, esta é a última barreira derrubada e que ainda os protegia dos maus ventos do passado.

Numa palavra, tal como gritou António Campos, dirigindo-se directamente ao ministro da Agricultura, «enquanto os nossos parceiros da Comunidade pagam aos seus agricultores para os fixarem no mundo rural, o Governo português, com esta lei, empurra-os para longe da terra».

Recurso anunciado ao Tribunal Constitucional

Se esta lei for aplicada -e o Partido Comunista diz que o não será nunca, recorrendo para já ao Tribunal Constitucional- as consequências directas para os pequenos agricultores e para as cooperativas abrangidas serão as seguintes, consoante a natureza da propriedade das terras que ocupam:

- Cooperativas instaladas em terras expropriadas da zona da Reforma Agrária: dissolução pura e simples com as terras devolvidas aos antigos proprietários. Mesmo que pretendem celebrar contratos de arrendamento com os novos-velhos proprietários, a lei só os autoriza até ao limite de 90.000 pontos: pode ser bastante para uma família, é uma inviabilidade para qualquer cooperativa.

- Cooperativas e pequenos agricultores que tinham recebido a posse útil de terras do Estado, com ou sem contrato de arrendamento: as terras são devolvidas aos antigos proprietários, podendo os rendeiros manter-se nelas durante um período máximo de 19 anos, na condição de celebrarem um novo contrato de arrendamento, pois o actual caduca. Um óbice que desiquilibra os seus cálculos de futuro: com esta transferência de propriedade, do Estado para os velhos senhores, as rendas vão subir vertiginosamente calculando-se que aumentem 10 a 20 vezes. Muitos destes pequenos agricultores receberam a terra, directamente, das mãos de Sá Carneiro. Se agora quiserem manter o usufruto dessa generosidade vão pagá-lo com língua de palmo.

A isto chamou o ministro «uma viragem histórica na agricultura portuguesa»; para Lino Carvalho, deputado do Partido Comunista, não passa da «versão historicamente repetida e requentada da revolução liberal do século XIX quando, à extinção e expropriação de 510 congregações religiosas, se sucederam 623 novos proprietários.

Hermínio Martinho, líder do PRD, ele próprio um agricultor com conhecimento de causa, qualificou a proposta de lei ontem discutida como «a derrota, sem glória nem proveito para o sector agrícola, de um ideal nobre e justo» e o regredir a «uma situação anacrónica, assimilável à que se vivia há 50 anos atrás».

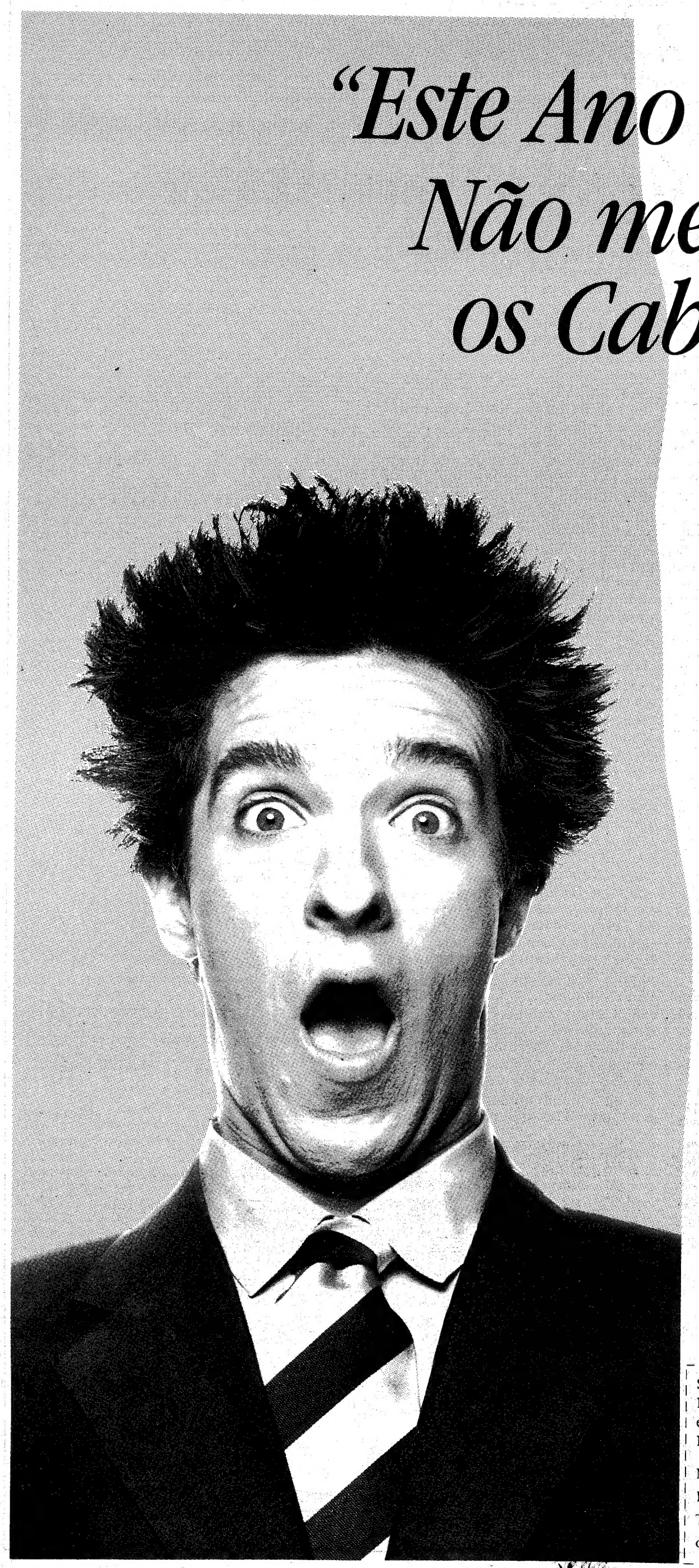
«Com esta proposta de lei», disse Hermínio Martinho, «o PSD e o Governo têm por objectivo apagar da letra da lei e, se fosse possível, da memória dos homens, qualquer referência, sinal ou lembrança da Reforma Agrária».

«Vã ilusão, mas também expressão da má e pesada consciência pelo mal praticado» acrescentou o dirigente e deputado do PRD para concluir que «esta lei é mais um exemplo de como uma certa imoralidade e uma certa preversidade política se instalaram neste Governo, o qual vai sucumbindo a pressões e interesses de grupos minoritários».

Daniel Reis

Lino Carvalho, Rogério de Brito e Carlos Brito: a bancada do PCP bate-se até às últimas consequências para não deixar cair a Reforma Agrária

"Este Ano os Impostos Não me vão deixar os Cabelos em pé."



"Para mim, que sou profissional liberal, os impostos já não constituem problema.
Abri uma Conta NovaRede.
Pela primeira vez um Banco ajuda-me a pagar o IRS através de um crédito especial.
CREDImposto NovaRede.
Para pagar a tempo e de uma forma bem mais simples!"

NovaRede

Banco Comercial Português

Inovação e Rapidez

Se deseja obter mais informações acerca do CREDImposto NovaRede, envie-nos este cupão, devidamente preenchido, em letra bem legível, para:
NovaRede - Av. Almirante Reis, 103 - 7.º 1100 LISBOA

DI

NovaRede
Banco Comercial Português

Nome _____

Morada _____ Cod. Postal: _____

Telef. _____

ou contacte a Linha Directa: LISBOA (726 70 40), PORTO (600 33 23)

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

EUROBOTADAS

Com uma ascensão fulgurante que o transportou de Loulé a Estrasburgo, o deputado Mendes Bota é um dos mais notáveis exemplares de um certo estilo de cavaquismo musculado e populista que fez furor nos últimos anos em Portugal. São da sua autoria saídas tão inesperadas como a de baptizar de «*jackpot» ao contrário* a vida de um deficiente, frase que lhe ouvi há anos no hemiciclo de S. Bento. Dele ainda uma cândida edição de autor de poemas eróticos, de inspiração claramente automobilística.

Não sei que «dossier» ocupam o deputado algarvio em Estrasburgo. Mas imagino algumas dificuldades de tradução nos auscultadores dos seus pares quando desata a exprimir aspirações como a de trazer o TGV para o Algarve.

Há dias Mendes Bota concedeu em Bruxelas uma entrevista radiodifundida que teve a maior repercussão. Instado a pronunciar-se sobre os três problemas mais graves que se lhe tinham deparado ao instalar-se naquela cidade como parlamentar europeu, Bota respondeu sem pestanejar: a poluição, o trânsito congestionado e a burocracia belga. E para maior realce, acrescentou: é que nós em Portugal temos uma reforma administrativa e está tudo simplificado. Aqui, é pior que na Turquia!

Os leitores saberão que cito de ouvido, que o tenho bom, por me não ter sido possível obter «cassete» gravada com o teor integral da histórica entrevista. Mas o peso das reflexões eurocríticas de Mendes Bota não se perderá, creio, nesta versão das suas respostas.

Quem conhecer um pouco da Bélgica e em particular de Bruxelas, imaginará que Bota se enganou no mapa. Trata-se de uma capital tranquila, basicamente ocupada por serviços, com extensas zonas de parque onde o deputado algarvio confessou adorar fazer «jogging», tanto mais que todos os transeuntes sorriem para ele quando o vêem passar, segundo ele próprio especificou. Que fariam eles se pudessem conhecer a extensão e profundidade do seu pensamento político! Não sabemos pois quais os indícios em que Mendes Bota se baseou para ver tanta poluição em Bruxelas, mas podemos sugerir-lhe que venha fazer «jogging» até ao Barreiro, ou que se passeie pela tardinha nas proximidades mal-cheirosas de uma das muitas ETAR's feitas à pressa ao longo da costa algarvia, e de poluição falaremos depois.

O trânsito congestionado é outro dos problemas de que Bota se queixa em Bruxelas. Que dizer então da série de túneis que perfura a cidade e permite atravessá-la em poucos minutos? Ou da excelente ligação entre os mesmos e as saídas interurbanas? Ou ainda da rede de auto-estradas de que os belgas se orgulham e onde se deram ao requinte de instalar iluminação pública idêntica à das zonas urbanas? Pergunto-me em que raio de percurso terá o eurodeputado tido a pouca sorte de encalhar para lhe ocorrer uma resposta destas. A menos que esteja nostálgico *de um bom engarrafamento à portuguesa*, sobre a ponte, a caminho do Algarve...

Resta-nos o terceiro problema: a burocracia belga, pior que a turca. Aqui Mendes Bota excedeu-se. É certo que os belgas são extremamente meticulosos e disciplinados, exasperando a nossa rebaldaria latina com a sua mania de cumprimento do dever. Mas se há administração que funciona, inexorável e precisa, é exactamente a belga. Será que Bota terá tomado por belga o aparelho comunitário, esse sim dinossáurico e supermoroso? E que conhecimentos de Direito Administrativo comparado não lhe terá custado a referência à Turquia, onde desconhecemos se já tera posto o europé?

«Boutades», dirão os leitores. Mas vindas da boca de um representante pátrio e bem remunerado só podem deixar-nos mal. Por muito menos perderam tantos jovens este ano a entrada no ensino universitário, com negativas na PGA. Já que aos políticos não se exige um exame prévio de cultura geral e boas maneiras, recomende-se ao menos, sempre que estão no exterior, um pouco de contenção em defesa do nosso bom nome.

Vem o PSD fazendo um enorme alarido contra o presidente da Câmara do Porto, por mor da acumulação dos cargos de autarca e parlamentar europeu, repudiada por Fernando Gomes na campanha eleitoral e agora defendida pelo mesmo. Faltar à palavra dada tem custos que o deputado socialista terá de suportar, mas não é do erário público que eles sairão. Da actuação do público nortenho em Bruxelas o que se tem colhido são benefícios para o Porto, o que até já é reconhecido por destacados sociais-democratas da região. Mas nada sabemos das vantagens que Mendes Bota tem angariado para Portugal e para os Algarves com as suas pomposas declarações. O que não se pode ignorar é que entrevistas como a que referi deixam má impressão no auditório belga e envergonham a comunidade portuguesa que naquele país reside e não se reconhece em tamanhas calinadas.

Para o autarca do Porto o que está em causa é uma incoerência de atitudes, sem prejuízo dos interesses públicos.

Para o social-democrata algarvio, a asneira é livre e fica impune, ainda que possa ter efeitos negativos para a imagem de Portugal. Torne-se ao menos público o ridículo - já que doutra sanção não dispomos para penalizar eurobotadas deste quilate!

Helena Roseta

LETRA DE FORMA

O DIA

De um artigo por Silva Resende:

(...) É preciso notar que a ruína do comunismo não se fica pelo comunismo propriamente dito. O comunismo não passa de um designativo conjuntural. O socialismo, mesmo afivelado com as máscaras democráticas; e a social-democracia, ainda com os enfeites da promoção económica, têm os dias contados.

Dessa imensa Babel não ficará pedra sobre pedra!

Ora a figura-se pelo menos ilógico que os grande corifeus da comunidade europeia se recrutem entre os propagandistas de um erro insepulto, mas há muito proscrito das consciências iluminadas pela verdade. O grande drama europeu é esse. E a Europa, se pretender unir-se em comunidade, tem de descer às raízes do que já foi a sua unidade insubstituível e tem de mudar de empreiteiros. Como podem os criadores de interesses divisionistas, os falsificadores da História, os manejadores de mitos condenados, arvorar-se em profetas do futuro?

26.JUN.90

Diário de Notícias

De um Editorial:

(...) O que se passa no Algarve há muito que merece reparos, e o alarme que, recentemente e já em última instância, se deu por causa da situação da ria Formosa foi bastante como imagem de como se pode destruir rapidamente e irresponsavelmente toda uma vasta área que ninguém soube preservar. Porque, em matéria de responsabilidades, é necessário que se defronte a verdade das situações e se desviem de vez os biombos que ocultam, com frequência, os principais responsáveis por abusos cometidos, uma vez que são precisamente esses que responderam com um «sim» ou com um silêncio aprovativo, em vez de terem impedido que determinadas obras fossem por diante, ou nem sequer tivessem começado.

26.JUN.90

o Diabo

De um artigo por Alberto João Jardim:

(...) A didáctica política é muito diferente da didáctica académica. São éticas e metodologias diferentes.

Não posso aceitar essa incipiência política que é a de pensar: «Governámos bem; se não nos perceberam, paciência, vamos para a oposição». Não pode ser assim, porque quando acreditamos num projecto que estamos a realizar é no Governo que podemos concretizar e não na oposição. Logo, a coerência e o bom senso obrigam a que se desenvolvam todos os esforços para suscitar democraticamente a adesão da população.

Não entendo que não se mobilize a população à volta de acontecimentos que marquem a realização de novas obras. Não entendo o pudor de fugir à publicidade da obra. Não aceito a linguagem exibicionista que o povo não perceba. Não compreendo a acultação das estatísticas. Espanta-me que se fuja a correr esse País fora, num contacto directo, intensivo e muito franco com as populações.

Os anjos são para o céu. Não dá na política.

26.JUN.90

CORREIO da manhã

De um artigo por João Nabais:

(...) Pretender iniciar a aprendizagem da leitura pela apresentação globalística ou analítico-sintética dos símbolos alfabéticos é pôr o carro adiante dos bois. é introduzir prematuramente a criança num universo simbólico e abstrato, para que não está preparada; é mecanizá-la, logo à entrada da escola, com um acervo de regras de leitura («no fim das palavras o à lê-se â, o ó lê-se u»); é colocá-la numa total dependência do professor, cujo papel será o de «ensinar», de transmitir aos alunos os valores sonoros dos símbolos alfabéticos, em vez de a criança os descobrir livremente por si própria, numa situação de aprendizagem e de descoberta pessoais. Por tudo isto, nos parece que, no respeitante à aprendizagem da leitura e da escrita, o novo programa do 1.º e 2.º anos deveria ser mais explícito e recheado.

26.JUN.90

Mea culpa

Na nossa edição de segunda-feira, publicámos por lapso uma fotografia de um momento do desfile no Pavilhão Carlos Lopes da representação do bairro de Benfica no Concurso das Marchas Populares de Lisboa, em vez da marcha vencedora, a de Alfama, à qual se aludia na legenda. Pela troca de imagens pedimos desculpa aos interessados, bem como a todos os leitores.

INTERNACIONAL

Plenário marcado para sexta-feira promete ser «duro»

Congresso do PCUS pode ser adiado para o Outono

Num contexto político que se afigura excepcional, foi convocado para sexta-feira um plenário do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética que, aparentemente, irá discutir um eventual adiamento para o Outono do XXVIII do PCUS, cujo abertura estava inicialmente prevista para 2 de Julho.

Um porta-voz do partido, contactado telefonicamente pela France Presse, disse desconhecer o tema central da reunião. Mas o presidente do Parlamento da Federação russa, Boris Ieltsine, disse em conferência de Imprensa que o plenário «vai ser duro». Que «haverá luta renhida».

Ieltsin, como outros responsáveis comunistas, pronunciaram-se a favor de um adiamento do Congresso.

Nos últimos dias, o PCUS tem procedido a consultas junto dos partidos das repúblicas soviéticas sobre o eventual adiamento, oficialmente a pedido dos delegados dos PCs da Rússia e da Ucrânia, reunidos em congresso a semana passada.

Vadim Medvedev, responsável da ideologia do bureau político, telefonou na segunda-feira ao Comité Central do PC estoniano independente, para lhe «pedir o seu conselho» sobre esta questão. O PC da Estónia, reunido em plenário, declarou-se a favor da realização do XXVIII Congresso do PCUS em Julho.

«Alguns pensam que é preciso que o Congresso se realize de imediato, na sequência do Congresso do PC russo; e outros crêem que para definir a política futura é fundamental adiá-lo, talvez para o Outono», disse Ieltsin.

Os conservadores obtiveram uma larga maioria no Congresso do PC da Rússia, realizado na semana passada. Este facto, reconheceu implicitamente Ieltsin, não deixa de causar grande inquietação aos reformadores.

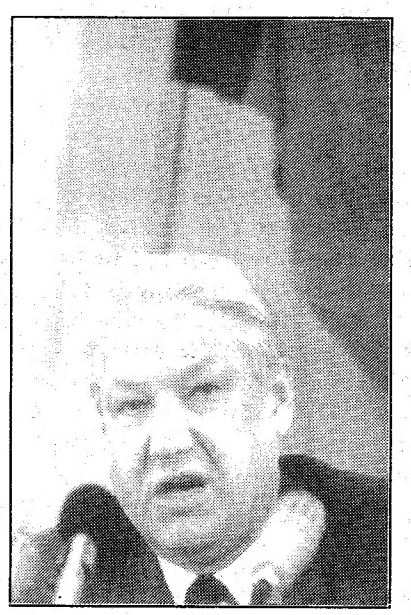
Nova versão do projecto de declaração

O jornal oficial do PCUS, «Pravda», publicou entretanto uma nova versão do projecto de declaração política que deverá ser adoptado para o XXVIII Congresso. Este texto sublinha que, perante as dificuldades actuais, o partido deve «fazer uma escolha socialista numa perspectiva comunista».

O projecto de plataforma política tinha sido adoptado por um plenário do Comité Central, em Fevereiro último. Foi revisto nos últimos dias e adoptado ontem por uma comissão dirigida pelo ideólogo Medvedev.

O texto reconhece o florescimento de grupos e correntes políticas no país, nomeadamente «a corrente dogmática e conservadora», que «põem em causa os princípios socialistas e defendem o retorno a um sistema autoritário», bem como «movimentos que rejeitam o socialismo».

Por outro lado, o texto reafirma o direito dos militares, dos membros do KGB e do Ministério do Interior «de permanecerem no partido e de criarem organizações, assim como desenvolverem actividades políticas».



Ieltsin não escondeu a inquietação reinante quanto à ascenção dos conservadores

A primeira-ministra lituana, Kazimiera Prunskiene apelou entretanto ao Parlamento daquela república soviética para que congele a declaração de independência, por forma a ser atingido um compromisso com Moscovo.

Prunskiene adiantou que o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, lhe prometera horas antes levantar o embargo económico contra a Lituânia caso fosse suspensa a declaração de independência de 11 de Março.

O Parlamento não deverá, no entanto, tomar qualquer decisão antes de amanhã, segundo fontes políticas lituanas.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

B R E V E S

Hungria vai negociar saída do Pacto de Varsóvia

O Parlamento húngaro mandatou o Governo para negociar com Moscovo a retirada do país do Pacto de Varsóvia. A decisão foi amplamente maioritária tendo apenas havido quatro abstenções. Neste contexto, o ministro húngaro da Defesa, Lajos Fur, anunciou que o seu país não participará este ano nas manobras militares da Aliança e pretende abandoná-las definitivamente até finais de 1991. O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevarnadze, em entrevista ao «Pravda», havia afirmado anteontem que o Pacto de Varsóvia «não é eterno», acrescentando que ele foi criado no contexto da guerra fria e a sua eventual transformação pressupõe um compromisso com a NATO.

URSS aceita restabelecer relações com a Albânia

Moscovo aceitou reatar e desenvolver relações amistosas com Tirana, anunciou um porta-voz oficial soviético. Esta decisão tem a ver com as tímidas mudanças em curso no pequeno país balcânico. O agravamento das relações entre os dois países esteve relacionado com a orientação política pró-chinesa do regime de Enver Hoxa.

Fang Lizhi agradece a Bush

O dissidente chinês Fang Lizhi que, na companhia de sua mulher, se encontra desde segunda-feira na Grã-Bretanha, agradeceu ao presidente norte-americano, George Bush, os esforços que conduziram à sua saída da China. Lizhi, que durante treze meses esteve refugiado na embaixada dos EUA em Pequim, disse que vai desenvolver esforços que contribuam para o progresso da China.

Líderes europeus adiam ajuda à URSS

Cimeira acaba em águas mornas

Um calendário cerrado de mais cimeiras, encontros e conferências intergovernamentais vai concentrar, até ao final do ano, os esforços e o tempo dos doze líderes da CEE, que encerraram ontem em Dublin uma cimeira de dois dias «rotineira, positiva e globalmente satisfatória». O adiamento da concessão de ajuda comunitária à União Soviética, a marcação, para Dezembro, das duas conferências intergovernamentais para a revisão dos tratados da união política, económica e monetária dos Doze e o apoio a uma nova estrutura para a segurança na Europa, que será debatida em Novembro com os outros 23 países do Conselho para a Segurança e Cooperação Europeia (CSCE), são os tópicos principais do comunicado final ontem apresentado na capital irlandesa.

Apesar de, tanto o presidente francês, François Mitterrand, como o chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, terem proposto a concessão imediata de uma ajuda de 15 mil milhões de dólares (2 mil e 250 milhões de contos) à URSS, a primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher, fez vingar a sua conivência com o apelo de Bush para o adiamento do auxílio comunitário a Moscovo. Assim, a União Soviética terá que aguardar o resultado das consultas que a Comissão Europeia - em colaboração com o FMI, o Banco Mundial, o Banco Europeu de Investimento e a OCDE - fará ao Governo de Gorbachev com vista à preparação de propostas de crédito a curto prazo e ao apoio destinado às reformas estruturais. «Neste contexto», especifica o comunicado final da cimeira, «a Comissão analisará ainda a proposta do Governo holandês para o estabelecimento de uma rede europeia de energia, que inclua a URSS».

A união política, económica e monetária dos Doze tornou-se ontem completamente irreversível, ainda que sem contornos definidos no aspecto político, com a marcação para Dezembro das duas conferências intergovernamentais para a revisão dos tratados. Será em Roma, a 13 de Dezembro, que se definirão as fases finais da União Económica e Monetária (UEM). As conclusões da cimeira salientam que «a conferência deverá concluir rapidamente os trabalhos para que o objectivo da ratificação dos resultados pelos Estados-membros seja atingido antes do fim de 1992». A conferência decorrerá paralelamente à da União Política, que começa logo no dia imediato, também na capital italiana. Neste sentido, o Conselho Europeu já está a preparar vários relatórios, «de forma a que as negociações possam ser iniciadas numa base concreta, assin que a conferência comece».

UNIVERSIDADE LUSÍADA

LICENCIATURAS OFICIAIS

Lisboa e Porto:

ARQUITECTURA
DIREITO
ECONOMIA
GESTÃO
HISTÓRIA
MATEMÁTICAS APLICADAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Vila Nova de Famalicão:

ARQUITECTURA E DESIGN INDUSTRIAL
CONTABILIDADE SUPERIOR DE GESTÃO
ENGENHARIA ELECTRÓNICA E INFORMÁTICA
ENGENHARIA E GESTÃO INDUSTRIAL
ENGENHARIA TÊXTIL E DE VESTUÁRIO

INSCRIÇÃO PARA O CONCURSO DE ACESSO A U.L.:

De 18 de Junho a 18 de Julho

PROVAS ESPECÍFICAS — 25 e 26 de Julho

CURSOS INTENSIVOS DE PREPARAÇÃO PARA INGRESSO:

Inscrição: Até 30 de Junho
Duração do Curso: De 2 a 20 de Julho

Informações nas Secretarias da Universidade Lusíada

Lisboa:
Rua da Junqueira, n.º 190 - 198 – 1300 Lisboa
Telefs.: 363 99 44 - 363 80 48 - 64 80 10 - 64 81 45 - 64 78 79
Telex: 61306 LUSIAD P / Telefax: 363 83 07

Porto:
Rua Conde de Vilas Boas, n.º 126 / 4200 Porto
Telefs.: 82 21 49 - 82 59 49 — Telefax: 82 01 53

Vila Nova de Famalicão:
Edifício Lapa – Largo Tinoco de Sousa / 4760 Vila Nova de Famalicão
Telef.: 72 429 / Telefax: 76 363

CARTA DE MOSCOVO

A grande investida dos conservadores

O Congresso Constituinte do Partido Comunista da Federação Russa, que terminou no sábado, em Moscovo, foi um ensaio geral para o 28º Congresso do PCUS. No forum máximo dos comunistas soviéticos, marcado para o princípio de Julho, 60 por cento dos delegados pertencem ao PC russo, uma força que irá influenciar decisivamente o curso dos trabalhos.

No Kremlin desenrolou-se, durante a semana passada, uma luta violenta. O processo de democratização, gerado pela perestroika, faz com que o PCUS deixe de ser um partido estatal e o «aparelho», ao sentir que o poder lhe foge das mãos, decidiu pasar ao ataque e fazer recuar os acontecimentos. No Congresso do PC Russo, os funcionários profissionais representavam 42,3 por cento dos mil e 171 delegados. A composição etária, 70 por cento dos representantes com mais de 40 anos, deu também tom aos debates.

«No último ano, o Partido tem sido inundado por uma vaga de retrogadismo, de vários tipos, do mau ao pior, disse Alexandre Iakovlev, um dos pais da «perestroika». Faltou-lhe acrescentar que a luta que se travava nos bastidores passa, agora, para a ribalta.

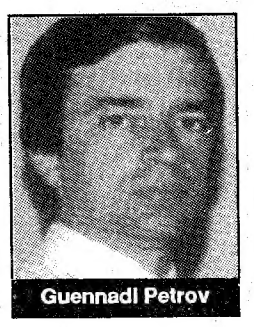
Mikhail Gorbachev deixou-nos também antever estas movimentações quando, num encontro com senadores norte-americanos, afirmava: «Dei um passo e dizem que dei um golpe no socialismo. Dou outro passo e dizem que arruinei o Partido. Outro passo e deitei a perder a União Soviética».

No Congresso do Partido Comunista da Rússia a maioria conservadora trouxe tudo isto à tribuna, lançou um desafio à direcção do Partido e do país e acolheu com frieza a tentativa de Gorbachev de esclarecer as suas posições.

Mas, a meu ver, e apesar de tudo, é errado interpretar este Congresso como um triunfo dos conservadores. É significativo o facto de o seu líder, Ivan Polozkov, eleito primeiro secretário do CC do novo partido, ter feito todos os esforços para se apresentar, na primeira conferência de Imprensa que deu, como um centrista e de se ter pronunciado por uma cooperação activa com o secretário-geral do PCUS.

A questão é que a sua vitória foi alcançada por uma frágil maioria, mil e 396 votos contra os mil e 66 de Oleg Lobov, uma figura pouco conhecida que congregou os que não desejam o regresso ao passado. E, afinal, não são assim tão poucos.

Além disso, o mecanismo de criação do novo partido também gerou numerosas objecções. A ideia do «aparelho» era de que, numa primeira fase, fossem criados os órgãos centrais e mais tarde, depois do 28º Congresso, preparados os documentos programáticos do PC Russo. Contudo, no Congresso, houve uma série de delegações, incluindo as de Moscovo, Leninegrado, Kuibychev, Ulianovsk e Astrakhan, que decidiram propor os seus representantes para o Comité Central só depois de se aconselharem com as organizações partidárias de base. Isto porque muitos comunistas consideram que o Partido deve ser criado em torno de um determinado programa e não em função dos órgãos centrais.


Guennadi Petrov

O procedimento de inclusão automática no novo partido de todos os membros do PCUS que vivem na federação Russa gerou também objecções. A «Plataforma Democrática» exigiu que a admissão no PC Russo se processe somente por solicitação pessoal e depois da análise dos resultados do Congresso constituinte.

Aliás, Vladimir Lyssenko, um dos dirigentes da Plataforma, afirmou textualmente que os adeptos deste movimento não vão entrar no novo partido e que o problema vai ser retomado no Congresso do PCUS.

No fundo, o Congresso Constituinte do PC Russo veio alterar e determinar o significado do próximo Congresso do PCUS. Está agora em jogo o futuro do próprio Partido.

A vitória dos conservadores levará inevitavelmente a uma cisão, e não só no PCUS. Ela atingirá a própria sociedade e colocará o país à beira da explosão. E é, talvez, para prevenir essa evolução que Mikhail Gorbachev tenciona bater-se pelo cargo de dirigente do Partido.

Poucos dias nos separam da abertura do 28º Congresso do PCUS. Serão suficientes para que Mikhail Gorbachev possa unir as suas forças e congregar os seus adeptos?

Na minha opinião, tudo depende, agora, da sua forma de abordar a renovação do Partido e de conseguir, ou não, ir ao encontro das expectativas da população. É o apoio das organizações partidárias de base e das forças democráticas existentes no seio do PCUS que lhe permitirá obter a maioria necessária para travar a grande investida dos conservadores.

CARTA DE WASHINGTON

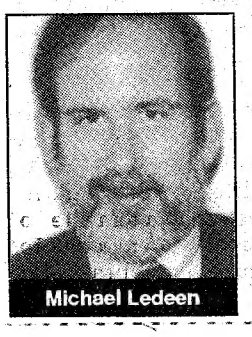
Liberdade de expressão

Tendo sido levado, por motivo de negócios, ao ponto mais afastado do Mundo da capital americana, não fiquei, todavia, surpreendido por ver que os problemas que tanto nos fascinam, em Washington, também merecem a atenção da maior parte da Humanidade. Por isso, não foi surpresa quando, numa tarde fresca e ensolarada de sábado, passei de carro pelo Parlamento Estatal de Adelaide, capital do Sul da Austrália, e vi dezenas de imigrantes da Letónia, Estónia e Lituânia a manifestarem-se na escadaria do edifício. Poderia ter assistido ao mesmo espectáculo em Washington, ou, por falar nisso, em Singapura, de onde vim há dois dias.

Tenho a nítida impressão - talvez por ter estado numa minoria tão pequena, por tanto tempo - de que o Mundo começa a formar uma imagem mais exacta de Mikhail Gorbachev. À medida que os meses passam, cada vez mais pessoas apercebem-se de que não possui uma visão coerente para o futuro da sociedade soviética, não cumpriu muitas das suas promessas ao seu próprio povo, e perdeu, seguramente, o controlo sobre a crise revolucionária que, agora, atravessa a União Soviética. Até George Bush, que tinha tanta relutância em fazer algo que pudesse irritar o dirigente soviético, já recebeu o primeiro-ministro da Lituânia. E, embora o presidente americano possa fingir que, ao fazê-lo, não estava a reconhecer a legitimidade do regime eleito em Vilnius, o resto do Mundo sabe que, quando o presidente dos Estados Unidos recebe um dirigente estrangeiro na Casa Branca, isso constitui um gesto de respeito e confere uma certa legitimidade aos olhos do público norte-americano. Há um mês, Bush não teria tomado esta iniciativa. E fê-lo porque, tal como eu previ, o processo político nos Estados Unidos produziu, inevitavelmente, uma vaga de apoio público aos lituanos sitiados.

O povo dos Estados Unidos não pode ficar indiferente, por muito tempo, perante o destino de uma nação democrática, mesmo que o presidente americano preferisse ignorar o problema. E, agora, à medida que a percepção da personalidade de Gorbachev se torna mais clara, Bush sente que é menos provável que seja prejudicado por receber um dos mais declarados opositores de Gorbachev.

Claro que não são, apenas, os lituanos que contribuem para que o resto do Mundo possa compreender a verdadeira natureza da liderança soviética; os próprios soviéticos estão a desempenhar esta função educativa. As celebrações do Primeiro de Maio, nas quais milhares de soviéticos - na sua maioria, russos - se manifestaram contra a política de Gorbachev e o seu fracasso em melhorar a vida dos cidadãos do país, foram divulgadas pela televisão em todo o Mundo. Nenhum comentador, por maior que fosse a sua simpatia pelo líder soviético, poderia ter escondido a mensagem transmitida por essas imagens dramáticas da Praça Vermelha. Pois demonstraram quanto é intensa a frustração do povo soviético, e generalizado o seu descontentamento.


Michael Ledeen

(Tradução de Isabel Joyce)

Intervenção Democrática

Rua Pascoal de Melo, 70 - 1.º 1000 LISBOA • Tel. 55 54 07

DEBATES DE INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA

AMANHÃ DIA 28 — HOTEL ROMA — 21 HORAS

BARROS MOURA E VASCO GAL

• INTEGRAÇÃO NA CEE
• COESÃO EUROPEIA
• DIMENSÃO SOCIAL

MODERADOR — HÉLIO BEXIGA
DEBATE PROMOVIDO PELA ASSOCIAÇÃO INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA-ID

ENTRADA LIVRE

AVISO

INSTITUTO NACIONAL DE INTERVENÇÃO E GARANTIA AGRÍCOLA

INGA

CONCESSÃO DE AJUDAS À ARMAZENAGEM PRIVADA DE CARNE DE BORREGO

Portugal foi autorizado a abrir um processo de adjudicação destinado à concessão de ajudas á armazenagem privada de carcaças e meias carcaças de borrego de idade inferior a 12 meses.

O período mínimo de armazenagem é de 3 meses e o máximo de 7 meses.

A quantidade mínima a armazenar é de 4 toneladas expressas como carne não desossada.

Podem candidatar-se à armazenagem privada as pessoas singulares e colectivas que:

— Exerçam uma actividade no sector da pecuária e das carnes;
— Estejam inscritas num registo público de um Estado Membro;
— Disponham de instalações de armazenagem adequadas.

As propostas de candidatura a apresentar devem mencionar:

— A designação do produto e a quantidade a armazenar;
— O prazo para colocação em armazenagem da totalidade a armazenar;
— A duração da armazenagem;
— O montante da ajuda por unidade peso (Ecus/toneladas);
— A constituição da caução (120 Ecus/toneladas);
— A possibilidade de prolongamento da duração de armazenagem (1,2 Ecus/tonelada/dia, por período superior a 3 meses).

De acordo com Reg. (CEE) n.º 287/90 da Comissão de 1 de Fevereiro de 1990.

Deverão as proposras de candidatura ser apresentadas, o mais tardar, até às 14.00 horas de segunda-feira dia 2 de Julho de 1990 no Instituo Nacional de Intervenção e Garantia Agrícola, Rua Camilo Castelo Branco, 45 — 1000 Lisboa.

O Presidente do Conselho Directivo
Dr. M. Rodrigues André

Depois da imagem deixada em Portugal pelo Presidente Pinto da Costa acerca de uma transição transparente para um regime pluripartidário no país, Miguel Trovoada vem agora acusar o Governo são-tomense de tentar manobras para eventuais fraudes eleitorais

Clima de desconfiança envolve abertura

«No actual momento político tudo se pode esperar em São-Tomé e Principe. Se me disserem que em vez das duas estações do ano existentes no país vão passar a haver quatro, é uma hipótese que tenho de considerar». As palavras são de um quadro são-tomense residente em Portugal, próximo do ex-primeiro-ministro Miguel Trovoada. Estas declarações resumem o actual clima de incerteza e de desconfiança que envolve as aberturas preconizadas pelo Presidente Pinto da Costa, decididas na reunião de Dezembro do Comité Central do MLSTP - Movimento de Libertação Nacional de São Tomé e Principe -, no Poder.

Neste sentido, Miguel Trovoada poderá deslocar-se proximamente a Washington para tentar conseguir da parte das Nações Unidas garantias quanto ao envio de observadores para acompanharem as eleições presidenciais, inicialmente previstas para Julho. Esta informação, que o «DL» até ao fecho desta edição não conseguiu confirmar, partiu de um familiar de Trovoada. O que parece seguro é a posição do Governo português que considera a presença de observadores durante as eleições em São Tomé como um ponto essencial para tornar credível o processo de democratização em curso no país.

Ameaças de golpe de estado

Segundo afirmaram ao «DL» fontes próximas do ex-primeiro-ministro são-tomense, Miguel Trovoada terá sido avisado na sua recente deslocação a São Tomé sobre a eventualidade de se «provocar um falso golpe de Estado», exigindo a manutenção do actual Presidente Pinto da Costa à frente dos destinos do país. As desconfianças envolvem, para além do Presidente são-tomense, os sectores mais radicais do MLSTP e os militares, nomeadamente o Ministro da Defesa, Raúl Bragança Neto, o chefe de Estado Maior das Forças Armadas, Carlos João Bexiga, o comandante das milícias, António Santos e o comandante da polícia, António Paquete. Estes defendem que, em futuras eleições livres no país, os militares deveriam votar nas casernas e não nas assembleias de voto.

Numa conferência de Imprensa realizada ontem em Lisboa, Miguel Trovoada afirmou que tinha informações seguras de que Pinto da Costa estaria a pensar em adiar as eleições presidenciais, devido a alegados atrasos no processo de recenseamento da população e na necessidade de se referendar a nova Constituição. Segundo ainda Trovoada, esta estratégia visa igualmente efectuar em primeiro lugar, e contrariamente ao previsto, as eleições legislativas e só depois as presidenciais. Este facto, para além de dar uma maior margem de manobra ao Presidente são-tomense, aumentaria as hipóteses do MLSTP vencer as legislativas, perante uma oposição ainda em fase de estruturação, constituída essencialmente pelo Grupo de Reflexão - que ainda não se constituiu como formação partidária - e pela Coligação Democrática de Oposição de São Tomé e Principe (CDOSTP), assente nos movimentos de oposição existentes em Lisboa.

Esta estratégia, caso venha a verificar-se, pode dificultar bastante a acção de Miguel Trovoada que, mesmo na hipótese longínqua do MLSTP aceitar sacrificar Pinto da Costa, teria de enfrentar uma oposição na Assembleia Nacional Popular, inviabilizando, por exemplo, uma nova revisão constitucional.

Apoios da Internacional Socialista

As declarações na conferência de Imprensa de ontem do ex-primeiro-ministro são-tomense vêm contradizer a imagem que Pinto da Costa deixou nas últimas passagens por Portugal, acerca das suas intenções de efectuar uma transição transparente para um regime pluripartidário. As iniciativas de Pinto da Costa têm sido acolhidas favoravelmente por parte de países como Portugal, França e Estados Unidos. Washington foi mesmo ao ponto de colocar à disposição de São Tomé fundos destinados a subvencionar o processo eleitoral.

Mas as reticências manifestadas actualmente por Pinto da Costa parecem intimamente ligadas com o «sucesso inesperado» da viagem de Miguel Trovoada ao país. Segundo fontes próximas da sua candidatura, Pinto da Costa apercebeu-se que de facto poderia vir a sofrer uma derrota nas eleições presidenciais, pretendendo, por isso, ganhar algum tempo.

Trovoada apresenta-se actualmente como o único candidato capaz de reunir um consenso tanto a nível da população são-tomense como a nível dos apois externos. Fontes diplomáticas afirmaram ao «DL» que Trovoada tinha practicamente garantidos apoios da coligação governamental luxemburguesa entre cristãos-democratas e socialistas. Trovoada conta com importantes apoios no seio da Internacional Socialista, no SPD alemão e é conhecida a amizade que o liga ao Presidente Mário Soares e ao Presidente francês François Mitterrand

Carlos Camponez

Segundo o chefe da diplomacia de São Tomé

MLSTP vai decidir calendário eleitoral

«O calendário eleitoral em São Tomé e Príncipe será definido pelo Comité Central do MLSTP, a reunir em princípios de Julho, o mais tardar a 15 desse mês», anunciou ontem o ministro são-tomense dos Negócios Estrangeiros, Carlos Graça, pondo o fim às polémicas geradas à volta das datas a estabelecer para as principais etapas da democratização do país.

Em causa está sobretudo a definição da ordem entre as datas das eleições presidenciais e as legislativas. Sobre esta questão o CC do MLSTP, partido único do país, teria já chegado a um consenso que previa a realização de eleições presidenciais antes das legislativas.

Posteriormente, essa programação foi posta em causa, uma vez que, no âmbito do regime semi-presidencialista consagrado na nova Constituição - já aprovada e a ratificar por referendo - seria o Presidente a nomear o Governo. Este, por sua vez, deve sair das legislativas, disputadas por vários partidos. De acordo com a Constituição, parece evidente que a ordem estabelecida entre as duas eleições virá a influenciar determinantemente o processo de democratição dum país que, apesar das reformas em curso, não possui ainda um sistema partidário capaz de suplantar o partido único actualmente existente. Esta tese foi defendida ontem pelo antigo primeiro-ministro e possível candidato à presidência, Miguel Trovoada.

Contornando de certa maneira esta questão, o ministro dos Negócios Estrangeiros são-tomense afirmou ainda que, depois de referendada a nova Constituição e entrando em vigor a lei dos partidos, as várias formações políticas poderão começar a funcionar.

Redacção «DL»/Lusa

África do Sul

De Klerk enfrenta fogo cruzado

Os últimas dias têm-se revelado cruciais para o Presidente Frederik de Klerk no sentido de manter o sua equidistância face às pressões crescentes que lhe estão a ser movidas, quer pelos partidos de esquerda, quer, sobretudo, da direita sul-africana. Ontem os partidos de direita reuniram-se com o Presidente sul-africano para conseguirem algumas garantias face às reformas do *apartheid* em curso no país. Jaap Marais líder o Partido HNP afirmou à Imprensa, à saída da reunião, que de Klerk não deu qualquer garantia de que o África do Sul não será no futuro governada por um regime comunista. Esta reunião decorreu sob ameaças do Congresso Nacional Africano de que a posição de Frederik de Klerk face a «partidos neo-fascistas e defensores da supremacia branca poderiam prejudicar seriamente as negociações» para uma nova África do Sul.

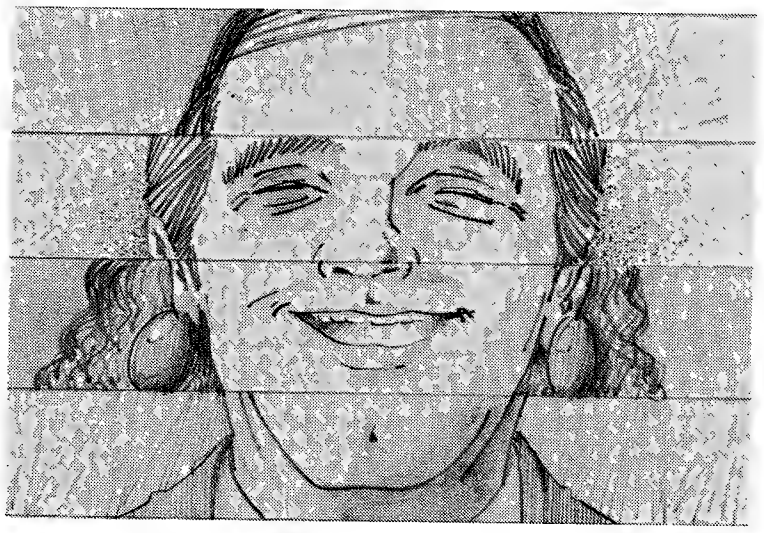
Numa tentativa de evitar rupturas a diversos níveis da cena política e social do país, de Klerk teve de intervir pessoalmente apelando às associações sindicais e do sector empresarial no sentido de estabelecerem uma plataforma de conversações. Na sequência deste apelo foi criado um grupo de trabalho tripartido para facilitar as negociações que visam a revisão das relações laborais. Ameaçado com um eventual retrocesso do ANC face ao processo negocial, o Presidente sul-africano convidou a COSATU, a central sindical próxima do ANC, para o encontro, sublinhando que a complexidade da legislação inerente ao acordo excedia as diponibilidades de calendário do Parlamento.

Mandela no Congresso dos EUA

Mandela foi amplamente aplaudido no seu discurso perante os congressistas norte-americanos, exortando-os a dar as mãos aos membros anti-*apartheid* e formar uma «sólida falange» para enfrentar e destruir as barreiras raciais dividem a África do Sul. Mandela teceu vários elogios a de Klerk, mas acrescentou, «estaríamos loucos sse acreditássemos que o caminho está livre de obstáculos».

Redacção «DL»/Lusa/AFP

ESTA SEMANA, MAIS UM MEMBRO DO CLUBE DOS MILIONÁRIOS DO TOTOLOTO É EMIGRANTE NA SUIÇA



NÃO LHE CONHECEMOS A CARA
MAS CONHECEMOS-LHE A FORTUNA
MAIS DE

186 000 000$00

totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

CINEVOZ

ECONOMIA

Publicada resolução governamental

Alienação do Totta & Açores vai ser por fases

Já foi publicado, em «Diário da República», o regulamento de alienação, pelo Estado, dos 51 por cento do capital que detem no Banco Totta e Açores (BTA). Segundo a resolução do Conselho de Ministros, será feita a venda faseada dos 12.750 milhares de acções ainda públicas, com a alienação imediata de sete milhões e 750 mil, o que corresponde a 31 por cento do capital do banco.

Todas as acções a vender são nominativas, podendo ser convertidas em acções ao portador, em regime de registo, de acordo com os estatutos do BTA. Para os trabalhadores do banco é reservado o direito de subscrição de um lote de acções num máximo de 200 por elemento, ao preço fixo de dois mil e 700 escudos.

Para os pequenos subscritores e emigrantes foi reservado um número de acções que, acrescido às subscritas pelos trabalhadores, atingirá um montante global de um milhão e 550 mil, o que corresponde a 20 por cento das acções a alienar de imediato, ao preço fixo de dois mil e 800 escudos, sujeito a rateio, com um mínimo de 20 e um máximo de 200 títulos.

Depois de passados oito dias sobre a publicação da resolução, passa a estar reservado aos accionistas um lote de quatro milhões e 900 mil acções, correspondentes a 40 por cento dos títulos por eles detidos, a alienar em OPV, ao preço fixo unitário de dois mil e 900 escudos. Por este preço serão também reservadas 800 mil acções para depositantes, residentes possuidores de titulos de participação e detentores de obrigações emitidas pelo BTA.

As acções remanescentes serão colocadas à aquisição pelo público, em OPV, pelo preço fixo de três mil escudos, num mínimo de 20 e um máximo de um milhão e 250 mil.

Aprovada total autonomia do Banco de Portugal

Segundo a nova Lei Orgânica, o banco central deixa de financiar o Estado

O Banco de Portugal deixa de financiar o Estado, logo que seja publicada a respectiva Lei Orgânica divulgada a semana passada pelo Conselho de Ministros, passando a denominar-se, juridicamente, «pessoa colectiva de direito público, com a natureza de empresa pública, dotada de autonomia administrativa e financeira, cujo capital é de 200 mil contos».

A Lei Orgânica do Banco de Portugal que havia sido aprovada pelo decreto-lei nº644/75 de 15 de Novembro e a cujo texto integral o DL teve acesso, consagra em forma de lei o princípio da garantia da autonomia da política monetária e é uma condição, segundo o ministério da Finanças, para uma verdadeira transparência fiscal.

Neste quadro das responsabilidades nacionais que derivam da participação de Portugal na edificação da União Económica e Monetária da Europa Comunitária, aquele ministério prevê a criação, numa primeira etapa, de uma estrutura europeia de banco central e a adopção de uma política monetária comum, recomendando a maior atenção à autonomia institucional dos bancos centrais europeus.

O referido documento surge como «um instrumento que facilita a continuação do processo de renovação e de articulada expansão do sistema financeiro nacional, ao mesmo tempo que preserva e reforça a sua necessária estabilidade».

Segundo o diploma em questão, o Banco de Portugal é o banco central da República Portuguesa devendo, nessa qualidade, assegurar o equilíbrio monetário interno e a solvência exterior da moeda.

O seu capital de 200 mil contos pode ser aumentado por incorporação de reservas deliberada pelo conselho de administração.

Por outro lado, detém o exclusivo da emissão de notas e de pôr em circulação as moedas metálicas, incluindo as comemorativas, as quais têm curso legal e poder liberatório. No caso das notas, o poder liberatório é ilimitado, sendo o das moedas metálicas estabelecido em diploma legal.

Política monetária

Ao banco central compete, entre outras funções, colaborar na definição e executar a política monetária e cambial, gerir as disponibilidades externas do país ou outras que lhe estejam cometidas, agir como intermediário nas relações monetárias internacionais do Estado e velar pela estabilidade do sistema financeiro nacional assegurando designadamente, com essa finalidade, a função de refinanciador de última estância.

Enquanto autoridade cambial, compete ao banco central supervisionar e fiscalizar os pagamentos externos, definir os princípios reguladores das operações sobre ouro e divisas e autorizar os pagamentos externos que disso careçam.

No âmbito da execução da política monetária e cambial, o Banco de Portugal podé, entre outras atribuições, redescontar e descontar, por prazo que não exceda um ano, letras, livranças, extractos de factura, «warrants» e outros títulos de crédito de natureza análoga, nas condições a definir pelo conselho de administração.

Pode igualmente comprar e vender títulos ao Estado português, conceder empréstimos às instituições de crédito ou parabancárias, aceitar depósitos à vista do Estado, bem como de instituições de crédito e parabancárias, efectuar todas as operações sobre ouro e divisas.

É-lhe vedado a possibilidade de redescontar, no país, títulos de crédito da sua carteira comercial, conceder crédito a descoberto ou com garantias prestadas em termos que contrariem o estabelecido na Lei Orgânica, promover a criação de crédito, parabancárias ou de quaisquer outras sociedades, bem como participar no respectivo capital, salvo o previsto na referida lei, consentido por norma especial ou por motivo de reembolso de créditos, mas nunca como sócio de responsabilidade ilimitada.

Não será permitido ao banco central ser proprietário de imóveis, além dos necessários ao desempenho das suas atribuições ou à prossecução de fins de natureza social, salvo por efeito de cessão de bens, dação em cumprimento, arrematação ou outro meio legal de cumprimento das obrigações ou destinado a assegurar esse cumprimento, devendo logo que possível proceder, nestes casos, à respectiva alienação.

Redacção «DL»

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$00	45$00
ALEMANHA FED. (marco)	86$65	87$85
ÁUSTRIA (xelim)	12$30	12$50
BÉLGICA (franco)	4$035	4$285
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$30	125$80
(notas de 5 a 1000)	123$80	126$30
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA	1$375	1$495
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144$65	148$15
(notas de 5 a 1000)	145$15	148$65
FINLÂNDIA (marka)	36$85	37$45
FRANÇA (franco)	25$85	26$55
HOLANDA (florim)	77$00	78$10
IRLANDA (libra)	233$50	237$50
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$897	$952
NORUEGA (coroa)	22$60	23$10
REINO UNIDO (libra)	253$55	258$05
SUÉCIA (coroa)	24$00	24$50
SUÍÇA (franco)	102$95	104$45
VENEZUELA (bolívar)	2$626	3$426

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

uma cidade limpa é uma cidade viva
CML

IPE precisa de estruturas de gestão industrial

O IPE - Investimentos e Participações do Estado, a par de uma lógica financeira, terá de aceitar dispor de estruturas de gestão autónomas com lógica industrial, em determinados sectores, onde estará associado com capitais estrangeiros, segundo disse o seu presidente, Sousa Gomes. O objectivo é facilitar a constituição ou desenvolvimento de grupos empresariais privados em determinadas fileiras industriais.

«Os anos serão de crescimento da economia portuguesa e terão de ser, também, anos de consolidação de um novo tecido empresarial, capaz de competir no quadro do mercado único europeu», afirmou Sousa Gomes, que acrescentou que «o IPE poderá ter um papel importante na criação de condições para que as empresas portuguesas ultrapassem com sucesso esse desafio».

Por outro lado, foi anunciado que o IPE prevê alcançar resultados líquidos consolidados de 12,5 milhões de contos no final de 1990, o que corresponde a mais 12,6 por cento que no ano anterior. Por outro lado, a «holding» estatal prevê um crescimento do «cash-flow» superior a 14,9 por cento, passando de 33,5 milhões de contos, em 1989, para os 38,5 milhões este ano.

Previsões dos resultados consolidados para 1990 apontam para que a situação líquida ultrapasse os 105 milhões de contos (95,8 em 1989), devendo o activo líquido situar-se nos 330 milhões (mais 30,9 que no ano passado). Afirmou o presidente do IPE que durante este ano as orientações de gestão vão incidir essencialmente na redução do seu número de participações directas, mantendo só predominância nas empresas consideradas de interesse estratégico.

Um especialista da UNESCO admirou-se com as condições de conservação de alguns monumentos portugueses. Algumas medidas concretas foram sugeridas para que o património histórico sobreviva

Excesso de humidade danifica monumentos

Os monumentos portugueses foram observados pelo francês Marc Mamillan, especialista da UNESCO em patologias e conservação da pedra, que chegou à conclusão que a água é a grande causa do deterioração dos testemunhos históricos nacionais.

Marc Mamillan esteve uma semana em Portugal, a convite do secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, tendo visitado o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, o Convento de Cristo, em Tomar, os mosteiros de Alcobaça e da Batalha e o templo romano de Évora.

Da análise feita pelo perito francês, o Mosteiro dos Jerónimos é o que se encontra em pior estado, segundo Fátima de Sousa, da agência Lusa. Mamillan chegou à conclusão que as paredes negras cobertas de musgo são sinal da humidade existente e que a sala do capitulo está ameaçada pelas infiltrações de água. A solução pode residir na aplicação de jactos de água sob pressão, uma drenagem e uma pintura invisível e impermeável.

Ainda em Lisboa, um outro monumento em estado precário é a Torre de Belém, para a qual Mamillan aconselha retirar a cobertura de material plástico, abrir as ameias e os canais de escoamento de água.

«O vapor de água libertado pela respiração dos visitantes condensa-se nas paredes, as partes mais frias do edifíco, dando origem a cristais retidos na pedra mais porosa que, conjuntamente com o salitre, propiciam fracturas», afirma Mamillan.

Se o Instituto Português do Património Cultural (IPPC) não seguir à risca estas recomendações, o monumento corre riscos de sobrevivência. O DL falou esta manhã com o chefe de secção do departamento de museus do IPPC, Costa Fernandes, numa tentativa de saber quais os objectivos deste instituto sobre o assunto, mas não obteve qualquer resposta por parte daquele responsável.

Excesso de líquidos danificam mosteiro

O Convento de Cristo, em Tomar, e o Mosteiro de Alcobaça, têm ambos o mesmo problema: excesso de líquidos. Em relação ao primeiro, Mamillan disse que «nunca tinha visto um convento com tantos claustros e com tanta água, que se acumula nos telhados e cai onde calha, escorrendo pelas paredes ao acaso. Quanto ao Mosteiro de Alcobaça, a subida da água por capilaridade devido à passagem de um rio subterrâneo, apesar da drenagem efectuada há pouco tempo, está a minar as fundações e toda a estrutura do monumento», concluiu o especialista.

Nos casos do Mosteiro da Batalha e do Templo de Évora, o problema é outro. A falta de coesão do solo e as vibrações causadas pela passagem do trânsito abalam o Templo de Diana.

Mamillan afirma que, «em Portugal há muito entusiasmo, grande valor teórico, mas falha na altura de aplicar os conhecimentos à prática. Em França, cada monumento tem um técnico responsável, com operários que funcionam permanentemente.»

«O património mundial é muito importante para um país, é o testemunho de uma História e um incentivo para o turismo», afirmou Mamillan. É evidente que estes problemas não pertencem só a Portugal. Mas isso não é pretexto para descorar a conservação destes testemunhos Históricos.

Torre de Belém: um dos monumentos nacionais em estado precário, segundo o especialista francês, Marc Mamillan

Caso Ferreira Torres «regressa»

Morte de Castro Martins envolta em mistério

O aparente suicídio de um indivíduo encontrado na margem do rio Douro está a levantar dúvidas sobre a causa da morte, nomeadamente à Polícia Judiciária, em virtude de se tratar de pessoa considerada bem informada quanto ao homicídio de Joaquim Ferreira Torres, ocorrido em 21 de Agosto de 1979, no lugar de Barro Branco, próximo de Penafiel. Trata-se de Augusto Castro Martins, industrial no Porto, que no sábado foi encontrado morto no Cais da Ribeira. O relatório preliminar da autópsia aponta para afogamento mas aguardam-se exames suplementares que confirmem ou infirmem a possibilidade de ter sido objecto de actos violentos.

Segundo os seus familiares, não tinha problemas de ordem pessoal ou económica que levem a admitir a hipótese de suicídio.

No entanto o gabinete de imprensa da PJ do Porto nega que corra naquela polícia qualquer investigação relacioinada com a morte verificada no Douro.

Castro Martins fora ouvido várias vezes pelos investigadores encarregados do esclarecimento da morte de Ferreira Torres, com quem mantivera relações de amizade no «Verão quente», durante a actividade da extrema direita, nomeadamente com o grupo de que fazia parte Ângelo do Nascimento, mais conhecido por Ângelo de Trancoso, apontado como responsável pelo atentado bombista às antenas de Rádio, em Monsanto.

O processo da investigação do assassínio de Ferreira Torres tem sofrido vários contratempos, alguns pouco transparentes, tais como a entrega das diligências a elementos da Judiciária publicamente ligados aos grupos extremistas de direita, como o falecido Julio Regadas, que acabaria por ser expulso da corporação no âmbito do caso de corrupção da Maria da Graça, que o acusou de lhe haver extorquido várias quantias em dinheiro. para não cumprir mandadods de captura.

Actualmente, as investigações, que sofreram largas soluções de continuidade, estão a cargo da Direcção Central de Combate ao Banditismo.

B R E V E S

Trabalhadores das tesourarias amanhã em greve

Os trabalhadores das Tesourarias da Fazenda Públicae dos Serviços Centrais da Direcção Geral do Tesouro estão em greve amanhã e sexta-feira, anunciou o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores. O Sindicato acusa o Governo de «ter vindo inexplicavelmente a adiar a aplicação do novo sistema retributivo do sector, bem como a revalorização de carreiras».

Comboio de emigrantes chega no domingo

O primeiro dos 15 comboios para emigrantes portugueses parte na manhã de sábado de Paris, com chegada no dia seguinte às estações ferroviárias da Campanhã (Porto) e Santa Apolónia (Lisboa). Pela primeira vez, o material circulante integra exclusivamente material português e francês, com exclusão, portanto, do espanhol. Todas as composições têm restaurantes, o que não sucedia nos anos anteriores.

Aumentam nascimentos fora do casamento

Dez por cento do total de partos realizados nos últimos cinco anos na Maternidade Júlio Dinis, no Porto, são de mulheres solteiras, foi revelado num debate promovido pela Delegação do Norte da Comissão da Condição Feminina. A assistente social Isabel Lereno, da maternidade portuense, acrescentou, durante o debate sobre mães solteiras, que enquanto os nascimentos dentro do casamento têm baixado, os nascidos fora dele têm vindo a aumentar, estando também a subir o número de adolescentes grávidas.

Tráfico de droga junto a universidade

A Polícia Judiciária de Coimbra remeteu a tribunal um processo em que estão indiciados treze indivíduos por envolvimento no tráfico e consumo de droga, que actuavam na zona da Praça da República, situada nas imediações da Associação Académica e das cantinas da Universidade. No decurso das investigações foram detidos quatro arguidos, dos quais dois continuam em prisão preventiva.

Assaltantes desarmam dois elementos da GNR

Dois elementos da Brigada de Trânsito da GNR que ontem de manhã patrulhavam a estrada de Sintra, junto à bifurcação de Queluz, foram despojados das suas armas e obrigados a entregar as chaves de ignição das motas, sob a ameaça de pistolas de assaltantes. O assalto foi realizado por três indivíduos ainda jovens que se faziam transportar em dois automóveis, Lancia Delta e Lancia Prisma. Os agentes da autoridade foram atraídos através duma manobra perigosa feita pelos condutores das referidas viaturas. Os assaltantes fugiram no Delta, abandonando o outro carro. Apurou-se já que os dois automóveis haviam sido roubados.

Visitas pagas para «salvar» Associação Académica

O governador civil de Coimbra sugeriu à Reitoria da Universidade a realização de cobranças aos respectivos visitantes e o encaminhamento dessa verbas para a Associação Académica, Ressalvando que não pretende imiscuir-se nos assuntos da Universidade, Jaime Ramos referiu que a medida constituiria um contributo importante para a resolução dos problemas financeiros da Associação. O presidente da AAC, Emídio Guerreiro, considera que a medida representaria a salvação económica da instituição, acrescentando que a mesma libertaria a Reitoria de determinados encargos.

Gato encontrado junto ao Sheraton

Perto do Hotel Sheraton, em Lisboa, foi encontrado um bonito gato, preto e branco, com coleira vermelha, que está a ser tratado por um cidadão que aguarda contacto do dono, para lho entregar. Segundo informação que chegou à nossa redacção, a ligação pode ser realizada através dos telefones 77 52 09 (dia) ou 984 84 94 (noite).

Os alfaiates rareiam e aqueles que ganharam prestígio internacional contam-se, hoje, pelos dedos de uma mão. É preciso saber manejar com perícia os instrumentos «cirúrgicos»

No corte e na prova reside a ciência

Apesar da aceitação generalizada do pronto a vestir há quem não prescinda do fato feito à medida do corpo. «É outra coisa», assim se justificam os incondicionais defensores dos alfaiates. Adeptos de um estilo clássico, não lamentam o tempo perdido nas sucessivas provas. Mas tal arte já atravessou uma época de crise, entre meados e finais da década de 70, quando os portugueses se vestiam de uma maneira menos formal. Corresponde à fase em que se desembaraçaram da gravata, ao protagonismo de uma indumentária desportiva, na base das *jeans* e blusões, das peças desirmanadas e soltas. «Vivemos, sem dúvida, uma época difícil. Entretanto voltámos a ser requesitados, mas agora debatemos-nos com a falta de mão-de-obra especializada», diz Eugénio Gomes, sucessor do famoso José Luís.

Nas prateleiras da sala de espera encontra-se uma variada gama de panos estrangeiros: linho, lã e seda com cem por cento de pureza e a etiqueta «of London». Alguns desses tecidos foram «manufactured specially for José Luís», o que denota uma preocupação de exclusividade. A «Holland & Sherry», casa fundada em 1836, garante uma «superfine quality» e a prestigiada «Dormeuil» oferece «the wold's best cloths», atributos que prendem a selecta clientela da rua Duque de Loulé.

Nos 45 anos, um jovem comparado com os colegas, cuja média de idade se situa para cima do meio século, Eugénio Gomes mostra-se extremamente reservado.

Quando lhe pedimos para caracterizar a sua freguesia, em termos de estatuto social, escuda-se nas respostas vagas: «São homens de negócios muito solicitados para reuniões e que necessitam de mudar de fato com frequência... diplomatas e indivíduos de profissões liberais.» Nada de indiscretas revelações, o secretismo é a alma do negócio, eis uma das regras de oiro que o mestre lhe ensinou. A poder de insistência, deixou escapar o nome de Perez de Cuellar, personalidade que se mantém fiel ao corte inconfundível desta alfaitaria lisboeta.

Eurico Vasconcelos

Um homem reservado

O melhor do mundo

Ainda em vida de José Luís, que faleceu há cerca de 10 anos, distinguiam-se figuras como Patiño, o "rei do estanho", George O'Neil, Sá Carneiro e Raul Solnado. Também Calouste Gulbenkian se rendeu ao perfeccionismo do antigo sócio de Lourenço e Santos que, no tempo da guerra, trabalhava para uma elite nacional e internacional. Condes italianos, membros da nobreza russa, escritores mundanos e talvez até espiões tenham procurado os seus serviços.

Em carta com o timbre de um luxuoso hotel de Piccadily, datada de 1956, o milionário arménio dirige-lhe palavras amáveis, brindando-o com o título do «melhor alfaiate do mundo».

Sem regateio de elogios, promete-lhe que dentro em breve se deslocará à capital portuguesa, provavelmente no intuíto de renovar o guarda-roupa. «Não sei se José Luís era o melhor, no entanto posso garantir que era um artista extraordinário», sublinha Eugénio Gomes. Pertencia a uma estirpe de artistas singulares, a uma espécie em vias de extinção, já que o ofício corre sérios riscos de desaparecer.

Essa nobre sabedoria de reminiscências medievais, transmitida de mestres a discípulos, vai-se perder devido à carência de aprendizes. «Hoje não existem rapazes dispostos a enverendarem pela profissão, é imperioso criarem-se incentivos ou então apagam-se para sempre os alfaiates, como aliás sucede em muitos países europeus. Na Inglaterra vão rareando e, em Paris, restam dois ou três, sem falar dos reciclados que se dedicam à confecção de fatos semi-industrializados.»

É de toda a conveniência que a aprendizagem se inicie numa idade tenra, logo após o abandono da infância. Eugénio Gomes, sobrinho de alfaiate, começou a receber lições aos 12 anos no *atelier* de um profissional da escola de José Luís. Mais tarde, homem feito e experimentado, torna-se um dos colaboradores do consagrado mestre.

A conquista do conhecimento, assente em postos a que se ascende através da prática, submete-se a um escala hierárquica: aprendiz, meio-oficial, oficial, contramestre e mestre. «Um oficial, por norma, faz o trabalho de ferro e corta as entretelas e os forros, labor em que é ajudado pelo meio-oficial.

Nesta arte o ferro desempenha um papel preponderante porque os tecidos têm de ser bem dominados. Às costureiras compete todo o trabalho de agulha.

Por acaso, eu até aprendi a coser, mas isso depende da atitude dos mestres.»

A eterna monotonia

De momento, Eugénio Gomes conta com um oficial e sete costureiras de calças e casacos. «Cabe-me cortar e controlar a confecção, o bom cair do fato depende da qualidade do tecido e das mãos do artista.»

Colocado o pano na mesa de anatomia, o alfaiate entrega-se à tarefa do talhe que requer imensa precisão. Maneja, com perícia, esquadro e régua, fita métrica, giz e tesoura, os instrumentos «cirúrgicos».

O fato de homem obedece a um esquema invariável, salvo a largura das calças, com ou sem pregas, e das bandas que são permeáveis à moda.

De resto, prevalece a eterna monotonia no que respeita a feitio e cores. «Não se pode fugir aos cinzas, azuis, castanhos e beijes. Há uma moda de homem universalizada, as ousadias observam-se sobretudo nos italianos que têm um temperamento mais extrovertido. Pessoalmente prefiro o estilo inglês, mas isso é uma questão de gosto. Colete? Usa-se pouco, embora certos clientes meus não o dispensem.»

No campo dos acessórios que a alfaiataria José Luís propõe destacam-se as marcas francesas e italianas. Gravatas Pierre Cardin e Cerruti, lenços de algibeira Rochas, carteiras Zegna, os complementos que participam de um determinado conceito de elegância defenido em função da sobriedade.

Nas paredes da sala de provas sobressaem gravuras representando os animais que fornecem a matéria-prima: lama, camelo, cachemira e a vicuna dos Andes que tem uns olhos doces e lindos. Vê-se ainda uma ilustração da revista «Gentleman's Magazine», referente à moda de 1849. Ali respira-se uma atmosfera calma e íntima, algo de privado que protege da curiosidade alheia. Escolhido o tecido, numa fase posterior, o cliente sujeita-se ao incómodo das provas que, segundo Eugénio Gomes, é onde reside «a ciência».

Cabe ao alfaiate moldar o tecido ao corpo do cliente, um engano de milímetros pode destruir a harmonia da silhueta. «Um mês depois dou o fato por concluído», afirma o herdeiro de José Luís que costuma cumprir os prazos.

Lourdes Féria

B R E V E S

Bailado soviético em Santiago do Cacém

O grupo soviético do Teatro Estatal de Ópera e Bailado de Krasnoiarks vai actuar em Santiago do Cacém, no domingo, à noite. O espectáculo integra, entre outros, fragmentos dos bailados: «O lago dos cisnes» e «Quebra-nozes», de Tchaikovski e «Valsa nº 7», de Chopin.

A criação deste grupo coincidiu com a inauguração do teatro com o mesmo nome, em 1978. Está em Portugal a convite da Câmara Municipal de Santiago de Cacém. O produto da venda dos bilhetes para o espectáculo reverte a favor da construção do novo lar para a terceira idade da Santa Casa da Misericórdia.

Comida ribatejana

O 2º Festival de Gastronomia da Lezíria Ribatejana realiza-se de seis a 15 de Julho, em Samora Correia. Das especialidades da região destacam-se a punheta de bacalhau, o torricado, as batatas de rebolão e as tripas de porco assadas na brasa. Porque a tradição gastronómica se mistura com a festa tauromática, no dia 14 terá lugar a 5ª Novilhada da Orelha de Ouro, da revista «Novo Burladero».

Maquilhagem profissional

Boutique de maquilhagem exclusivamente profissional - fotografia, televisão, teatro e cinema -, é como se anuncia a Make up for ever. Este novo espaço estará a funcionar a partir de hoje, em Lisboa.

Processo Sá Carneiro transferido com alta segurança

Cerca de 120 volumes de processo do ex-primeiro-ministro Sá Carneiro foram ontem transferidos, sob escolta policial, de Loures para o Tribunal Criminal de ALta Segurança, no Monsanto, onde ficarão arquivados, encerrando dez anos de investigações judiciais.

Dois automóveis, um Datsun e um Renault, serviram para os transportes de, precisamente, 121 volumes do processo, que foram retirados do Tribunal de Instrução Criminal de Loures, cerca das 11 horas de ontem, pelas portas das traseiras, sob a protecção de quatro agentes policiais.

O movimento do transporte dos volumes, quatro a quatro, do interior do tribunal confundiu-se com a movimentação de feirantes, que exerciam a sua actividade nas traseiras do edifício.

Toda a história, reduzida a escrito processual, sobre o acidente aéreo, que na noite de 4 de dezembro de 1980 vitimou o então primeiro-ministro, Francisco Sá Carneiro, Snu Abecassis, Adelino Amaro da Costa, Manuela Amaro da Costa e António Patricio Gouveia, além de dois tripulantes do avião, foi transportada numa carrinha..

Segundo a agência Lusa apurou, o vasto processo «ficará a aguardar melhor prova», à ordem do juiz de Instrução Criminal de Lisboa, mas «arquivado» neste tribunal.

O director do laboratório de polícia científica da Polícia Judiciária, Silva Santos, escreveu uma carta à Comissão Parlamentar de Inquérito a Camarate anunciando que três peritos da PJ não iriam depor perante a comissão para prestar esclarecimentos sobre o relatório, nomeadamente a propósito da presença de fósforo e bário, por considerar que a questão está ainda sob segredo de justiça.

Os três peritos da PJ eram os únicos especialistas em explosivos do grupo que elaborou o relatório, encerrado em Maio último, pelo Tribunal de Instrução Criminal de Loures.

O despacho final proferido pela juíza titular do processo, Fátima Mata-Mouros, concluiu pela não concretização de indícios de crime, determinando que o processo «fique a aguardar melhor prova».

Ao longo de dez anos, persistindo a suspeita de que o acidente de Camarate não tinha sido um desastre natural, foram feitas várias investigações judiciais, no sentido de aclarar essa incerteza..

Foi em 1983 que o processo deu entrada no Tribunal de Instrução Criminal de Loures, por ordem da Procuradoria-Geral da República, então instruído contra pessoas «incertas».

Este processo teve como base o inquérito preliminar instaurado logo a seguir ao acidente de Camarate, ocorrido em Dezembro de 1980.

Em Portugal, a situação de desigualdade que penaliza o sexo feminino dificilmente será transformada sem alteração da legislação comunitária

Mulher: lei e realidade não combinam

Apesar do direito da igualdade entre homens e mulheres estar consignado na Constituição Portuguesa, na prática isso não acontece. Esta realidade é documentada por Odete Santana, no estudo publicado na «Revista dos quadros técnicos do Estado», datada de Março-Abril, agora chegada à nossa redacção.

Segundo esta, «as mulheres não participam na vida económica em termos de igualdade com o parceiro masculino mesmo se e quando elas são cada vez mais a exercer uma actividade profissional».

Odete Santana é assesora principal na Direcção Geral das Relações Colectivas de Trabalho e baseia as suas conclusões na análise de quatro vectores: qualificação profissional, desemprego, trabalho a tempo parcial e remunerações.

Quanto à qualificação profissional, a mulher continua a exercer funções em sectores «nos quais a mão de obra é menos qualificada ou menos bem paga». Comparando dados de 1970 e 1981, do Recenseamanto Geral da População, verifica-se que não existem grandes alterações (ver quadro). Com a agravante de a taxa de feminização nos serviços de saneamento e limpeza ter aumentado significativamente, de 34,17 para 59,82 por cento.

«Por outro lado, as novas tecnologias tendem a suprimir mais rapidamente funções rotineiras - onde as mulheres são particularmente numerosas -, tornando-as, portanto, mais vulneráveis, aumentando a sua insegurança e a instabilidade de emprego», salienta Odete Santana. As mulheres representam 60 por cento do total de activos desempregados.

No que diz repeito ao trabalho a tempo parcial, o sexo feminino é particularmente atingido: em 100 postos de trabalho, 64 são ocupados por mulheres. O que, a par da especificidade do sector económico, é responsável pelos baixos salários auferidos pelas empregadas.

Dado este panorama, Odete Santana entende que devem ser tomadas «medidas visando os desiquilíbrios existentes nas condições de trabalho, no acesso ao emprego, à formação e à promoção profissional».

TAXA DE FEMINIZAÇÃO

Sectores	1970(%)	1981(%)
Serviços domésticos	95,81	95,68
Serviços pessoais diversos	54,86	60,35
Serviços de saneamento e limpeza	34,17	59,82
Serviços de saúde	57,47	66,93
Serviços de educação	72,93	76,25

Fonte: XI e XII Recenseamento Geral da População

Obstáculos técnicos

Em 31 de Dezembro de 1992 serão levantados obstáculos técnicos, jurídicos e fiscais que impedem a livre circulação de pessoas, mercadorias, serviços e capitais entre os Estados Membros.

A comunidade definiu medidas para que o atraso dos países periféricos não tenha repercussões para a mulher. No entanto, o futuro não parece fácil.

A nível das remunerações, Odete Santana destaca as seguintes fontes de rendimento: actividade profissional remunerada, prestações, subsídios e segurança social, e remunerações avulsas enquanto membro de uma estrutura familiar, local ou cooperativa.

Na função pública, poucas mulheres, uma vez que são «afectadas por uma menor mobilidade geográfica» irão ocupar cargos do sector público dos outros estados membros. É ainda presumível que os empregos actuais sofram uma degradação quantitativa e qualitativa.

Os novos empregos estão, sobretudo, no sector de serviços.

Factos que aumentam a importância da acção social entre os elementos deste sexo.

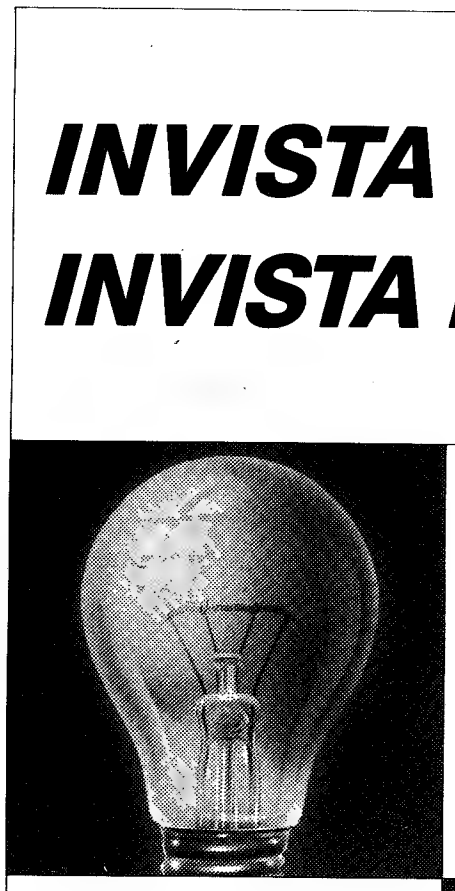
Donde, Odete Santana entende que «é urgente e indespensável a harmonização, a nível comunitário, dos direitos adquiridos e dos direitos derivados em matéria de segurança social».

Por último, refira-se que é «nas zonas periféricas da Comunidade Europeia e nos centros rurais que as mulheres exercem actividades profissionais estatisticamente invisíveis».

Tratam-se de funções não remuneradas, no seio da família ou em coperativas, e que não estão regulamentadas. O mercado único em 1993 não vai alterar esta situação, já que não existe qualquer regulamentação comunitária.

Imagem de bilhete postal: tão longe da fada do lar como da igualdade de direitos

INVISTA NA EDP
INVISTA NO PAÍS



FINALIDADE DA EMISSÃO

Para dar resposta consequente às exigências de crescimento progressivo do consumo de energia eléctrica — cerca de 5% por ano — a EDP necessita de realizar anualmente avultados investimentos em novos centros produtores — aproveitamentos hidroeléctricos e centrais termoeléctricas — e nas redes de interligação e de distribuição

Com um imobilizado produtivo de 1417 milhões de contos e cerca de 200 milhões de contos de obras em curso, a EDP investe anualmente valores da ordem dos 100 milhões de contos cuja cobertura deverá ser feita por adequados capitais permanentes, nomeadamente, os fundos gerados internamente, as dotações de capital e os capitais alheios agenciados nas instituições financeiras ou no mercado de capitais.

No período decorrido entre 1984 e 1988, o volume global de investimentos afectos à sua actividade principal — a produção, transporte e distribuição de energia eléctrica - foi de cerca de 550 milhões de contos. O valor investido durante o exercício de 1988 representou 5% da Formação Bruta em capital fixo, 30% da Formação Bruta em capital fixo no sector público empresarial e 1,2% do Produto Interno Bruto

A presente emissão visa proporcionar uma aplicação segura das poupanças numa actividade essencial ao desenvolvimento do País, permitindo o concurso directo do público — o grande beneficiário do progresso nacional — no financiamento do sector da electricidade

A EDP compromete-se a convocar uma Assembleia de Obrigacionistas, tendo como um dos pontos da ordem de trabalhos a eleição do Representante Comum dos Obrigacionistas.

CONDIÇÕES DA EMISSÃO

a) **Valor nominal e preço de subscrição**
1 000$00.

b) **Realização**
Pagamento integral no acto da subscrição

c) **Representação das obrigações**
Em títulos ao portador de 5, 10, 20, 50 e 100 Obrigações, os quais serão agrupados em 3 séries iguais A, B e C

d) **Taxa de juro nominal**
A taxa de juro nominal do 1° cupão é de 20,00%
Nos seguintes, a taxa de juro nominal será a mais favorável para o subscritor das seguintes:
— taxa de referência para obrigações, fixada por Aviso do Banco de Portugal, em vigor no 1° dia de cada período de vencimento de juros, acrescida de 4,00%
— taxa base anual calculada e divulgada pelo Banco de Portugal (que é a taxa nominal, convertível semestralmente, equivalente à taxa anual média efectiva, ponderada pelos respectivos montantes, das 12 últimas colocações de Bilhetes do Tesouro de qualquer prazo e divulgada às Instituições Financeiras juntamente com os resultados de cada colocação de Bilhetes do Tesouro) reportada ao antepenúltimo dia útil do semestre anterior, multiplicada pelo factor 1,15 e arredondada para 1/16 de ponto percentual superior

e) **Pagamento dos juros**
Os juros das Obrigações contar-se-ão e vencer-se-ão semestralmente, a partir da data do início da subscrição, em 2 de Janeiro e 2 de Julho de cada ano. O primeiro pagamento terá lugar em 2 de Janeiro de 1991

TAXA EFECTIVA EQUIVALENTE DO 1.º CUPÃO

RENDIMENTO NOMINAL ANUAL, LÍQUIDO DE DEDUÇÕES FISCAIS DO 1.º CUPÃO

Emissão liderada pelo Banco Português do Atlântico e tomada firme por um consórcio bancário.

A presente emissão foi autorizada pelos Despachos [illegible] do Auditor Geral do Mercado de Títulos

16.ª EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES

EMISSÃO PÚBLICA DE ATÉ 15 000 000 DE OBRIGAÇÕES NÃO SUJEITA A RATEIO DE VALOR NOMINAL UNITÁRIO DE 1 000$00

SUBSCRIÇÃO DE 25 A 29 DE JUNHO DE 1990

TAXA DE JURO NOMINAL DO 1.º CUPÃO

f) **Duração do empréstimo**
7 anos

g) **Amortização**
A amortização é efectuada ao par, em 3 anuidades, em 2 de Julho de 1995, 2 de Julho de 1996 e 2 de Julho de 1997
A ordem de reembolso de cada série será definida por sorteio a realizar antes da data marcada para os 1° e 2° reembolsos

h) **Regime fiscal**
Imposto sobre sucessões e doações — Isenção total Imposto Único IRS/IRC à taxa de 25%

i) **Rendimento líquido**
O rendimento das obrigações correspondente as condições actualmente em vigor, líquido de deduções fiscais é representado por uma taxa nominal anual de 15,00%
A taxa efectiva anual equivalente e de 15,5625% (pressupondo capitalização, com idêntico rendimento, dos juros pagos semestralmente)

j) **Subscrição**
A decorrer em Junho de 1990
Nos dois primeiros dias, 60% da emissão será reservada às subscrições de montante inferior a 500 000$00

k) **Entrega dos títulos definitivos**
Será efectuada no prazo máximo de 120 dias após a subscrição, junto das instituições onde a mesma se tenha realizado

l) **Admissão à cotação nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto**
Após a entrega dos títulos definitivos será solicitada a admissão à cotação nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto

EDP
A SUA EMPRESA DE ELECTRICIDADE

Mal acabaram as comemorações do bicentenário da tomada da Bastilha, o anti-semitis com a violação dos cemitérios judeus. Prova de que a aceitação das diferenças, o respe básicos da revolução não são perenes - têm de ser cultivados, como a própria democracia

A moral do respeito

Após o nosso bicentenário, tão celebrado, eis um centenário que teríamos preferido que não fosse nosso, e que ninguém o celebrasse! 1890 foi o ano do desencadeamento do anti-semitismo em França, se é que podemos datá-lo com precisão.

Desde 1880, cerca de quarenta obras anti-semitas foram publicadas. Em 1886, Drumont publicou «A França judaica», denunciando o judeu «na sua totalidade». Em 1882, irá fundar a «Libre Parole» (Livre Palavra). Inimigo por natureza, traidor por vocação, estrangeiro em todo o caso, o judeu, sujeito a todas as desgraças físicas e morais, é culpado pelos males dos franceses. A febre anti-semita agita a Imprensa, o Parlamento, o Exército, as elites. Como livrar-se desse flagelo? Um padre pede o desterro dos judeus para fora da sociedade cristã, um escritor sugere a forca, um deputado propõe a expulsão de todos os judeus da França. E Drumont profetiza, em Janeiro de 1893: «Algo me diz que o castigo será terrível...». O capitão Dreyfus é um jovem casado, jovem pai, brilhante oficial. Ainda terá dois anos de felicidade, ou quase, antes de descobrir, verdadeiramente, que é judeu!

Mas sabemos que este século, que nos separa dos anos de histeria anti-semita, transformou o Mundo e as mentalidades como um milénio não o conseguiu fazer; observamos que quase todas as fontes que alimentavam o anti-semitismo francês estão, hoje, secas. No fim do século passado, o ensino católico era propositadamente antijudaico, designando esse povo por deicida; o maior jornal católico descrevia-se a si próprio orgulhosamente, em 1890, como «o jornal mais anti-judeu de França».

Hoje, a Igreja condena, sem equívocos, o anti-semitismo, os bispos de França participam nos combates contra o racismo, a Imprensa católica - cujo público já não é o mesmo -fala de amor, e não de ódio. O anti-semitismo beneficiava do medo crescente do capitalismo - o judeu era responsável pelo reino dos bancos, pela ruína das pequenas empresas - e, também, do terror das revoluções, pois era óbvio que esse judeu participava em todas as conspirações que pudessem abalar «o velho jardim francês». Este discurso - que tanto denunciava o judeu em Rothschild como em Marx -, constatamos como hoje parece velho, ultrapassado pela História.

E, do mesmo modo, o nacionalismo francês, o ódio pela Alemanha, o desejo de vingança, a exaltação do Exército, que caracterizaram a França entre a guerra da humilhação e a da vitória, já só pertencem ao passado.

Seria preciso considerar, igualmente, tudo o que transformou a sociedade francesa: a facilidade em viajar, a aprendizagem de línguas, a construção da Europa, a abertura ao Mundo através dos medias, o desenvolvimento de uma cultura mundial, a da música nomeadamente, e, também, o declínio dos valores tradicionais que, há cinquenta anos, o marechal Pétain ainda pretendia encarnar... O anti-semitismo tradicional parece ter perdido as fontes que o alimentavam.

Sobretudo, houve o Holocausto, e não apenas o Holocausto alemão; as perseguições de judeus pelas quais os próprios franceses foram responsáveis. O martírio do povo judeu trouxe a desonra ao anti-semitismo. Dedicando, em 1886, a todos os verdadeiros franceses a sua «França judaica», Drumont ousava escrever: «Não fui mais do que o secretário de todos os espíritos, e o porta-voz de todas as almas.» Alguns anos mais tarde, Maurras retomava o eco: «A desordem é obra dos judeus, ideias liberais, ideias humanitárias, ideias revolucionárias, ideias judaicas.». Céline, em 1937, acentuava o apelo para o ódio: «O ódio é necessário aos homens para viverem. Basta senti-lo pelos judeus, esse ódio, e não pelos alemães.»

As ilhotas do ressentimento

Estes discursos, meio século mais tarde, não são apenas denegridos, são sepultados pela História, e os horrores de Carpentras não lhes restituem qualquer sopro de vida. Já não há, em França, um anti-semitismo vivo. Já não há partido, nem doutrina, nem Imprensa, nem qualquer intelectual que se atreva a afirmar-se anti-semita. As palavras terríveis de Barrès: «Que Dreyfus é capaz de trair, posso concluí-lo da sua raça», nenhum novo Barrès poderia proferi-las, e não seria tolerado. Será eufórico supor que as provocações anti-semitas, em França, não são mais do que a obra de enraivecidos ou de pequeníssimos grupos, pois o que é generalizado, hoje, é a condenação do anti-semitismo? O que significa, num século, um verdadeiro progresso da nossa sociedade... adquirido, infelizmente, a que preço!

E, todavia, temos de tomar a sério os acontecimentos odiosos de Carpentras e doutros locais. Pois a história do anti-semitismo em França sempre foi feita de oscilações. Sendo impossível sem uma vaga de anti-semitismo, o caso Dreyfus era imprevisível dez anos antes de ter rebentado.

Não há dúvida de que o anti-semitismo de outrora ainda encontra, para se alimentar, algumas sobrevivências de antigas tradições. Podemos ver as suas diversas famílias: católicos integristas, para quem a Igreja de França, traindo Deus, se esqueceu de que o sangue de Cristo deverá recair sobre o povo judeu; adeptos de Maurras, sonhando ainda com uma nação pura e dura; defensores de Vichy, alimentando o velho sonho de uma revolução que deveria varrer a estrebaria parlamentar e encarnar os valores da França eterna. Juntam-se a eles, por vezes, os que foram sujeitos a provações, esmagados, na agitação do último meio século, vítimas da depuração, combatentes da OAS, nostálgicos da Argélia francesa, cujo sofrimento poderá levá-los a virarem-se contra os culpados de sempre. E, como é evidente, o tempo e a morte reduziram, pouco a pouco, essas ilhotas do ressentimento, do infortúnio, onde o anti-semitismo está ligado à imagem de uma França fiel às suas virtudes tradicionais, uma França forte e bela, sem estrangeiros, sem traidores, sem inimigos internos.

É provável que Le Pen e alguns dos que o rodeiam carreguem em si, sem o admitirem, esse velho anti-semitismo francês. Mas a habilidade de Le Pen foi a de cultivar um campo mais vasto e, hoje, mais fecundo: a nossa segurança e a nossa identidade. Velho projecto modernizado, cuja perspectiva mais vasta ultrapassa o anti-semitismo, ultrapassa, mesmo, o racismo, que não parece ser mais do que uma etapa. Trata-se de proteger os franceses, os «verdadeiros», contra todas as ameaças vindas do exterior e do interior; de organizar a sua legítima defesa. Trata-se de apelar para a guerra permanente que opõe um povo de boas pessoas aos seus potenciais agressores.

Manequins de espírito

Quem nos ameaça, hoje? Os delinquentes, claro, e, por detrás destes, todos os delinquentes em potência, os árabes - que são de «cor delinquente», como Dreyfus parecia a Léon Daudet ser «da cor de um traidor» - e todos aqueles que, vindos de fora, não partilham a nossa herança e sonham em forçar a porta das nossas casas. Os judeus? Não, os judeus não ameaçam verdadeiramente a segurança dos franceses, não a ameaçam enquanto não forem demasiado numerosos, demasiado poderosos, e enquanto se mantiverem discretos! Este velho discurso da extrema-direita francesa, exaltando a ordem e a segurança contra os agressores vindos de todos os lados, tem um fundamento legítimo: a defesa do solo e dos valores comuns, a segurança individual, a de um povo, são os objectivos de qualquer Governo.

Mas vê-se bem que o projecto político vai mais longe: trata-se de separar, continuamente, as pessoas honestas e os outros, os inocentes e os culpados, as vítimas e os bodes expiatórios, os franceses e aqueles que não o são, que não podem sê-lo. Esse projecto começa por justificar os comportamentos individuais - a violência é lícita se for exercida para defender a pessoa e a propriedade, os bens e os valores -, depois inspira um programa político: justifica as expulsões arbitrárias, as extradições fáceis, os castigos impiedosos. O campo de selecção surge no horizonte e, mais longe, o campo de extermínio.

Que pediam, em 1889, os franceses que subscreviam o apelo da «Libre Parole» a favor da viúva do coronel Henry, esses oficial francês «assassinado pelos judeus»? Um militar pedia, ao oferecer a sua contribuição, o «massacre dos porcos judeus», um outro sugeria que se «comprassem pregos, para crucificar todos os judeus». Um honesto cidadão sugeria que «todos os judeus e judias» fossem queimados nos fornos de uma fábrica de cristais vizinha. Um outro oferecia menos de um franco «para alugar um vagão de exportação». Outro enviava o seu donativo «para assar os judeus». Claro que eram, apenas, palavras. Tratava-se, unicamente, de se defender contra a miséria, contra o medo, contra tudo o que é estranho. Com um pouco de perseverança, de tempo, e o auxílio das circunstâncias,

Um polícia entre as campas de Saint Herblain: «Vingança d inscreveram na

Os acusados da violação do cemitério de Sainte Herblain

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

...tismo reapareceu em França, ...speito pelos outros, os ideais

...gança de Carpentras», lê-se numa lápide; «Le Pen é um SS» ...ram na outra

...erblain, também em França, foram libertados a 23 de Maio

As leituras da rebelião branca

Inúmeros «boletins de ligação» circulam nas fileiras neonazis francesas. São, muitas vezes, publicações de fabrico artesanal, a preto e branco, de formato em miniatura e de uma qualidade de impressão medíocre, distribuídas por correspondência ou através de livrarias especializadas. Traduzem, perfeitamente, o estado de espírito dos militantes dos diversos grupúsculos de extrema-direita.

Os redactores esforçam-se por dar «notícias da frente», tanto de França como do estrangeiro, e por abordar certos aspectos históricos ou questões de actualidade. O inimigo é nomeado: a «democracia judaizada e corrupta», segundo os termos utilizados em «Glaive», uma publicação mensal parisiense filiada no Partido Nacionalista Francês e Europeu (PNFE).

Nesse mesmo boletim, as citações de Adolf Hitler são erigidas em preceitos, e os «métèques» (estrangeiros) denunciados de forma obsessiva. Também se pode ler: «Não há nada que aterrorize mais os judeus que a perfeita unidade, a unidade moral de um movimento ou de um povo, Se sempre foram partidários da democracia, é porque ela só apresenta vantagens para os inimigos de uma nação.»

Quanto ao «Rebelle Blanc», uma folha de Tours que se proclama «órgão da rebelião branca», presta homenagem a Rudolf Hess, «homem de paz e mártir», antes de publicar as palavras inequívocas de um grupo «skinhead» belga: «Lembro-me dos bons velhos tempos. Hitler tinha razão, todos os judeus e todos os imigrantes para os fornos e campos de concentração.»

Um outro boletim, «732 Poitiers», ligado à secção de Lille do PNFE, assegura que «o holocausto, é uma história», e certifica que as câmaras de gás nunca exterminaram os judeus. Um artigo consagrado à televisão resume o estado de espírito destes jovens: «Não ao pagamento de mais taxas, não a mais intoxicação do espírito. Passe a sua noite na cama - aí, não verá nem pretos, nem socialistas, nem judeus-democratas, nem estrangeiros - a ler obras sobre a verdadeira vida, tal como a viviam os nossos antepassados, ou saia para a rua, distribua panfletos denunciando esta sociedade decadente.»

Ainda no «732 Poitiers», este aviso solene: «A nossa força começa a inquietar a judiaria internacional (...) Nunca cederemos perante as forças marxistas. Em breve, a sua derrota será total e, nesse dia, a conta que terão de pagar será bem pesada.»

Ph. Br.
Exclusivo «Le Monde»/«DL»
(Tradução de I. J.)

encarnada pelo casal ou o núcleo familiar, também contribuem para isso: o outro é o estrangeiro, o estrangeiro é o outro, ameaça latente contra a felicidade.

Os que falam e se mostram não têm suficientes palavras e gestos para exaltar o êxito, a sorte, e, claro, a beleza! E como poderia essa moral, a dos manequins de corpo e de espírito, não incitar ao desprezo dos excluídos, dos falhados, dos feios? Essas pessoas que vieram para o nosso país, sem competência, sem força, sem outra razão que não fosse fugir à miséria, vis imagens da vida, suspeitos de má cara e falas estranhas, como não ter receio deles, e não seria melhor correr com todos, esses derrotados que nos incomodam?

A democracia aprende-se e desaprende-se

Contrariamente ao que imaginaram os utopistas do século das Luzes, o respeito pelos outros, o sentimento da igualdade e da dignidade humana, a aceitação das diferenças, não surgem, de modo algum, por si. São - ai de nós! - o medo, o desprezo, ou mesmo o ódio, que parecem ser naturais. A esquerda francesa, e grande parte da direita, encontraram conforto na ilusão de que a democracia seria um progresso irresistível, incessante, como a razão e a inteligência do homem. O século XX ter-nos-á, pelo menos, ensinado que a democracia é frágil - que a servidão também o é -, que a democracia se conquista, se perde, se reencontra, e que se aprende e desaprende. Uma pedagogia da democracia?

O que é mais fácil de proclamar do que pôr em prática. A primeira exigência é naturalmente, a de um ensino, pela palavra e pela imagem, dos direitos do Homem e da liberdade, que deveria prolongar-se pelos três graus do nosso sistema educativo; um ensino pleno, que não poderia ser nem aborrecido, nem dogmático, nem vingativo. Também se aguarda uma propedêutica da vida pública. Se os partidos políticos quiserem lutar, eficazmente, contra o racismo, devem tomar cuidado com os discursos de exclusão, com os espectáculos de confronto que expõem a rivalidade dos interesses pessoais e a indiferença pelos interesses colectivos; devem corrigir, no dia a dia, todos os comportamentos que alimentem o ódio e a exclusão, por conseguinte, o racismo. Até o anti-racismo deve manter-se vigilante. Não pode ser uma firme inversão do racismo, um fanatismo legítimo. Não deve esmagar, sob o seu desprezo, todos aqueles cuja ignorância, ou o infortúnio, ou o medo, transformaram em racistas de ocasião, que não deverão ser proscritos mas sim auxiliados a deixarem de o ser.

Poder-se-á falar de ética, se é indiscreto falar de moral? Há uma ética dos medias que deve ser encorajada. Não é verdade que a Televisão ponha Le Pen em destaque porque é representativo de uma vasta corrente de opinião. Le Pen é convidado, com condescendência, porque tem talento, e a terrível sedução das ideias simples e das convicções cegas, porque consegue suscitar uma grande audiência, e porque se pode esperar que diga coisas escandalosas. Que a Televisão se lembre de que se tornou, em França, a segunda escola - e, mesmo, para muitas crianças, a primeira escola -, o que lhe cria deveres que deve impor!

A nossa querida liberdade de expressão

Não há necessidade de leis novas, excepto por rejuvenescer a Lei de Imprensa, simplificar a sua aplicação e, sem dúvida, fornecer ao juiz, na incriminação e nas sanções, maiores poderes. Será que o faremos? Somos fiéis a uma concepção imatura da liberdade de expressão e de escrever, inspirada nas diatribes de Marat: a nossa querida liberdade de expressão autoriza-nos a fazer tudo, ou quase tudo, sem verdadeiramente termos consciência disso. O delito de Imprensa - tão severamente punido nos países anglo-saxónicos - está protegido, em França, por uma impunidade social, e, periodicamente, as leis de amnistia anulam esse delito sagrado.

Devemos culpar os juízes? É essa a moda. Mas eles não fazem mais do que exprimir um sentimento colectivo, e a sua aparente indulgência é a nossa. Mas poderá o Poder político punir, verdadeiramente, o Poder judicial pela sua fraqueza? E se os neonazis não pudessem desfilar, tranquilamente, sempre que têm vontade? E se os jornais que exprimissem francamente, ou nas entrelinhas, o anti-semitismo e o racismo, já não pudessem ser expostos nas bancas? E se o Governo pedisse à sua Polícia que respeitasse não apenas as leis, como, também, as pessoas, e que nunca ofendesse a dignidade de ninguém, quer estivesse bem ou mal vestido, fosse branco de pele ou de um negro retinto? E se as administrações tratassem os administrados com atenção, com compreensão? E se o Poder reduzisse a exibição dos sinais de poder que veiculam, nas ruas, a aparência do desprezo?

São, apenas, minúsculos exemplos... A ilusão é crer que só se vencerá o racismo com o anti-racismo. É, também, crer que estaremos a salvo do anti-semitismo apenas através da memória do Holocausto. Não há uma diferença radical entre o racista que maltrata um árabe, o condutor que, numa estrada, põe em perigo um carro subitamente detestado, e todos esses denunciantes cujas cartas anónimas deixam falar o ódio. Não se pode combater eficazmente o racismo se não o reconhecermos sob todos os seus rostos.

Donde poderão surgir, hoje, o respeito pelo outro, o reconhecimento obstinado da sua dignidade, mesmo que nos perturbe, mesmo que nos for estranho? Donde nos pode vir a vergonha de ser racista? Só pode vir de uma moral que reivindica, em qualquer circunstância, o respeito pelo Homem, por mais diferente ou estranho que seja. Sem esta lei moral, não há fundamento indiscutível para recusar o racismo. E esta moral impõe coerência nos comportamentos. Le Pen cultiva, com talento, o que temos de pior em nós. Que os partidos políticos, os medias, os intelectuais solicitem o que temos de melhor, e o racismo não terá, provavelmente, futuro. É provável que os franceses o esperem. Mas sabem, também, que o anti-racismo não é um fim em si próprio, que é uma das exigências do respeito pelo Homem, e que o respeito pelo Homem não se pode dividir.

JEAN-DENIS BREDIN
da Academia Francesa
Exclusivo «Le Monde»/ «DL»
Tradução de Isabel Joyce

COMPRIMIDOS
À BASE DE LIMÃO
ALGAS E ALOÉS
maxiliber®
EMAGREÇA COM PRODUTOS NATURAIS
maxiliber®
CHÁ COM
NOVE PLANTAS
SELECCIONADAS
GOTAS COM
SEIS ESTRATOS
REPRESENTAÇÃO EXCLUSIVA: FEREL COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, LDA. — Rua do Alecrim, 71-1.º Tel. 32 00 59/32 13 88 — 1200 LISBOA

Quatro mil e trezentos quilos de sardinha, quatro mil litros de vinho e nove mil pães, entre uma grande variedade de atracções gastronómicas típicas do Ribatejo, atraem 50 mil forasteiros a uma festividade considerada ímpar

Benavente revive Festa da Amizade

Rui Vasco

As tascas facturam bastante bem, apesar da digna concorrência da sardinha e os esmerados petiscos fazem jus à gastronomia ribatejana

Benavente, o ponto final do Ribatejo. Terra de gentes hospitaleiras, de lezírias e charneca, a pequena vila do Baixo Ribatejo vai estar de novo em festa. No último dia do mês, sábado próximo, na sua vigésima primeira edição, sol, touros e campinos, verdadeiros *ex-líbris* da região, vão ombrear com a Lua e a sardinha, pequena e luzidia, na Festa da Amizade.

Fernando Alberto Rodrigues, um dos dezasseis membros da comissão organizadora, fala da festa que se espera «rija».

«Este ano, encomendámos mais trezentos quilos de sardinha do que no ano passado. Só o pão e o vinho se mantêm. De resto, o programa é semelhante ao de anos atrás. Vamos ter setenta fogareiros nas ruas, quatro conjuntos a tocar, em simultâneo, noite dentro, e, claro, para além da sardinha, os touros».

É a tradição, a pedir continuidade. «Todos os anos vão parar uns quantos "valentões" ao hospital, mas o que seria da festa sem eles?» — pergunta. E a festa promete: quatro mil e trezentos quilos de sardinha, quatro mil litros do melhor vinho da região, nove mil pães, tudo para mais de cinquenta mil pessoas. Uma noite, por ano, difícil de ignorar. Cor e alegria, nas ruas, difíceis de esquecer.

«Vem gente de todo o lado. Até excursões organizadas em Espanha aparecem, de propósito, para a nossa festa. Gostam de ver a picaria à vara larga e as provas de condução de jogos de cabrestos da região. Trazem o farnel, almoçam e à noite nós oferecemos a sardinha, o pão e o vinho.»

Esmero nos petiscos

A festa custa caro, dizem, mas não dá prejuízo.

Orçada em cerca de três mil contos, este ano, há já a garantia de dois mil certos. «Metade da festa é sustentada pela publicidade. O resto, vem da colaboração dos residentes e da venda de canecas e jarros, no dia da sardinha. O cabaz da Páscoa e do Natal, que organizamos todos os anos, também dão a sua ajuda».

Fernando Alberto Rodrigues chama a atenção para o facto de os comerciantes facturarem, nessa dia, mais do que nos outros. As pequenas tascas esmeram-se nos seus petiscos que a sardinha é, na ocasião, digna concorrente da gastronomia ribatejana. Depois, ao fim da tarde, o trânsito é cortado, o comércio fecha as portas e todos vêm para a rua dar as boas vindas aos «estrangeiros».

Certeza, apenas uma: quem, nesse dia, vai a Benavente, não passa sem lá voltar.

Foi essa a razão para o nascer da festa, no ano de 1969. Começou por ser obra de «uns quantos carolas da região», não mais que três e hoje, organizada por uma comissão de dezasseis membros, tornou-se uma das festas mais originais e concorridas do País.

De mão em mão

Benavente apresenta-se, nesse dia, ano após ano, como a «capital» da Amizade. A vila do terramoto em princípio de século foi esquecida, a desgraça deu lugar à franca confraternização e, no dia da sardinha, espreita para o exterior.

Residentes e forasteiros sentam-se à mesma mesa, comem e bebem o mesmo pão e vinho. A sardinha, acabada de chegar de Sesimbra e Peniche, passa de mão em mão, da mão para o fogareiro e dali para o prato. Todos falam então a mesma língua que o estômago começa a dar horas. Depois, há a música e a dança pelas ruas, os ranchos e fanfarras, os bailaricos e os touros. Os touros, sempre, em luta com o homem.

«No ano passado, foram alguns parar ao hospital. Não morreu ninguém, lá isso é verdade, mas já tem acontecido noutros anos». Este ano? Ora, não é difícil prever. «Um ou outro copito a mais, um ou outro touro mais aguerrido e o fim de noite no hospital», diz Fernando Rodrigues.

Mas a festa continua. Sem eles, os feridos, cambaleantes e ensanguentados, que procuram cura para as suas mazelas. Os touros, esses, autêntico cartaz turístico da região, dominam e desafiam quem os quer dominar. Touros e campinos eternizam a luta e o Ribatejo festeja.

Nos Paços do Concelho, ultimam-se os preparativos para o grande dia da «Festa da Amizade»

Paisagem orgulhosa

Rezam as crónicas que Benavente surgiu por vontade expressa de D. Sancho I, quando o monarca incumbiu um grupo de colonos estrangeiros de se fixar na margem sul do Tejo, povoando assim as terras conquistadas aos mouros. Em 1199, a povoação de Benavente nascia, no «coração de Portugal».

Benavente, o segundo dos treze concelhos a ser instituído no Ribatejo, é bem o espelho do abraço entre a Estremadura e Alentejo, a lezíria e o rio.

Paisagem única e orgulhosa, onde a festa do touro se assume em toda a sua pujança, o Ribatejo tem muito mais para oferecer ao visitante para além do cavalo e do campino.

Aí se associam indústrias tradicionais, desde os curtumes de Alcanena ou tecelagem de Minde até à cerâmica de Golegã ou Chamusca e à cestaria de Alpiarça ou Almeirim.

Num mundo todo branco, caiado e de barra azul, os mais puros néctares, dos brancos suaves ao tinto encorpado fazem as honras do «campo», e à mesa, a «charneca» é-nos trazida pelas carnes — grelhadas, fritas ou no forno. Mais tarde, rainhas do banquete, as deliciosas doçarias de séculos passados lembram a passagem das ordens dos Templários, Aviz ou Cristo por terras outrora «infiéis».

Também a Reserva Natural do Estuário do Tejo, um dos útimos refúgios de aves migratórias, não deixa de ser, para os apreciadores da natureza, um espaço querido da zona ribatejana

SOCIEDADE DE DESCASQUE DE
ARROZ BOM SUCESSO, LDA
TEL. 94261
FOROS DE ALMADA — ST.º ESTEVÃO 2130 BENAVENTE

O pelourinho quinhentista, frente à Câmara Municipal de Benavente, recorda épocas quase esquecidas do segundo concelho formado ao sul do Tejo

Até a madrugada raiar

Touros e campinas pelas ruas, sardinha e vinho, quanto basta. O Ribatejo está em festa, sábado, e marca encontro na «pequena vila entre Tejo e Alentejo».

Bem cedo, às 9 da manhã, cavaleiros e cabrestos concentram-se no recinto do mercado e iniciam, meia hora depois, o desfile pelas principais artérias da vila até ao Calvário. Aí terá lugar a costumada missa campal, em homenagem aos campinos falecidos e, uma vez mais, as provas de condução de cabrestos e a picaria à vara larga fecham, com chave de oiro, o programa da tarde.

Mas a festa continua, às 16 e 30 e, como manda a tradição, a ansiada largada de toiros vai ocupar alguns aventureiros durante duas horas.

Em seguida, a fanfarra dos Bombeiros Voluntários e a Sociedade Filarmónica de Benavente fazem as honras da casa. A música desce à rua e o Rancho Típico da Saia Rodada, bem como o Rancho Folcórico da Casa do Povo vão mostrar como se baila na outra banda.

A noite desce e às 21 soa o toque para o jantar. Acendem-se os gigantescos fogareiros, as caixas de sardinha e os barris de vinho são descarregados, enquanto 21 morteiros assinalam mais um aniversário da festa de Benavente. O cheiro da sardinha assada espalha-se por toda a vila e por volta das 23 horas, os bailaricos começam. Quatro conjuntos de música popular estarão em palco até de madrugada, desafiando todos para um pézinho de dança.

Uma vez mais os toiros percorrem as ruas da simpática vila e, noite dentro, à 1 e 30 da madrugada, a hora é, aparentemente, de recolher. Mas não. O arraial está mais do que nunca no sangue dos ribatejanos e a festa prolonga-se até aos primeiros raios da manhã. Até à 22ª edição da Festa da Sardinha, para o ano, no último sábado de Junho.

Com saudade

Piedade da Conceição Cardoso, de sua graça «Ti» Piedade, como lhe chamam, para os lados do Calvário, em Benavente. Mulher do campo, viúva e mãe de sete filhos, «Ti» Piedade tem hoje 86 anos e recorda todos as 21 edições da «Festa da Sardinha».

«Nessa noite não dormia. Ia com o meu marido, ainda ele era vivo, mas não comia, não senhor. À noite, é indigesto» justifica.

«Mas era uma alegria. Meu marido, que Deus tem, indicava os bois e eu andava por lá até às tantas. Olhe, hoje já queria era dormir, nessa noite, mas não me deixam...»

«Ti» Piedade lembra-se bem como começou a grande festa em Benavente, sempre no último sábado de Junho. Recorda em especial aquele dia, - já lá vão três anos e não deixo de chorar - em que Joaquim se virou para a roda de amigos, noite dentro, e disse que ia descansar, para voltar de seguida.

« Não voltou. Tinha qualquer coisa má, no coração, o meu Jaquim, e ficou-se, nessa noite.» Ti Piedade chora o filho perdido, engasga-se, baralha ideias e remata, conformada: «Deus levou-me as falas, sabe? Desde esse dia não fui a mesma. Criei os meus sete filhos, trabalhava no campo, até gostava de coser as roupas. Hoje, já nem paciência tenho para cozinhar. Contento-me com aquilo que me dão. E a minha gente dá-me pouquinho».

Um brilho nos olhos, ainda. Momentâneo. A pele enrugada, queimada pela labuta de sol a sol e a recordação de tempos menos difíceis e bem mais felizes. Hoje, já nem à festa vai. O marido deixou de indicar bois, o seu «Jaquim» não voltou naquela noite de arraial mas o António, «o meu outro filho, de quarenta e tal anos, esse é danado. Não lhe escapa uma».

Festa da sardinha, entenda-se, que «Ti» Piedade é do que fala. Da Festa da amizade, em Benavente, com saudade, da festa que a todos enche de alegria excepto a ela.

Três anos não é muito tempo e a memória, «mesmo sem falas», continua a falar-lhe tristemente ao coração.

«Ti» Piedade já viu as vinte edições da festa

Restaurante — „O BRASA"

BANQUETES DE:
Casamentos e
Baptizados

SOPA DA PEDRA
SOPA DE PEIXE

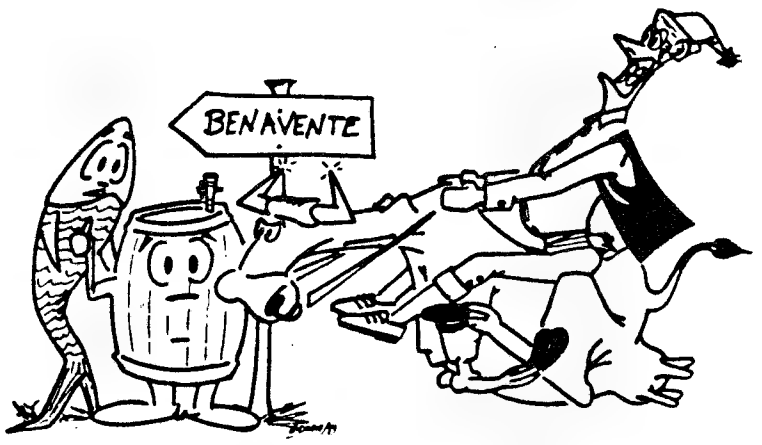
Estrada Nacional 118 - km 40 ··· Telef. (063) 52793 ··· 2.130 BENAVENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE

Sábado, 30 de JUNHO 1990

21ª Festa da Sardinha Assada

em BENAVENTE



Temos Sardinhas, Pão e Vinho para te oferecer num ambiente tipicamente ribatejano

PROGRAMA

COMISSÃO DA PICARIA

9,00 H. - Concentração dos cavaleiros e cabrestos no Campo da Feira/Recinto do Mercado.
9,30 H. - Desfile pelas ruas da vila em direcção ao Calvário.
10,00 H. - Missa campal no Calvário por intensão dos campinos falecidos.
10,30 H. - Provas de condução de cabrestos.
11,00 H. - PICARIA À VARA LARGA.
16,00 H. - Entrada de toiros e passagem pelas ruas da vila (saida da Leziria dos Cavalos).

COMISSÃO DA SARDINHA ASSADA

16,30 H. - LARGADA DE TOIROS.
18,30 H. - Desfile da Fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Benavente.
19,30 H. - Desfile da Banda da Soc. Filarmónica Benaventense.
20,00 H. - Desfile e actuação do Rancho Típico Saia Rodada de Benavente (adulto e infantil).
20,30 H. - Desfile e actuação do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Benavente (adulto).
21,00 H. - Acender dos fogareiros.
21,30 H. - Lançamento de 21 Morteiros a assinalar o 21º Aniversário e dando INICIO AO ASSAR DAS SARDINHAS.
23,30 H. - Início de BAILES POPULARES - 3 conjuntos - até de Madrugada.
1,00 H. - Apresentação da nova Comissão para o ano de 1991.
1,30 H. - LARGADA DE TOIROS.

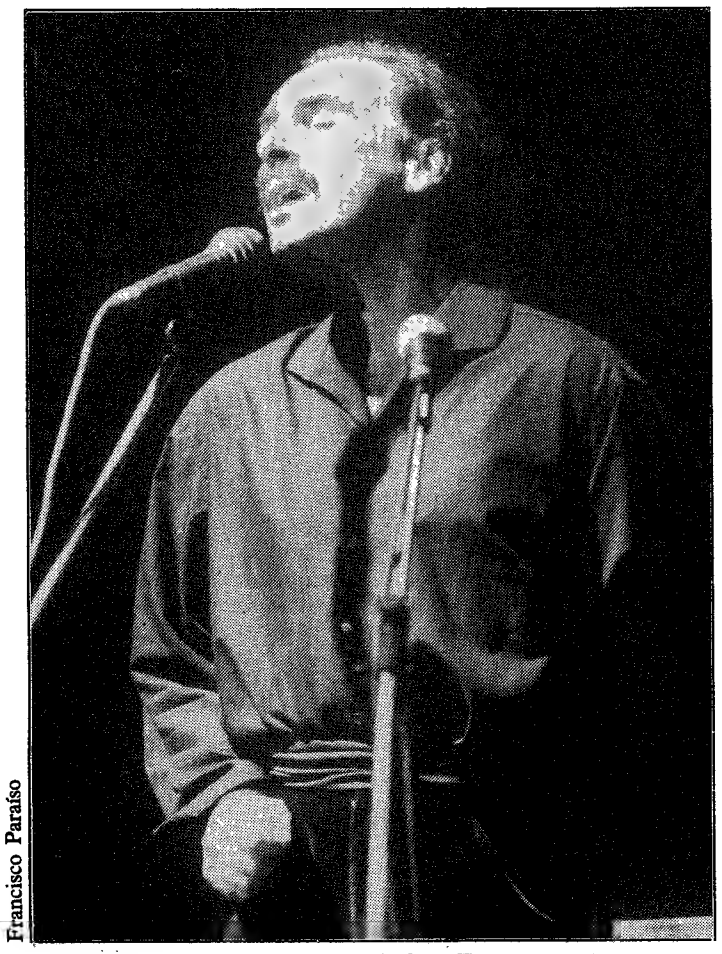
CULTURA

Lua Extravagante ontem no Tivoli

Um encontro com a memória

Ontem, poucos minutos antes do início do primeiro espectáculo do grupo Lua Extravagante, não houve à porta do Tivoli um grande corropio como dias antes sucedeu com os dois concertos dos Madredeus, no mesmo local e também integrados nas Festas da Cidade. E não só não houve grande corropio, como não foi muito o público que se deslocou à sala da Avenida. Uma pena.

Apesar das suas diferenças, os dois projectos, curiosamente, não divergem muito. Tal como nos Madredeus, também o grupo dos irmãos Salomé - Vitorino, Janita e Carlos - e de Filipa Pais propõe-se responder ao excesso, quase saturação, da electricidade com a busca de sonoridades mais simples, mais puras e humanas, utilizando instrumentos acústicos e o cantar das vozes. O mais importante é a memória. No caso dos Madredeus tal memória é oferecida a quem, pela pouca idade, não a tinha, enquanto que os elementos dos Lua Extravagante permitem-nos o reencontro com ela. Ambos os colectivos musicais utilizam as raízes da música tradicional portuguesa, recriando-as uns de forma mais urbana e actual e os outros devolvendo-a à sua ruralidade genuina.



Francisco Paraíso

Vitorino: o guardião de Lua Extravagante

Assim se constata que os cantos alentejanos ou do Norte, as romanças ou o "Canto Moço" de Zeca Afonso são a música que Vitorino e Janita nunca deveriam ter abandonado, explicando hoje, quiçá, um dos motivos que fizeram o público distrair-se e não aderir mais significativamente a este trabalho. Outros motivos haverá, nomeadamente a falta de promoção desta série de três espectáculos do grupo.

A fórmula Lua Extravagante vive da forma discreta como os quatro cantores estão no palco, e começam a envolver-nos com as suas vozes, as batidas nos adufes, o acordeão tocado por Vitorino ou o duo mais espectacular das tracanholas de Janita e Carlos Salomé. Os elementos do grupo pretendem ter consigo um instrumentista convidado, por pequenos períodos de tempo, a completar e a dar o prazer do improviso, parte activa no som final do conjunto. Até aqui, colaborou neste projecto Pedro Caldeira Cabral, com a sua guitarra portuguesa. Agora em palco está José Peixoto, guitarrista vindo da área do jazz. Marca presença de forma óbvia, porque necessária nalguns temas para noutros voar e nos aparecer com a mesma criatividade e talento de que deu mostras na sua passagem pelo anfiteatro da Gulbenkian como mentor dos "El Farid".

Por muito que este não seja o género de música que ouvimos todos os dias ou que escolhemos para pôr a tocar na aparelhagem, não deixa por isso de valer a pena ouvi-lo. Porque, para lá de quaisquer outras razões, faz parte de um património que a nós pertence, e todos temos direito a uma memória que nos permita recriar a vida sem saudosismos e muito menos revivalismos, mas com a certeza que tudo se transforma e inova. Acima de tudo, precisamos de saber que haverá sempre alguém, ao longo dos tempos, a fazer-nos relembrar quem somos. Votar este projecto à indiferença é uma injustiça para estes guardiões da memória colectiva e, afinal de contas, para connosco mesmos.

Maria José Belo Marques

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS DA VIDA DE BENILDE

Subsídio SEC

2.º mês

«...Imagina-se José Régio entusiasmado — ia ele lá perder este tão belo retrato da sua Benilde pela Alexandra Lencastre! —...» — Eugénia Vasques — «Expresso».

«Alexandra pontifica em encenação inteligente.» — Tito Lívio — «A Capital».

«O elenco é seguramente de grande nível, com Alexandra Lencastre numa belíssima figuração de Benilde». — M.ª Helena Serôdio — «O Jornal».

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE **JOSÉ RÉGIO**

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTIN, RUY FURTADO

Última semana só até dia 30.

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinées aos domingos às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

teatro da Cornucópia

UM POETA AFINADO

Manuel de Figueiredo

últimas semanas — só até dia 8/7

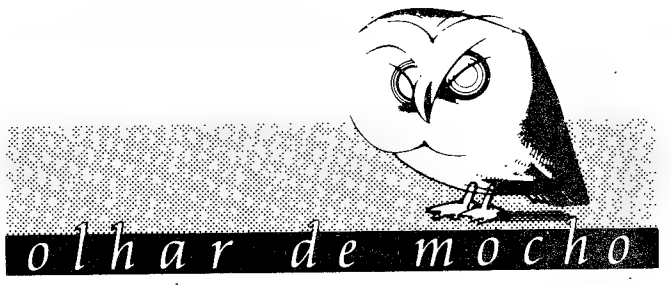
«Deliciosamente provocatório»
«Expresso»

«Aquela maestria a que a Cornucópia nos habituou»
«Diário de Lisboa»

«Como, mais uma vez, a partir de um texto fraco, se pode pôr de pé um bom espectáculo»
«Público»

TEATRO DO BAIRRO ALTO: Rua Tenente Raul Cascais, 1-A — 1200 Lisboa
Telef.: 396 15 15/396 92 05

De 3.ª a sábado, às 21.30h, e domingos, às 16h
Atenção: O espectáculo começa **pontualmente**
Não é permitida a entrada na sala depois do início



As crónicas dos crimes

O negócio com as séries televisivas onde o crime está sempre bem organizado e os que descobrem os criminosos, também, é tipicamente americano. Actualmente temos a Crónica do Crime, Miller e Müller, e Dallas repescado, sempre a dar dinheiro. Poderíamos, evidentemente, acrescentar dúzias de outros títulos, que quer em estilo MacGyver quer em Justiceiro em nada alteram as estruturas da programação. Todas estas séries têm um denominador comum: exibir e propagandear a moral puritana dos americanos. Repare-se que a Cicciolina, as séries eróticas ou pornográficas italianas que garantem aos canais privados europeus uma fatia nada despicienda dos picos de audiências só são eticamente viáveis exactamente por não terem sido geradas no sistema puritano que estrutura a respectiva sociedade. E vamos ao que interessa deslindar. O puritanismo nasceu na Inglaterra, onde das lutas entre protestantes e católicos acabou vencedora a Igreja presbiteriana. Os presbíteros eram desde as origens remotas do cristianismo, os representantes da forma de vida democrática. Naquele tempos antigos, comunidades houve que resolveram optar pelo governo presbiterial isto é, uns tantos, os mais idosos, sem reis nem chefes, herdando as tradições da democracia ateniense, decidiam, colegialmente, o que se devia viver e como. Mas paralelamente também havia os monárquicos que queriam um chefe, o déspota, para pouparem no pensamento e não terem de investir em assumir responsabilidades. Mais tarde, esta corrente deu no conhecido papismo, e aqui já todos sabemos como é que a coisa funciona.

Na América foram os puritanos de origem britânica que venceram e por isso Deus quis que a América fosse democrática: o puritanismo era democrático, a democracia terá de ser puritana. Mas como a sociedade puritana não se pode dar ao luxo de erguer à categoria de heróis, as beldades que fazem as delícias económicas da pornografia, ela vai explorar o mundo do crime organizado colocando sempre no sistema de funcionamento um fusível de segurança: os criminosos serão sempre horríveis criminosos, matam, esfolam, violam e fazem da droga uma normal profissão; poderão ser exibidos, os seus métodos são autorizados a ser do conhecimento da opinião pública com a condição *sine qua non*, de os bons, os detectives e polícias, ganharam sempre no final.

Mas na Itália (exemplo típico de países de moral católica) as coisas da moral televisiva funcionam de modo diferente. Como a monárquica autoridade papal deixou de ser batuta em orquestras democráticas, as massas não se sentem responsabilizadas por questões de ética. Enquanto a Polícia não entrar à bastonada, negócio é negócio, e pornografia pública e televisiva, também. Se a pornografia é um crime, a Polícia que proíba, e como a Polícia não se mete, o negócio prospera e as audiências sobem. Agora escolham entre a ética televisiva americana do puritanismo e a católica que reina na Itália, onde o Papa também reina.

José Sousa Monteiro

BREVES

Livraria Latina ameaçada de despejo

A Livraria Latina, instalada no nº2 da Rua de Santa Catarina, no Porto, pode vir a ser encerrada na sequência de um processo judicial de definição de propriedade. Esta livraria foi fundada há quase 50 anos e é considerada uma casa de grandes tradições na «capital» do Norte.

Oriana Fallaci reaparece com romance

Oriana Fallaci vai publicar um romance, após uma longa pausa de oito anos em que esteve retirada, recusando até que lhe tirassem fotografias. A Editorial Rizzoli, que lançará o livro, está a preparar uma edição de um milhão de exemplares.

António Carmo na URSS

Em meados de Julho, e por diversas cidades soviéticas, estará patente ao público uma exposição de pintura de António Carmo (óleos, guaches e desenhos) integrada nos Dias de Portugal. O certame percorrerá a URSS durante cerca de três meses, sendo a primeira apresentação na Bielorrússia (Minsk). A exposição será apresentada em simultâneo com uma mostra dos bonecos de Santo Aleixo (Évora). Do catálogo (ainda em execução) consta um texto do pintor e professor Rogério Ribeiro.

Van Gogh e Rimbaud em Serralves

A Fundação de Serralves inaugura a 5 de Julho uma exposição internacional de cartazes de vários artistas plásticos, em homenagem ao pintor holandês Vincent van Gogh. Peter Blake, De Kooning, Roy Lichtenstein, Tapiés, Jiri Kolar, Mario Merz, Enzo Cucchi e Jan Fabre são alguns dos autores de cartazes da homenagem ao pintor holandês, que se suicidou há cem anos em Antuérpia depois de um ano de internamento num hospício de Saint-Remy. A mesma Fundação inaugura no mesmo dia as exposições «Je est un autre», de Rimbaud, «Esculturas Recentes», de Gilberto Zorio e «Auto-Retratos», incluindo esta última obras de Andy Warrol, Boltanski, Joseph Kosuth, Tony Cragg, Jorge Molder, John Coplans, Boyd Webb, etc.

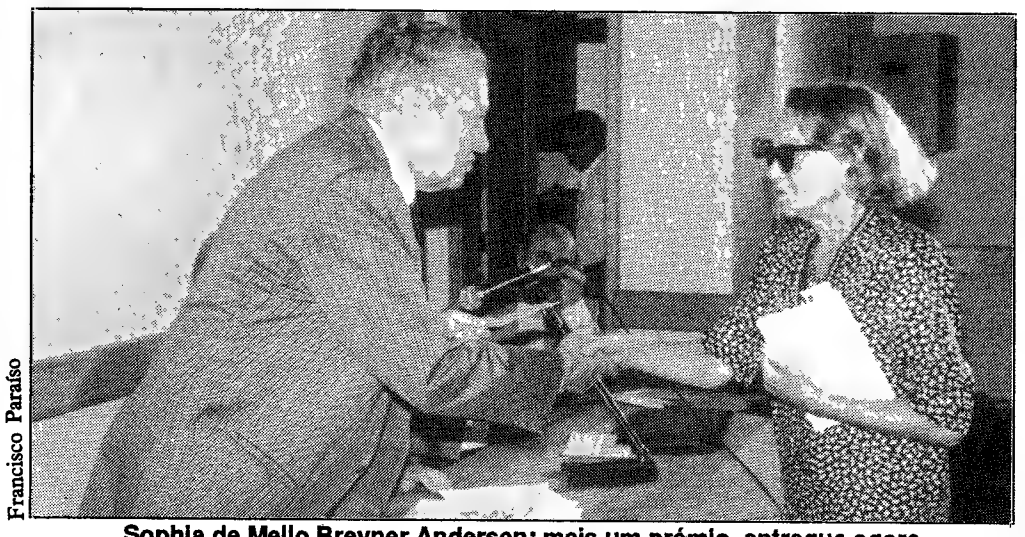
Música Clássica em Évora

A Regie Sinfonia, Segreis de Lisboa, Coro Gulbenkian e Joaquim Simões da Hora, são alguns dos participantes nas IV Jornadas de Música Clássica de Évora/90, que decorrerão de 28 de Junho a 25 de Julho.

Pen-Clube atribuiu ontem os seus prémios de ficção, poesia e ensaio

O sol do cavalo, a ver o que existia

O Pen-Club atribuiu, em cerimónia realizada ontem, os prémios de poesia, ficção e ensaio, relativos ao ano de 1989. Foram distinguidos a poetisa Sophia de Melo Breyner Andersen, Teolinda Gersão e Paulo Castilho em ficção e na categoria de ensaio o júri decidiu atribuir o prémio a Margarida Vieira Mendes. Estiveram presentes o Presidente da República, Mário Soares e o secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes.



Francisco Paraíso

Sophia de Mello Breyner Andersen: mais um prémio, entregue agora pelo Presidente da República

O júri de poesia premiou o livro «Ilhas», de uma das grandes poetisas portuguesas, Sophia de Melo Breyner Andersen. Como referiu Armando Silva Carvalho acerca da escritora, «a sua voz continua a não ser, nos dias de hoje, uma voz passiva».

Acerca da sua poesia e da sua insersão na cultura portuguesa, a escritora afirmou que se considerava um poeta manuelino, explicando que o Manuelino é como um poema: não há um pensamento que lhe seja propriamente anterior. «O Infante D. Henrique mandou os homens navegar a ver o que existia. Com o poema passa-se a mesma coisa: vamos à procura daquilo que há.»

Quanto ao prémio relativo à ficção, importa referir que o romance «Fora de Horas», de Paulo de Castilho, recebeu também, este ano, o prémio da Associação Portuguesa de Escritores (APE), acumulando assim dois dos mais importantes galardões literários portugueses. O facto é tanto mais curioso se tivermos em conta que aquela obra de ficção, editada em finais do ano passado, passou praticamente desapercebida até receber o prémio APE, causando algum espanto e desorientação nos meios literários.

Paulo Castilho referiu ao «DL» que a sua escrita tem muito a ver com o cinema: «Vejo muito cinema e a minha concepção da construção de uma obra de ficção é muito influenciada pelas formas narrativas do cinema americano.» Ao contrário do que foi já algumas vezes referido, o autor, diplomata de carreira, não se sente influenciado pelo «dirty realism» ou pelo minimalismo americanos.

A sua escrita é, podemos dizê-lo com Casimiro de Brito, escritor que falou em nome do júri de ficção, uma escrita nocturna, espessa. O próprio Paulo Castilho referiu ao nosso jornal que «a noite é a melhor parte de um dia. Sou uma pessoa nocturna. Nunca escrevi de dia. Não sei que tipo de coisas escreveria durante o dia. À noite as coisas estão em silêncio e existe uma outra atmosfera».

Autor de um primeiro livro galardoado com o prémio de revelação do «Diário de Notícias», Paulo Castilho está a escrever neste momento, lentamente, a sua terceira obra de ficção.

Teolinda Gersão, com a sua obra «Cavalo de Sol», foi galardoada *exaequo* com Paulo Castilho. Ao contrário de «Fora de Horas», aquele livro é, como nos referiu a autora, diurno: «A visão de Casimiro de Brito é correcta; de facto o meu livro é um livro diurno no qual há momentos de grande tensão, há um adensar de clima, por vezes bastante negativo, mas que é superado. Há em todo ele qualidades de alegria e de força que de facto são solares. O sol do cavalo tem muito a ver com o impulso vital.»

Neste momento, Teolinda Gersão está a escrever um romance bastante diferente daquele que foi premiado. Espera terminá-lo em breve e o seu título deverá ser «A Casa da Cabeça do Cavalo».

Na categoria de ensaio a premiada foi a jovem Margarida Vieira Mendes, com um volumoso estudo sobre «A Oratória Barroca de Vieira», que segundo os membros do júri «constitui um contributo importante para os estudos literários portugueses».

M.R.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS
SALA NOVA
2 últimas semanas
O ESTRANGEIRO EM CASA
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MUSICA • JOSE MARIO BRANCO
SALA 1
UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL
«... excelente encenação.» — A CAPITAL
«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO
«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO
«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL
APOIOS F. GULBENKIAN • REMEDIUS MUSIC
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY
SUBSIDIO S.E.C.
MARCAÇOES T. 726 08 18
PUBLICO

Mar, rãs, computador

Uma senhora, ao nosso lado, tapava os ouvidos com as mãos. Sentado à nossa frente, um indivíduo, na casa dos quarenta e tais, executava o mesmo gesto - e, um pouco por toda a sala, idêntica atitude se podia observar. (Alguns dos presentes, aliás, alcançavam, pé ante pé, a porta de saída da sala polivalente do Serviço Acarte da Fundação Gulbenkian...) Tocava-se, de Cândido Lima, a peça «Oceanos», tratada em computador num amálgama de matemática e decibeis extremos, integrada no VI Congresso Português de Informática, que ontem à tarde e noite se cumpriu no local acima mencionado.

Embora amador de música, mas não perito, temos de confessar que a dita peça musical bem merecia melhores ouvidos. Trata-se de um verdadeiro «magma», com a duração de 26 minutos, onde o oceano se transforma em tudo quanto podemos imaginar em evolução e movimento: comboio, vento, órbita, pião, abismo, relâmpago, chegada em apoteose...

Estamos em crer que unicamente as pessoas com algumas noções de Física (Teoria da Relatividade, Teoria Quântica, Teoria dos Campos, Cálculo de Probabilidades, mundos atómico e subatómico, etc.) terão aderido, sentindo-o, ao trabalho emocional e meticuloso de Cândido Lima. Uma obra, na verdade, inesquecível, quer se chame «Oceanos» quer responda ao título que, por esta ou aquela razão subjectiva, lhe quisermos dar. Em resumo: estética pura, plena de surpresas, ampla de achados. Palmas, pois!

Abrindo o programa (chamemos-lhe assim), foi tocada a peça «Xerazade», de Amílcar Vasques Dias, inspirada no coaxar de centenas de rãs que sobrevivem no rio Águeda (Eirol-Aveiro), obra para fita magnética, *sampler*, teclado Midi e piano acústico. Alternando um certo tom clássico com as novas tecnologias, é um suavíssimo quarto de hora, que desçai bem em quem o escuta e nele sem má-fé se concentra. Já numa outra dimensão (o que não significa desmerecimento da peça anterior), é, de António Sousa Dias, a obra «Objectos no espaço perturbados por corpos estranhos»: uma percussão-ressonância que toma o ouvinte até ao desfalecimento do último murmúrio...

Corais de Bach harmonieados (é o termo técnico) por computador fecharam a primeira parte do programa - programa que, estendendo-se a uma mesa-redonda sobre Informática e Arte, compreendeu ainda, sob o domínio das novas tecnologias, o visionamento de artes plásticas (Evangelina Sirgado, Feliciano Morgado e Frazão Duarte), cinema (animação e grande metragem, respectivamente de um grupo de jovens e José Xavier), literatura («Com palavras», de Egito Gonçalves, e quatro histórias inéditas de Alice Vieira) e dança.

E pronto! Mas que som é este...? O «magma» de «Oceanos» - a nossa íntima explosão por todo o Universo...

Pedro Alvim

LIVRO ABERTO

Podemos desenhar com um simples pau de giz - e podemos tudo apagar com uma simples esponja humedecida. Ou simplesmente com a palma da mão. Fica só a superfície da lousa negra. A noite, enfim. Noite de que não irrompem estrelas: mas dentro de nós, explodindo, há estrelas brancas em explosão. Morre-se em luz - e, daí, Goethe ter dito ao expirar: «Mais luz! Mais luz!» Quando eu me morrer, e me for para sempre, então direi: «Vou-me às escuras.» E ficar-me-ei como se todo o meu corpo mais não fosse do que um black hole*: atraindo-me, pois, a mim próprio. Como se fosse a minha própria gravidade.*

Carta aos Meus Amigos

Agora que me vou de férias, e só aos livros voltarei, se essa for a vontade dos deuses, pelo mês de Agosto, dar-me-ei a algumas considerações sobre o motivo que aos livros me leva. Não é, não, um fechar-me em mim próprio sobre as palavras dos outros. Antes é o íntimo desejo de captar o que o mundo aos outros diz, pois só assim me é possível ficar a saber se é comum a todos a linguagem desse mesmo mundo. Antes, no entanto, convém me situe, embora de modo breve, perante os meus amigos. Direi então, isento de qualquer petulância, que sempre me reconheci rodeado de livros, ou melhor, se forradas eram de livros as paredes dos meus avós paternos, também atapetadas de livros eram as dos meus pais - e, anos corridos, as paredes que me foram abrigando (ora no Porto, ora em Lisboa, ora em Sintra), de livros também se revestiram. Assim, pois, milhares e milhares de títulos me interrogaram ao longo dos anos - e passando eu de biblioteca para biblioteca, passo a passo, muitas questões me foram formuladas, muitas e muitas mesmo, e se para algumas encontrei resposta, já para outras só o silêncio ficou a boiar na água dos meus olhos...

Ler um livro, para mim, é um ritual pleno: o passar das páginas, uma a uma, desdobra-me instante a instante como se eu fora quem o livro escreveu. Vejo-me (mesmo acompanhado que esteja) sentado a um canto das muitas salas por que fui passando, numa sombra-luz, a decifrar um título, a ouvir uma personagem, a perder-me em paisagens, a embrulhar-me em situações. Quando fechado o livro, à semelhança de um mundo findando momentaneamente, vagaroso arrumava o livro na estante - e voltando depois ao convívio dos meus eu era um eu acrescentado, múltiplo, diverso. E tanto era assim, tanto e tanto, que me perguntavam:

- Que tens tu...? Distraído...?

Eu dizia (vendo-os, por sua vez, multiplicados e diversos):

- Mas não! É que vocês são tantos...

Desdobramento

Por estas minhas palavras se pode concluir, com um mínimo de exagero, que um certo desdobramento (embora momentâneo) operavam os livros em mim: ora me sentia multiplicado, ora os outros multiplicados via. Um mal...? Creio que não - e isso por que, quando assim me sentia, mais generoso me oferecia aos outros, e os outros, por sua vez, mais pródigos de atenção se mostravam para comigo.

Esta generosidade mútua, como é óbvio, ainda hoje se mantém, tal se devendo ao facto de à leitura me dedicar - e também por me dar a notas de leitura, mais por acto de amor do que por dever de ofício. Acontece, não raro, ser-me custoso tal empreendimento: pois se na minha intimidade posso escolher os livros da minha apetência, o mesmo já não me acontece quando procedo à decifração obrigatória de livros que chegam à minha secretária de trabalho. Mas tal é o meu desejo de nos outros me imiscuir, de os compreender, que sempre acabo por ir de página a página, sublinhando aqui, riscando mais além. Que busco eu, afinal...? Mais luz em mim - e mais luz nos outros. E se tal luz não existir...? Se essa luz não existir, ou a sua iluminação não for suficiente, continuarei, no entanto, na minha tarefa: e um tempo virá em que mais não serei do que um buraco negro (black hole), para sempre me sumindo na minha gravidade assumida...

Recepções de Junho

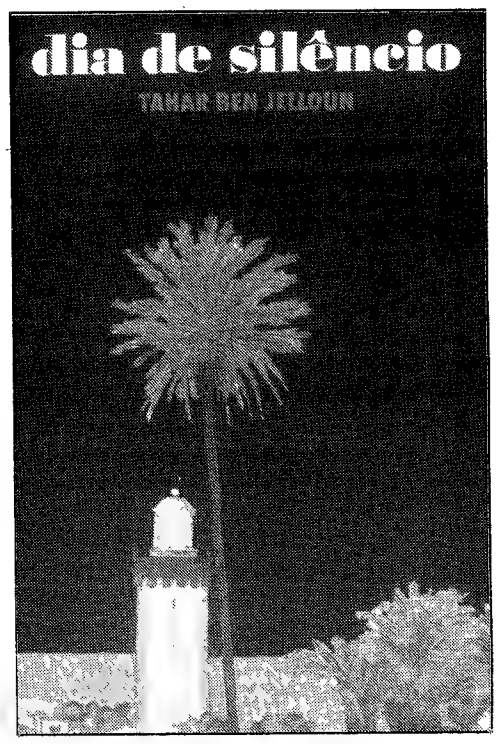
Amigos meus: aqui termina esta minha carta, com, no final, alguns títulos chegados nos últimos dias do corrente mês de Junho.

Ei-los:

«O Não e o Sim», António Ramos Rosa, Quetzal; «Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen», Silvina Rodrigues Lopes, Editorial Comunicação; «Lá Onde o Rio Te Leva», Tobias Schneebaum, Antígona; «História Social da Música Popular Brasileira», José Ramos Tinhorão, Caminho; «Os Europeus», Henry James, Contexto; «Do Fim do Mundo», Nuno Bragança, Editora O Jornal; «Giulieta», Federico Fellini, Bertrand Editora; «Herberto Helder: Texto, Metáfora, Metáfora do Texto», Américo António Lindeza Diogo, Almedina; «O Homem de Vida Inexplicável», Henri Gougaud, Bertrand Editora; «Dia de Silêncio», Tahar Ben Jelloun, idem; «Narrativa Literária de Autores da Madeira», Nelson Veríssimo, Funchal; «Equinócio da Paixão», Cecília Barreira, Lua Cheia; etc. Sim, sim: por Agosto, e meses seguintes, referir-nos-emos a alguns destes livros e a outros não aqui mencionados. Por agora...

Por agora, e voltando ao livro de António Ramos Rosa, no começo mencionado, de mãos abertas deixamos como termo a epígrafe daquela obra: «Fala / mas não separes o não e o sim.»

Pedro Alvim



Rogério Ribeiro na Galeria Nasoni

O poema de Paul Éluard, «*J'écris ton nom...*», terá sido o ponto de partida para a (monumental) instalação de pintura que Rogério Ribeiro faz na Galeria Nasoni, em Lisboa.

Sendo a liberdade o nome exaltado por Éluard, não surpreende que o pintor recue até um outro que, da Revolução Francesa, é o seu inequívoco *repórter*: David.

E como a liberdade, consequente de uma revolução, para nós já não se fica pelo habitual tique importador, Rogério Ribeiro faz-nos - inevitavelmente - participar do tom elegíaco da instalação, «Em Abril, flores mil».

Temos assim, na Galeria Nasoni, dois tempos do «Atelier do pintor» que, uma vez mais, vai buscar ao espaço do labor oficinal a sua motivação pictórica.

Por tudo isto, que já não é pouco, se compreenderá que apenas tenhamos sussurrado o que Rocha de Sousa chama no texto do catálogo, «O Murmúrio dos Nomes».

J. F.

Joaquim Bravo: o artista e o amigo

Quando Joaquim Bravo se concentrava no espaço branco de uma folha de papel, mergulhava, como um monge budista, na contemplação de um jardim nu. E projectava na folha branca agora transfigurada em ecrã ou tela, os mundos da cor e das formas que habitam o mundo.

A sua Obra é, na sua Continuidade, descontínua. Herdeiro da tradição modernista apaixonou-se pelos objectos (um molde de sapateiro, um galho seco, uma rémora) reinventou-os conferindo-lhes a nobreza de uma autonomia conquistada à usura da utilidade ou da existência.

Arrancados ao contingente adquiriam (como as pessoas) um estatuto próprio, uma beleza única, ocupando um espaço onde passavam a existir de pleno direito fora das convenções e ficções que as amarravam.

Usou o Desenho com a austeridade de um calígrafo. Nessa escrita em que cada forma nascida se inscreve num alfabeto genético (que espera pela investigação dos especialistas) a Cor surge-nos como uma colagem, uma segunda escrita, agora pictural, que busca, na sua dinâmica, a captura de um ritmo, a música de uma sensação ou a tonalidade de um sentimento. A cor é um empréstimo da Vida, uma roupagem que nos é dada, uma ficção do Olhar.

Bravo era um pintor que vivia as cores através da Vida e a Vida através do desenho rigoroso das estruturas que na sua rigidez e dureza eram paradoxalmente movediças e abstractas. Contudo, apenas abordo aqui o que da sua obra mais nos foi dado conhecer. No seu espólio muitas e grandes surpresas nos reserva este artista e amigo surpreendente.

Como amigo, era o Amigo. Difícil porque cordial, exasperando-nos com o seu humor cáustico para logo nos desarmar com a sua ternura. Generoso e franco o convívio com os amigos não era isento de uma sadia conflictualidade avesso como era dos abcessos da hipocrisia e da paz podre que infectam a nossa convivialidade. Desconcertava os admiradores para se não achar crucificado pela admiração que lhe votavam.

Como homem entrou em muitas encruzilhadas: as do amor, as dos ofícios a que deitou a mão para sobreviver, as do desejo. De todas saiu ileso até que, vencido pela doença, a morte o levou de vencida para o seu silencioso labirinto.

Deixou-nos a sua Obra e a enorme mesa da Vida para a vivermos sem ele que tanto gostava de estar connosco à mesa da Vida. Deixou-nos Lagos que ele deixou como o Lugar que queria habitar, a sua morada e a de todos os que o amavam porque Lagos não existe sem o Bravo. Que Lagos não o esqueça!

Joana Ruas

MUNDIAL

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

Galopada segue dentro de momentos

Storkovic ja chutou para o segundo golo

Os oito cavaleiros do após-desbaste aí estão: quatro dias chegaram para compor o penúltimo ramalhete dos eleitos e a formar um leque sujeito às mais diversas previsões e hipóteses, ainda que (pelo já visto) prevaleçam favoritos nascidos na hora da 1.ª arrancada (Itália, Alemanha Federal, Argentina) mas sempre enrodilhados em forças que podem tornar-se magestáticas, sujeitas ao súbito impulso de uma estrela cintilar acima dos comuns mortais e reavivar surpresas (Camarões, Jugoslávia, República da Irlanda) ou reconduzir ao alto plano «onzes» com credenciais que pareciam esquecidas das altas andanças (Checoslováquia, Inglaterra).

Quer dizer: estão reunidos todos os condimentos para a galopada final oferecer vasta panóplia de possíveis desfechos sem que (obviamente) quem já morou de braço dado com os louros do triunfo disponha de maior peso na bolsa de valores, num campo de favoritos onde os italianos desfilam na vanguarda, não apenas porque possuem uma equipa de alto gabarito (excepcionalmente preparada para o torneio) mas, por notoriamente desfrutarem dos favores de 85 por cento do público pagante e terem a seu lado a generalidade da Comunicação Social.

Logo depois surgem os germânicos, um «team» de ferro e betão, também com primorosos executantes mas (talvez) a maior capacidade física de todos os blocos que viajaram até terras romanas. E, pertinho, quase em charneira, mora a Argentina que, para além de ter ao dispor um punhado de artistas com talento e arte para bela defesa da coroa que ostenta, ainda coloca no pano verde essa simbiose de Pelé e Eusébio que se chama Diego Armando Maradona, o extra que surge apenas uma vez em cada geração.

Já moravam na nossa retina as proezas dos Camarões e da Checoslováquia que, arredando blocos-sensação vindos da América do Sul, provaram que foi necessário um derradeiro apelo a todas as capacidades para deixarem escorregar até à margem da estrada colombianos e costa-riquenhos. E temos o caso da República da Irlanda: sofreu até à última pinguinha mas, num golpe de tremenda sorte, conseguiu ultrapassar os colegas de Lacatus e remeter os endiabrados romenos para a sua Bucareste de mil sobressaltos contínuos. Claro: só voltou ao pátrio lar uma fatia dos excursionistas, porque outro naipe preferiu deixar-se ficar deste lado, à espera de ver como vão parar as modas ou (provavelmente) espreitando empregozinho num dos muitos clubes que foram de bolsa cheia espreitar a montra transalpina das *estrelas* do futebol deste início de década.

Ontem, foi a vez e a hora de jugoslavos e ingleses colocarem na mesa as castas credenciais. Os rapazes do Leste, que tremeram como varas verdes de cada vez que a bola saltava perto de Ivcovic (numa das mais plúmbeas etapas da sua carreira) acabaram por fazer entrar pelo cano uma Espanha montada em redor de Butragueño, Julio Salinas, Martins Vasquez, Manolo, Baquero e Michel. Porém, a alguns dos *astros* chegou cedo a preguicite impeditiva de remover qualquer grão que fazia empenar a engrenagem: Luis Suarez passa agora a ser (também) um homem a abater. Na galeria onde mora Muñoz, entre mais um cliente para esquecer.

No areópago que assistiu ao Inglaterra-Bélgica ficou um certo sabor de injustiça perante o desbaratar de momentos para a suprema ovação que foram voluntariamente calcados por um sabidão (Ceulmans), dois parceiros também muito experientes (Van der Elst e Degryse), salvando-se, na onda que intempestivamente baixou os braços e rasgou as janelas ao assalto alheio, o inconfundível valor do quase genial Scifo ou do potente e hercúleo Versavel. Do outro lado da barricada, o cada vez mais jovem Peter Shilton, o poderio físico de Gascoigne, o ar raposeiro de Lineker e a astúcia felina de Platt e Barnes aproveitaram o único momento de adormecimento dos defesas-centrais belgas: a lança estava preparada para trespassar o muro mal se avistasse tremura no cimento.

Hoje, há pausa para meditação, tempo para reflexão. Aos que também já viram 33 jogos deste Mundial recomenda-se o que manda o meu médico: repouso de janela fechada, olhar travado, televisões com cobertores por cima, não vá o diabo tecê-las e, mesmo sem jogos, no cartaz, teremos de aturar aquela brilhantíssima embaixada da RTP soltando os mais diversos, estranhos, espantosos e incríveis «comentários» ao mais simples jogo do mundo, que, na boca dos remetidos do Lumiar, assume aspectos de ciência oculta do século XXI, anunciada com asneiras linguísticas que não autorizavam, há 50 anos, diploma de instrução primária.

Quartos de final a partir de sábado

Disputados os últimos encontros dos oitavos-de-final do «Mundial» de Futebol Itália-90, os quartos-de-final vão opor as seguintes formações (horas de Lisboa):

Dia 30 de Junho, sábado: Argentina - Jugoslávia, em Florença, às 16 horas; e Itália - Irlanda, em Roma, às 20 horas.

Dia 1 de Julho, domingo: Checoslováquia - RFA, em Milão, às 16 horas; e Camarões - Inglaterra, em Nápoles, às 20 horas.

Os vencedores dos encontros marcados para sábado vão disputar uma das meias-finais, no dia 3 de Julho, em Nápoles, enquanto a outra partida das meias-finais vai opor, no dia 4 de Julho, em Turim, as selecções que ganharem os confrontos realizados no dia 1 de Julho.

O encontro para apurar o terceiro e quarto classificados do «Mundial» efectua-se no dia 7 de Julho, e a final disputa-se dia 8, no Estádio Olímpico de Roma, às 19 horas.

Ao telefone com o DL

Carlos Valente espera por uma nova eleição

Esta manhã, estivemos em contacto telefónico com o árbitro português Carlos Valente. De Roma, disse-nos:

— Não quero alimentar esperanças mas, estando tudo a correr-me bem, com o dever cumprido, acho que sou bem capaz de ficar no lote dos 16 juízes que vão restar para os quartos de final do Campeonato.

Vamos agora para um almoço com os dirigentes da FIFA e, lá para as duas da tarde, saberemos quem são os 20 juízes que são dispensados. Por mim, ficaria encantado se me reservassem para dirigir o Alemanha - Checoslováquia ou o Itália - República da Irlanda. Mas as nomeações não devem aparecer antes do jantar em que está convencionado reunirem-se todos os árbitros para uma pequena festa de convívio.

Carlos Valente adianta:

— Até agora não tem havido futebol bonito, fora do vulgar. Nem surgiu nenhuma «estrela» de embasbacar. O Campeonato tem mostrado (isso sim) uma magnífica organização, com a arbitragem apenas tocada pela crítica em alguns casos pontuais que já são do domínio público (Agnolin, Fredriksson, Spirin, Quiniou) mas o barco vai chegar a bom porto, embora as ondas sejam infernais.

Concluindo, disse Carlos Valente:

— Lamento muito que, até ao momento, não tenha recebido qualquer palavra da Federação Portuguesa de Futebol ou da Comissão de Árbitros. Como, provavelmente, não sabem o número do meu telefone, aí vai: 00-396-5862 quarto 410. Daí, não fica caro ligar para Roma...

N. de S.

Camarões: quatro punidos com um jogo

Após 44 encontros (faltam 8) realizados nesta fase final do «Mundial», os árbitros exibiram a cartolina amarela a 143 elementos enquanto que, no domínio das expulsões, foram «contemplados» 10 artistas.

A FIFA anunciou a suspensão por um jogo de quatro futebolistas dos Camarões que viram o segundo cartão amarelo na vitória da sua equipa frente à Colômbia, por 2-0, nos oitavos-de-final do Campeonato do Mundo.

André Kana Biyik, Victor N'Dip, Emile M'Bough e Jules Onana ficam assim impedidos de disputar o encontro dos quartos-de-final, com a Inglaterra.

Ricardo Gomes, o brasileiro do Benfica, recebeu idêntico castigo, bem como o italiano Berti que não poderá, por isso, jogar contra a Irlanda, Monzon, da Argentina, também está castigado e não actuará diante da Jugoslávia.

PORTAS DE SEGURANÇA SEMES

Quando fechar esta porta, poderá ficar seguro de que ninguém a abrirá

COM QUATRO METROS LINEARES DE TRANCA
(DOIS DE CADA UM DOS LADOS DA PORTA)

Parecendo portas absolutamente normais, as PORTAS SEMES são dotadas da máxima segurança, tanto contra ataques violentos (alavancas, pés-de-cabra, discos de serra, berbequins, etc.), como contra procedimentos mais sofisticados (gazuas, apalpadores ou chaves falsas). O seu sistema de tranca não se resume a um determinado número de pontos, mas sim em algo muito mais eficaz: «QUATRO METROS LINEARES DE TRANCA»

VISITE-NOS STAND PERMANENTE NA F. I. L. E NO C. COM. DA PORTELA

Nas portas de segurança os aros e as dobradiças são elementos da maior importância. Por isso desenhámos expressamente para o efeito o perfil de aço com que são fabricados os aros que fornecemos com todas as nossas portas.
Também as dobradiças foram objecto de um cuidadoso estudo da nossa parte e, em vez de utilizarmos dobradiças de aparafusar, construídas em ferro ou material fundido, decidimos equipar todas as nossas portas com dobradiças fabricadas em aço torneado, soldadas aos aros e às portas.

NÃO SOFRA MAIS PELA SEGURANÇA DO SEU LAR

SEMES
SEMES — SISTEMAS ELECTRÓNICOS E METALOMECÂNICOS DE SEGURANÇA, LDA.
Novas instalações:
FUNDIÇÃO DE OEIRAS — ☎ 443 03 24

O golo inglês quase no final do prolongamento

O Mundial de Futebol cativa a atenção de muita gente, mesmo dos que, normalmente, pouca importância ligam ao desporto-rei. «Fora de jogo» é uma secção onde, diariamente, damos a palavra a gentes das Artes, das Letras, do Espectáculo e da Política. São olhares diferentes sobre o espectáculo do momento

FORA DE JOGO

Tão bons e tão bem comportados

É preciso ter sorte — O Inglaterra/Bélgica de ontem à noite, que o **Diário de Lisboa** sugeriu que eu seguisse, foi um jogo maravilhoso. A bola andava com tanta velocidade de campo para campo que às vezes parecia haver uma só baliza. Todos tiravam a bola uns aos outros, roubando-a por baixo das pernas, e não havia falta. Nenhuma das duas equipas esteve cheia de manha, só à defesa, até fazer raiva como outras estiveram. A marcação foi cerrada e no entanto, não houve pontapés na cara do parceiro. O jogo foi violento e ninguém andou á estalada. A certa altura até o embarbado do Gerets levantou do chão um inglês com delicadeza de dama. Foi uma disputa agressiva e gentil. Gosto de imaginar um futebol angélico e quando acontece exulto.

Tão bons e tão bem comportados, o difícil ontem à noite foi escolher o preferido. Eu não escolhi mas como sempre, fiquei entre dois espectadores divididos na preferência. Desde que o Mundial começou, eles sentam-se e sucede serem claques rivais. Faz parte do jogo do jogo. O mais novo, meu filho, preferia a Inglaterra. Preferia por razões tão explicitas que a princípio quase me convenceu. Preferia porque gostava dos jogadores um a um, achando-os tão bons que aguentariam a «táctica anárquica» que, segundo ele, iriam aplicar. Mas preferia também por outras razões — Porque gosta do povo, porque fala algum inglês, porque gosta da História da Inglaterra, porque admira a intervenção dos ingleses na Segunda Guerra Mundial e porque acha que estão a precisar de se sentir estimulados, uma vez que se encontram por castigo, fora das taças. Também para aclamar os *hooligans*. Assim sendo, nunca os ingleses mereciam os apitos do árbitro, faziam sempre as melhores jogadas, e até que o Gascoine ontem, não estava muito mau carácter! Quando a bola entrou na baliza de Preud'homme com tanta força e tão de esguelha, o meu filho exultou de alegria.

O pior é que à minha direita estava um seu amigo nascido na Bélgica, perto da terra onde nasceu Jacques Brell. Ora este nosso amigo, pelo contrário achou que os belgas estavam a jogar muito melhor, estavam muito mais coordenados e eram muito mais ofensivos. O Gascoined de Inglaterra continuava a ser o mau carácter, e o Gerets, com a barba de cinco dias até que era um belo gentilomem — além disso, a Bélgica deve ganhar porque é pequena, é plana e só tem aveia. Deve ainda ganhar para fazer ver os francesess que troçam dos belgas como nós injustamente dos alentejanos. Para além de que foi na Bélgica que os *hooligans* mataram italianos e belgas. São razões muito fortes. Por isso sente-se pregado ao sofá quando o amado Preud'homme, deixa entrar a bola. Preud'homme, como toda a gente viu, empalideceu. A claque da direita, constituída pelo amigo dos meus filhos, empalideceu também. Scifo, pregado ao chão, com o número 10 nas costas, era a imagem do desalento. Tudo injusto, tudo vão, tudo perverso, tudo para nada. O nosso amigo português nascido na Bélgica sente-se uma pessoa infeliz. *Mon pays plat, mon pays plat...*

Mas pronto, pronto, já passou. Amanhã há mais. Depois de amanhã e ainda depois, há mais ainda. Outros países, outras simpatias. Este jogo, ao menos foi lindo. Ainda por cima havia a fanfarra da Polícia de Bolonha e uma lua em quarto crescente no meio do estádio. Isso não conta? O que é importante é que esta noite não se matem, pelas ruas. De resto, as alegrias e tristezas com o futebol não devem ultrapassar um dia, e se ultrapassam não prestam.

Lídia Jorge
Escritora

Jugoslávia, 2 - Espanha, 1 (após prolongamento)

A classe de Stojkovic

«Show» taciturno, as duas formações tremendo de susto antes de qualquer rápido revés, jugoslavos perdendo golos como cerejas, o goleador Michel enrolado num colete de forças, a Espanha acantonada na defesa, apenas à espera de um rápido contra-ataque para desfeitear o nosso conhecido Ivkovic que, realmente, não estava nos seus dias, pois raramente efectuou uma defesa completa e tecnicamente correcta. Enfim: foram 70 minutos em que público bocejou. A classe individual de Stojkovic e Martin Vasques serviu de brinde à plateia. Na lateral, o técnico espanhol Luis Suarez (grande jogador do passado) ficou às portas de uma apoplexia.

Uma grande penalidade poupada aos jugoslavos maculou a arbitragem de Aron Schmidhuber (RFA).

ESPANHA: Zubizarreta; Chendo, Andrinua (Jimenez, 49), Sanchis e Gorriz, Michel, Roberto, Martin-Vasquez e Villaroya; Butragueño (Rafa Paz, 78) e Júlio Salinas.

JUGOSLÁVIA: Ivkovic; Spasic, Hadzibergic, Jozic e Brnovic; Susic, Stoskovic, Katanec (Vulic, 78) e Sabanadzovic; Pancev (Savichevic, 56) e Vujovic.

Inglaterra, 1 - Bélgica, 0 (após prolongamento)

Força e técnica

Duas equipas muito combativas, extremamente aplicadas, com grande generosidade na doação do esforço, adestradas fisicamente para os mais duros embates atléticos, proporcionaram um belo espectáculo de futebol-coragem. Scifo e Chris Waddle em grande estilo. O tento do suplente Platt (que resolveu a questão) foi fruto e obra de um deslize da dupla de *centrais* belgas (Demol e Grun, com a conivência do veterano Gerets, que não conseguiu (em 1.ª instância) interceptar o único representante do Aston Villa na selecção de Brian Robson, ao disparar (a um minuto do termo do prolongamento), o tento que siderou os «diabos vermelhos». Na plateia aconteceram algumas escaramuças, chegando a recear-se o pior.

Invalidando um golo perfeitamente regulamentar a John Barnes,o árbitro Peter Mikkelsen (Dinamarca) acabou por se defender à custa da excelente preparação física.

INGLATERRA: Peter Shilton; Paul Parker, Des Walker, Mark Wright e Terry Butcher; Stuart Pearce; Paul Gascoigne, Steve McMahon (David Platt, 71), e Chris Waddle; Gary Lineker e John Barnes (Steve Bull, 74).

BÉLGICA: Michel Preud'Homme, Eric Gerets, Stephane Demol, Georges Grun e Michel de Wolf; Leo Clijsters, Franky Van Der Elst, Enzo Scifo e Bruno Versavel (Patrick Vervoort, 106); Marc Degryse (Nico Claesen, 65) e Jan Ceulemans.

MUNDIAL

Tribunal de Heysel agrava penas mas o «hooliganismo» não pára

Graves incidentes em Rimini

O Tribunal de Recursos da Bélgica agravou ontem as penas de prisão dos onze adeptos ingleses acusados de homicídio involuntário durante os trágicos incidentes no Estádio de Heysel em Bruxelas em 1985, onde morreram 39 pessoas. Jogava-se, então, a final da Taça dos Campeões entre Juventus e Liverpool.

Após quatro meses de audiências do chamado «processo de Heysel», o juiz Pierre van de Walle elevou as penas de prisão de três anos, com 18 meses de pena suspensa, inicialmente aplicadas aos adeptos britânicos. Pierre de Walle aumentou a pena para quatro anos a sete dos adeptos britânicos, enquanto aos outros quatro a pena de reclusão foi agrava de três para cinco anos. O juiz cancelou ainda os 18 meses de pena suspensa, e manteve as multas de 60 mil francos a cada um, aplicada em Abril de 1989.

Apenas um dos adeptos britânicos, Alan Woodray, assistiu ontem à audiência no Tribunal, e viu a sua pena passar de três para quatro anos.

«Os estádios de futebol são campos de desporto e não campos de batalha», afirmou o juiz, frisando que os adeptos agora condenados «são um perigo para um dos mais populares desportos».

O juiz Walde ordenou a prisão imediata dos 10 adeptos ausentes da sentença, prevendo-se que o Ministério da Justiça peça a sua extradição à Grã-Bretanha.

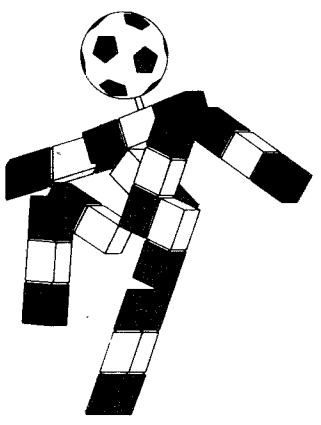
Ingleses mais longe das competições europeias

Entretanto o presidente da União Europeia de Futebol (UEFA) Lennart Johansson, afirmou que os incidentes provocados segunda-feira à noite pelos adeptos ingleses em Rimini vão afectar os projectos de regresso à Europa dos clubes ingleses.

«São notícias terríveis para mim. Tudo isto faz retroceder todo o processo», firmou Johansson, em entrevista telefónica concedida à Associated Press.

«Esta situação não ajuda em nada os clubes ingleses na sua pretensão de regressarem às competições europeias. Creio que não deve haver precipitação na decisão do seu regresso», acrescentou Johansson, salientando que a UEFA poderá voltar a impor a proibição.

«A UEFA decidiu readmitir os clubes ingleses no ano passado, mas todas as decisões poderão ser alteradas. É difícil para mim imaginar que o Governo britânico irá aprovar o regresso dos clubes ingleses, após a violência no Mundial de Itália», disse ainda o presidente da UEFA.



Johansson segue hoje para Berna (Suíça), para presidir à reunião da Comissão de Disciplina da UEFA, «onde serão debatidos os últimos incidentes na Itália».

Mais de duzentos ingleses expulsos

Em Rimini os incidentes foram graves. Adeptos italianos, eufóricos com a vitória da Itália sobre o Uruguai, provocaram ingleses que de imediato responderam a insultos e agressões. Seguiu-se uma batalha campal: bares destruídos, montras partidas, carros danificados e cerca de cem feridos.

Duzentos e quarenta e seis adeptos ingleses foram expulsos na sequência dos incidentes, tendo a Polícia detido também vários italianos que serão julgados hoje.

Também em Roma adeptos italianos foram detidos no final do jogo com o Uruguai por agressão a polícias.

DIGEST

Beckenbauer: « A melhor selecção de sempre»

O técnico alemão-federal Franz Beckenbauer, que foi campeão do mundo em 1974 enquanto jogador, defendeu ser a formação por si orientada a melhor selecção de sempre da RFA.

«*Esta é a minha quinta presença em campeonatos do mundo, três como jogador e duas como técnico, e considero que esta selecção é a mais completa de todas as que conheci*», referiu Beckenbauer.

Para Beckenbauer, a actual selecção germânica, que se qualificou domingo para os quartos de final, após bater a Holanda, assemelha-se à de 1974 em termos de performance, mas é muito mais harmoniosa e coesa do que as anteriores.

O seleccionador da RFA, que capitaneou a formação germânica na sua vitória no Mundial de 1974, adiantou estar agora mais confiante na conquista do título mundial em Itália, após a vitória, por 2-1, frente aos actuais campeões europeus.

Branco lança suspeita de «doping» sobre argentinos

O centro-campista brasileiro Branco afirmou à TV-Globo que a água que lhe foi dada pelo massagista da selecção argentina tinha um sabor estranho, e que o deixou completamente tonto.

Branco, jogador do FC Porto, disse ter recorrido à água da Argentina enquanto o massagista da equipa atendia Maradona. No entanto, segundo o futebolista brasileiro, quando Maradona ia beber do mesmo frasco, o massagista tirou-lho das mãos, dando-lhe outro.

A denúncia de Branco foi também publicada pelo diário «O Globo», referindo o jornal que o caso sucedeu no final do primeiro tempo. Nas declarações à TV-Globo, Branco disse ter comentado o caso com o fiscal-de-linha, na previsão de uma possível análise positiva, salientando que durante a segunda parte tinha a sensação de não ter força para jogar.

urbicidade

MEDIADORES OFICIAIS

Av. D. Nuno A. Pereira, 46, r/c Esq.
2800 ALMADA — PORTUGAL
☎ 274 45 57 — 274 42 56
Telex. 61004 TRIALM P • Fax. 274 36 53

VENDEMOS

LISBOA

AV. JOSÉ MALHOA, 2 lotes aprovados, área construção acima solo 24 300 m², área de construção das caves 15 300 m², para 510 viaturas, área de implant. 3060 m² o corpo mais alto tem 15 pisos para escritórios e 4 pisos para comércio. Possibilidade construção hotel 5 estrelas.

// —

AV. BERNA, AV. REPÚBLICA, lote devoluto com 13,40 m de frente e 26 m de fundo.

// —

BAIXA POMBALINA, Vários prédios de rendimento, c/ andares e lojas devolutas.

// —

R. ROSA ARAÚJO (esquina c/ R. CASTILHO), lote c/ 450 m², 3 c/v estac. 2, c/v loja c/ 426 m², 1. c/v entrada e loja c/ 426 m², r/c loja c/ 426 m², 8 andares p/ escrit. c/ 3918 m² total. Área construção acima do solo 4350 m².

// —

CAMPO GRANDE, lote c/ 464 m², 16×31 m, aprov. 2 c/v, r/c e 9 pisos, r/c T1 para port. e loja c/ 78 m². 1.ª e 2.ª c/v para 20 parq. e 9 T5. Habit. ou escrit.

// —

Gaveto entre R. SALITRE, BARATA SALGUEIRO e RODRIGO DA FONSECA, lote aprov. c/ 900 m² área total de const. 7516 m², r/c e 1.ª c/v c/ 32 lojas, 4 c/v para 62 parq. Cada c/v c/ 692 m² e 6 pisos para escrito. c/ área de 587 m² cada. Bom preço.

ALMADA

Zona central (PP7). Lote c/ 16,5 m de frete e 12 m empena. Aprovado para 10 fogos + 2 lojas.

// —

AV. BENTO GONÇALVES, andares c/ 2 e 3 ass. Crédito Jovem.

// —

FEIJÓ, lote c/ 343 m², aprovado para moradia c/ infra-est.

// —

JUNTO novo edifício CMA, r/c c. 3 ass., e grande logradouro, viabilidade escrit. ou comércio.

// —

Edifício do Trib. Trabalho, andar c/ 4 ass.

// —

COVA DA PIEDADE, armazém c/ 200 m².

// —

CORROIOS, Est. Nac. 10, urbaniz. aprov. 310 fogos.

// —

C. CAPARICA – VIA RÁPIDA, terreno c/ 10 000 m², confrontando c/ via rápida, acessos c/ infra-est.

// —

SOBREDA DE CAPARICA, 2 lotes destacados c/ 580 m² cada, c/ armazém implantado c/ 150 m², gaveto, acesso para indústria.

// —

COVA DA PIEDADE, unidade industrial c/ 1000 m², pronta a laborar. Bons acessos e localização.

// —

C. CAPARICA – QTA. S. ANTÓNIO, apart. c/ 2 grandes ass., hall, cóz., desp. e garagem. Bom preço.

// —

AROEIRA – PRAIAS DA CAPARICA, propriedade c/ 105 ha, viabilizado para empreendimento c/ fins turísticos e habitacionais. Grande oportunidade em zona altamente valorizada.

ALGARVE

VILAMOURA – ALDEIA DO GOLFE, 42 lotes p/ moradias no melhor local. Aprovado, c. infra-est. e serviços.

// —

PRAIA DO VAU – ROCHA – ALVOR, terreno c/ 57 000 m², frente p/ praia, viabilidade fins turist. e habit.

// —

FERRAGUDO, junto à praia, terreno c/ 92 500 m², área a urbanizar 57 000 m² aprov. para 148 apart., centro comerc., piscinas, courts de ténis. Oportunidade única.

VÁRIOS

VERDIZELA, lote c/ 1050 m² urbanizado c/ infra-est.

// —

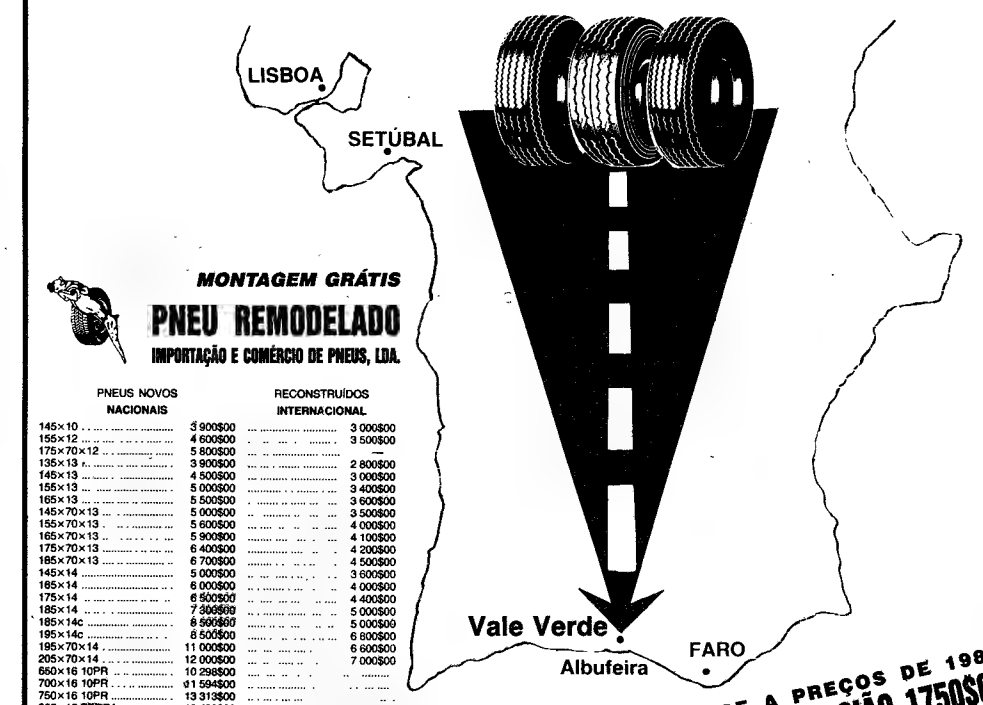
CRUZ DE PAU – AMORA, moradia, central, r/c amplo c/ 400 m², 1.º e 2.º andares c/ 5 ass. cada.

// —

FERREIRA DO ZÊZERE – LAGOA DE DORNES, quinta c/ 30 000 m², casa c/ 10 ass., adega, estábulos, pomar e vinha, água, electri. e telefone, junto estrada.

AGORA TAMBÉM NO ALGARVE

PNEU
RECONSTRUÍDO



MONTAGEM GRÁTIS
PNEU REMODELADO
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE PNEUS, LDA.

PNEUS NOVOS NACIONAIS		RECONSTRUÍDOS INTERNACIONAL	
145×10	3 900$00		3 000$00
155×12	4 600$00		3 500$00
175×70×12	5 800$00		—
135×13	3 900$00		2 800$00
145×13	4 500$00		3 000$00
155×13	5 000$00		3 400$00
165×13	5 500$00		3 600$00
145×70×13	5 000$00		3 500$00
155×70×13	5 600$00		4 000$00
165×70×13	5 900$00		4 100$00
175×70×13	6 400$00		4 200$00
185×70×13	6 700$00		4 500$00
145×14	5 000$00		3 600$00
165×14	6 000$00		4 000$00
175×14	6 500$00		4 400$00
185×14	7 300$00		5 000$00
185×14c	6 500$00		5 000$00
195×14c	8 500$00		6 800$00
195×70×14	11 000$00		6 600$00
205×70×14	12 000$00		7 000$00
650×16 10PR	10 298$00		
700×16 10PR	11 594$00		
750×16 10PR	13 313$00		
205×16 TERRA	12 400$00		

COMPRE A PREÇOS DE 1989
PNEUS DE OCASIÃO 1750$00

Rua Cidade São Salvador, Letras — A.L.S.F. Bairro de Angola — 2685 Camarate — Tel. 9472172

Filial 1: Estrada Nacional N.º 8 — Barro — 2670 Loures — Tel. 9836087
Filial 2: **PNEUROPA, LDA** — Estrada Nacional — Trajouce — 2775 Parede — Tel. 2442221
PNEU RECONSTRUÍDO CONCESSIONÁRIO DE PNEU REMODELADO — Estrada Nacional 125 — Vale Verde — 8200 Albufeira

DESPORTO

Hoquistas patinaram no «doping»

O caso é conhecido: os hoquistas internacionais do FC Porto, Alves e Tó Neves, caíram nas malhas do controlo anti-doping quando do encontro com o Óquei de Barcelos e, passado todo este tempo, chega o veredicto federativo, suspendendo-os por um período de seis meses, pena que fora reduzida a metade considerando certas atenuantes.

Porquê tanta demora na decisão? Uma questão alimentada pela pertinência ainda que os eventuais argumentos que possam tentar justificar a resposta ao quesito, não colham o entendimento mesmo de quem se encontre plenamente identificado com os preceitos consubstanciados na orgânica desportiva. E ninguém se alarme com a demora tida pelos órgãos jurisdicionais da Federação Portuguesa de Patinagem, porque outras têm protagonizado situações bem mais caricatas. E nem de padrão único servirá aquele caso futebolístico nascido em Macedo de Cavaleiros com escala em Famalicão e que aí tem andado na ribalta, de gabinete para gabinete, de órgão para órgão, de instituição para instituição. Alguém recordará a comédia interpretada durante vários meses por Rosa Mota e a Federação Portuguesa de Atletismo que mobilizou autarcas e ministros? Talvez que a Lei de Bases do Sistema Desportivo venha colocar, nestes casos, a desejada (e necessária) moralização.

Retomando a penalização aplicada aos dois hoquistas do FC Porto, ambos atestam a sua inocência, mas porque as provas constantes dos autos sejam irrefutáveis e se trate dum «crime previsto e punível», nada mais restará aos arguidos do que cumprir a pena aplicada. Em Novembro, voltarão ao palco onde têm rubricado actuações de erguer a plateia. Eu quero aplaudir o prodígio, a arte, o engenho, o talento e o virtuosismo de ambos. Por agora, fica a censura do acto que negam mas que a ciência demonstra.

Alves Henriques

Atletismo

Meeting de Lisboa sobe ao «trono»

A realização de «meetings» é uma prática que tem vindo a generalizar-se por todo o Mundo mas de forma particular na Europa, onde estes encontros enriquecem os programas internacionais de competição de atletismo, tornando-os mais espectaculares através da participação de atletas da mais elevada valia técnica.

Pelo elevado nível atingido através da presença de atletas de «alta-roda» é bem conhecida a projecção dos «meetings» internacionais de Estocolmo, Zurique, Génova, Berlim, Viena, Estocolmo, Oslo, Roma, entre outros. No nosso país, este movimento não tem tido a repercussão verificada na maioria das nações europeias mas as experiências já efectuadas, demonstram que é possível (e desejável) dotar Lisboa com um «meeting» digno da cidade, do País e do relevante valor dos nossos atletas que, semanalmente, e por todas as parcelas do mundo, ocupam, espaço do pódio.

Rego Mendes (ao centro), ladeado por Rui Trincheiras, António Vilela, Luís Figueiredo, Moniz Pereira, Henrique de Melo e Mário Silva, anuncia o empenhamento da Câmara Municipal de Lisboa na institucionalização do Meeting Internacional de Santo António - Cidade de Lisboa

Perante tudo isto, aí está o II Meeting Internacional de Santo António — Cidade de Lisboa organizado pela Federação Portuguesa de Atletismo com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa, através do Pelouro de Desporto agora liderado pelo engenheiro Rego Mendes.

Esta 2.ª edição, terá como palco (tal como em 1989) o Estádio José de Alvalade na noite do dia 29 do corrente e promete o «salto em frente» lançando de forma decisiva, a prova no calendáiro anual da actividade. Em presença estarão nomes emblemáticos do atletismo mundial entre os quais se destacam o americano Pong Wicks (5,62 no salto com vara), o velocista americano Tim Williams (10,25 nos 100 metros e 20.32 nos 200 metros), o chileno Gert Weil, (20,90 nos 200 metros), o francês J. Vicent (2,28 no salto em altura), o germânico Karsten Kufahl (65,70 no lançamento do disco), o colombiano Ximena Restrepo (11,54 nos 100 metros) e ainda o belga Stephanie Hueno (6,52 no salto em comprimento).

O programa integra diversas provas e decorrerá das 21 e 30 até cerca das 24 horas e os prémios convidam a correr, saltar e lançar.

Almada: «Jogos» em marcha

Os Jogos de Almada (iniciativa do Pelouro de Desporto da Câmara Municipal) seguem o seu curso normal com o total empenhamento dos milhares de jovens que, através de dezenas de colectividades desportivas e de outras estruturas colectivas, aderiram à chamada, feita pelos serviços dependentes do vereador António Matos, que durante os últimos anos foi o grande dinamizador da Seixalíada muito justamente considerada a par dos Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, uma das mais importantes manifestações de desporto popular. Os Jogos de Almada mobilizaram este ano cerca de dez mil atletas estando em desfile por todos os recintos do concelho mais de 20 modalidades e no próximo ano — a avaliar pelas promessas já formulada por António Matos com a concordância dos demais autarcas — teremos a cidade de Almada a procurar liderar este tipo de iniciativas estando a autarquia preocupada em construir mais polidesportivos, mais ginásios, mais piscinas e dotar essas estruturas com o equipamento que dê resposta aos legítimos interesses da população sobretudo a classe mais jovem. O complexo que se vai erguendo no Bairro Bento Gonçalves (Laranjeiro) e que orçará em mais de 700 mil contos é prova evidente de que a Câmara de Almada se mostra empenhada na dinamização da juventude pelo gosto da prática desportiva.

Sobre a edição que decorre, fazemos breve referência aos últimos resultados de *basquetebol* citando os vencedores. Eis alguns nomes: Núcleo da Trafaria, Escola Anselmo Andrade, Esc. Sec. Cova da Piedade, All Stars, Figueirinhas, Vala Cavala, Bad Boys, Esc. Sec. Laranjeiro, Basket C. Alfeite e Assoc. Acad. do Feijó.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pela 3.ª secção do 1.º Juízo Cível de Lisboa nos autos de execução de sentença com o n.º 10 457/C e D, que Manuel Jesus Afonso da Fonseca e mulher Maria Bernardete do Rosário Ferreira Correia Fonseca, movem contra o executado EDUARDO FERNANDES FERRÃO DE ARAÚJO, com última residência conhecida na Quinta da Quintinha, lote A - 10 - 1.º Esq. — Póvoa de St. Adrião, Loures, e mulher, correm éditos de TRINTA dias que se começarão a contar da segunda e última publicação do anúncio, citando aquele executado para no prazo de DEZ dias, findo o dos éditos, contestar a liquidação fixada em 2 300 000$00, sob pena de se considerar fixada a obrigação nos termos requeridos pelos exequentes e ainda para fazer entrega do andar sito na Qt.ª da Quintinha, lote A - 10 - 1.º Esq. (fracção autónoma «D»), sob pena de a entrega ser feita judicialmente.

Lisboa, 25 de Junho de 1990.

O Juiz de Direito,
Jorge Paixão Pires
O Escrivão-adjunto,
Vítor Fernandes Dias

«DL» — 1.ª Pub. 27/6/90

BREVES

Andebol: Mircea renova selecção

O seleccionador nacional de andebol, o romeno Costache Mircea, vai aproveitar o estágio da selecção nacional a realizar em Espanha onde disputará dois encontros com a sua congénere daquele país, para renovar a equipa, lançando seis novos valores. Assim foram convocados Anacleto Santos e Paulo Gonçalves (FC Porto), David Cunha, Paulo Morgado e Paulo Faria (ABC) e Ricardo Plácido e Alberto Oliveira (Belenenses). Os restantes convocados são os seguintes: Santa Bárbara, José Luzia, Rui Ferreira e Carlos Resende (FC Porto), Miguel Fernandes, Armando Pires e Luís Gomes (Benfica), Paulo Carneiro (Francisco de Holanda), Mário Macedo (Académica de Coimbra), Tó Leite (Sporting), Manuel Pastor (Académico de Braga).

Ténis: «ranking» e receitas

O checoslovaco Ivan Lendl continua no primeiro lugar do «ranking» da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP), com a vantagem de apenas 224 pontos do alemão-federal Boris Becker.

Por outro lado, o equatoriano Andres Gomez, vencedor em Rolland Garros, comanda a lista de receitas ATP, com 687 274 dólares (103 mil contos), seguido de Lendl, com menos 32 mil dólares.

No «ranking» ATP, Lendl totaliza 2976 pontos, seguido de Becker com 2752, do sueco Stefan Edberg com 2606 e de Andres Gomez com 2005.

Na classificação das receitas, Gomez é o primeiro com 687 274 dólares, seguido de Ivan Lendl com 655 357, Styefan Edberg 530 713, Boris Becker 486 416 e Andre Agassi com 484 497 dólares.

Atletismo: pista para Odivelas

Uma pista de atletismo existente na área de Odivelas mas abandonada há vários anos vai começar a ser recuperada na próxima semana.

O implemento da iniciativa deve-se em grande parte ao empenho que na mesma puseram a Junta de Freguesia de Odivelas, Câmara Municipal de Loures e a direcção do Odivelas Futebol Clube.

Informação

LINHA DE SINTRA
(Período de 26/6 a 1/7/90)

Por motivo de trabalhos imprescindíveis e inadiáveis de Revisão/Manutenção da Catenária, informa-se que irão ser feitas as seguintes alterações ao serviço normal:

Dias 26, 27, 28 e 29/Junho: São suprimidos os seguintes comboios entre **Cacém e Queluz**, no período das 10 às 12 horas:

Comboios com partida do Rossio:	Comboios com partida do Cacém;
9h36	10h11
9h52	10h27
10h52	11h51

Dias 30/Junho e 1/Julho: São suprimidos os seguintes comboios entre **Sintra e Queluz:**

Período das 10 às 12 horas

Comboios com partida do Rossio:	Comboios com partida de Sintra:
9h57	9h51
10h29	10h23
11h01	10h55
	11h27

Período das 14h00 às 15h55

Comboios com partida do Rossio	Comboios com partida de Sintra
13h40	14h07
14h12	14h39
14h44	15h11
15h16	

Pedimos a melhor compreensão do Público para os inconvenientes que resultem destas anomalias.

Lisboa, 25 de Junho de 1990.

CP — Caminhos de Ferro Portugueses.

Caminhos de Ferro Portugueses

I Série N.º 146
Dia 27 de Junho
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Decreto-Lei n.º 207/90:
Altera a Lei Orgânica do XI Governo, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 329/87, de 23 de Setembro.

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento de Encargos Gerais da Nação no montante de 367 582 contos.

Presidência do Conselho de Ministros e Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 208/90:
Transfere bens do domínio público do Estado para o domínio público da Região Autónoma dos Açores.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 209/90:
Introduz alterações ao imposto de compensação e especial sobre veículos ligeiros de passageiros, motociclos, barcos e aeronaves.

Decreto-Lei n.º 210/90:
Revoga o Decreto-Lei n.º 363/86, de 30 de Outubro, que permitia o requerimento, a todo o tempo, das pensões de aposentação previstas no Decreto-Lei n.º 362/78, de 28 de Novembro.

Decreto-Lei n.º 211/90:
Altera o Código da Contribuição Autárquica, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 442-C/88, de 30 de Novembro.

Ministérios das Finanças e do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 473/90:
Cria no quadro único do Ministério do Planeamento e da Administração do Território um lugar de assessor (dotação da Direcção-Geral da Administração Autárquica).

Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 474/90:
Alarga o quadro de pessoal do Instituto do Vinho do Porto.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público terem os Governos da Argentina e do Chile ratificado a Convenção de Viena para a Protecção da Camada de Ozono a 18 de Janeiro e a 6 de Março de 1990, respectivamente.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 475/90:
Actualiza a lista das substâncias aprovadas como aditivos incluídas nos anexos I e II à Portaria n.º 1103/89, de 27 de Dezembro.

Ministério da Educação

Portaria n.º 476/90:
Altera os planos de estudos dos cursos geral e complementar de Dança ministrados na Academia de Dança Contemporânea de Setúbal.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 212/90:
Revaloriza as carreiras de inspector-examinador e de agente de viação da Direcção-Geral de Viação.

Ministério do Comércio e Turismo

Portaria n.º 477/90:
Alarga a área da Região de Turismo do Alto Minho (Costa Verde) aos Municípios de Barcelos e Terras de Bouro.

Tribunal Constitucional

Acórdão n.º 170/90:
Declara a inconstitucionalidade, com força obrigatória geral, das normas das Resoluções n.ºs 338/87, de 12 de Março de 1987, e 28/88, de 8 de Janeiro de 1988, do Governo Regional da Madeira e limita os efeitos da declaração de inconstitucionalidade - com ressalva, porém, das situações litigiosas -, por forma que não seja posto em causa o direito a salários, pensões por acidentes de trabalho, indemnizações ou contribuições de qualquer natureza que, na base daquelas resoluções, se tenha constituído até à data da publicação deste acórdão.

N.º 142
Dia 22 de Junho

SUPLEMENTO

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 23/90:
Aprova o Regulamento de Alienação de 51% do capital social do Banco Totta & Açores.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território
Céu pouco nublado ou limpo, podendo apresentar-se muito nublado durante a manhã no litoral. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste durante a tarde. Neblinas ou nevoeiros matinais em especial no litoral oeste.

Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação sudoeste inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu nublado. Vento fraco soprando em regime de nortada moderada durante a tarde no litoral oeste. Pequena subida da temperatura.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado durante a tarde nas regiões do interior, onde há possibilidade de aguaceiros e trovoadas. Vento fraco soprando em regime de nortada moderada durante a tarde no litoral oeste.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Aguaceiros fracos nas vertentes viradas ao Norte.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação norte de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Céu geralmente muito nublado e vento fraco.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste, soprando por vezes forte mas sendo fraco na área do Funchal.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste, soprando por vezes forte, mas sendo fraco na área do Funchal.

AÇORES

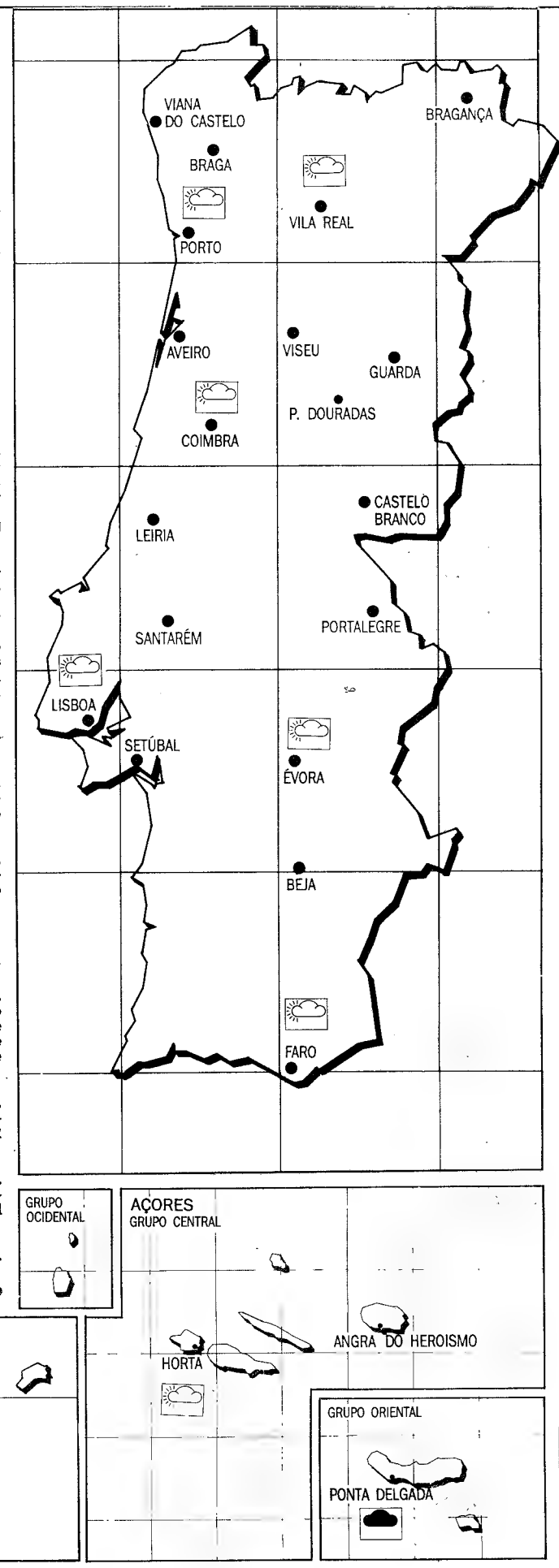
Grupo Ocidental
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco de Sudoeste, soprando por vezes moderado. Períodos de chuva fraca. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação norte de 2 metros.

Grupos Central e Oriental
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco de Sudoeste. Mar encrespado com ondulação norte de 2 metros.

Amanhã
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco, sendo por vazes moderado de Sudoeste nos grupos Central e Oriental. Aguaceiros fracos.

Depois de amanhã
Períodos de céi muito nublado. Vento fraco.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
07.21	3,3m	12.49	0,9m
19.37	3,6m	—	—

Amanhã

08.06	3,2m	01.33	0,9m
20.24	3,4m	13.39	1,1m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	17	17	P. nub.
V. Castelo	17	17	Nevoeiro
Vila Real	16	16	Neblina
Porto	16	17	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	17	18	Neblina
C. Carvoeiro	17	17	Encoberto
C. Branco	15	15	Neblina
Portalegre	13	13	Nevoeiro
Lisboa	18	18	Neblina
Évora	15	15	Neblina
Beja	15	16	Encoberto
Faro	18	18	Limpo
Sagres	18	18	M. nub.
P. Delgada	18	18	M. nub.
Horta	20	20	Encoberto
Funchal	16	17	Neblina
Sines	20	21	M. nub.

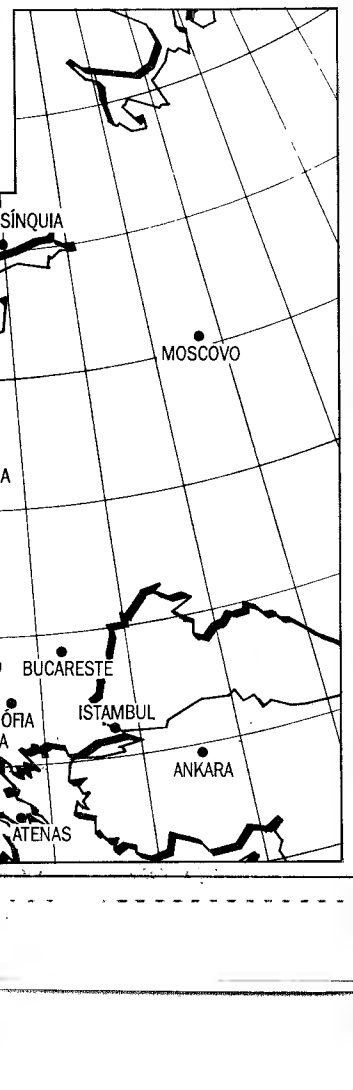
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 27; Porto, 20; Faro, 24; P. Delgada, 23; Funchal, 24.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	-	-	-
Londres	16	17	Bruma
Paris	18	20	Nelbina
Bruxelas	18	19	Neblina
Amesterdão	13	18	Neblina
Genebra	17	18	M. nub.
Roma	18	22	Neblina
Oslo	11	15	P. nub.
Copenhaga	17	18	Neblina
Estocolmo	13	16	P. nub.
Berlim	17	19	M. nub.
Viena	14	18	Bruma
Varsóvia	10	19	Neblina
Atenas	22	25	Limpo
Moscovo	12	21	Limpo

MUNDO

	Mín.	Máx.	Às 13 h
Chicago	18	29	Limpo
Houston	24	36	Trovoada
Los Angeles	19	31	Limpo
Montreal	18	27	Aguaceiros
Nova Iorque	21	31	Quente
S. Francisco	10	18	Nublado
Toronto	18	28	Limpo
Vancover	10	18	Chuva
Washington	21	32	P. nub.
Hong Kong	26	32	Aguaceiros
Melbourne	7	13	Aguaceiros
Pequim	21	31	Encoberto
Perth	9	20	Encoberto
Singapura	26	32	Aguaceiros
Sydney	7	16	Nublado
Tóquio	21	27	Aguaceiros
Wellington	8	13	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alameda - Fonte Luminosa: Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235-235-A, Tel. 888277; **Alvalade:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A, Tel. 892070; **Amoreiras:** Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, Tel. 650760; **Anjos - Lisboa Gin. Clube:** São José, Rua Anjos, 41-A, Tel. 570730; **Bairro Alto:** Veritas, Rua Misericórdia, 135, Tel. 327564; **Beato:** Grijó, Rua do Grilo, 25, Tel. 385264; **Benfica - Charquinho:** Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C, Tel. 7511227; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Estrela - Possidónio Silva:** Tagus, Rua Possidónio da Silva, 162-A, Tel. 669485; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Saldanha:** Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14-15, Tel. 521845; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

À Av. Estados Unidos N.º 9: Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 887721; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B; **Chile - Arco Cego:** São Jorge, Largo do Leão, 3, A-B, Tel. 534027; **Conde Barão:** Açoreana, Largo Conde Barão, 2, Tel. 661330; **Estrela:** Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139, Tel. 661758; **Graça:** Almeida Dias, Largo da Graça, 38-39, Tel. 862909; **Jerónimos:** Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 3631699; **Largo Campo Pequeno:** Miranda, Largo Campo Pequeno, 36, B-C, Tel. 770776; **Olivais Velho:** Olivais, Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237; **Palhavã:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A, Tel. 7263220; **São José - Tivoli:** Fernandes, Rua São José, 187, Tel. 326476; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lt. 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Dias & Brito, Av. Marquês Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Permanente; Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** O'Neill Pedrosa, R. Casal Olival, Lote 3-A - Massamá, Tel. 4377205. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA

BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculano, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Central, Av. Alfredo Silva, 48, Tel. 2073207. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Seixal:** Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580. Até às 22 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

PEDRAS RUBRAS:
MAIS PASSAGEIROS EM MENOS AVIÕES

FALTAM APENAS 2 DIAS PARA O INÍCIO DESTA NOSSA GRANDE INICIATIVA

Desordens no Ulster após a prisão de Bernardette Devlin

Pedras Rubras - mais pessoas e menos aviões

O aeroporto das Pedras Rubras, o segundo do Continente e o terceiro de todo o território português - Lisboa e Luanda ocupam os dois primeiros lugares -, conseguiu o ano passado ver aumentado de 23 por cento o número de passageiros que o utilizaram, apesar de se verificar uma quebra de 20 por cento de movimento de aviões - anuncia-se agora. Mais 37 265 passageiros e menos 2 966 aviões é o balanço do movimento do aeroporto durante o ano passado, em relação a 1968.

Desordens no Ulster

Tropas britânicas dispararam, às primeiras horas de hoje, granadas de gás lacrimogéneo e tiros de pólvora seca para dominar multidões que se amotinaram em três cidades, a seguir à prisão de Bernardette Devlin, de 23 anos, heroína da maioria católica do Ulster.

Cem quilómetros a cavalo

Cem quilómetros a cavalo constituíram o duro programa do II «Raid» Hípico Internacional do Montijo, que trouxe hoje de manhã muito público às estradas desta zona da margem sul do Tejo.

EFEMÉRIDES

1950

• O presidente dos EUA, Harry Truman, envia forças navais e aéreas para intervir no conflito da Coreia.

1976

• Em Portugal, decorrem as primeiras eleições livres para a Presidência da República, após 50 anos de ditadura, às quais concorrem o general Ramalho Eanes, o almirante Pinheiro de Azevedo, o major Otelo Saraiva de Carvalho e o dirigente comunista Octávio Pato.

1980

• A Assembleia da República Portuguesa aprova os projectos de estatuto de autonomia das Regiões dos Açores e da Madeira.

1984

• A França vence o europeu 84 de futebol ao derrotar, em Paris, a Espanha por 2-0.

1985

• O Presidente Eanes dissolve o Parlamento.

• O PRD legaliza-se como partido político.

1986

• Os eleitores irlandeses decidem, por maioria, manter o seu país como o único da CEE sem a opção do divórcio.

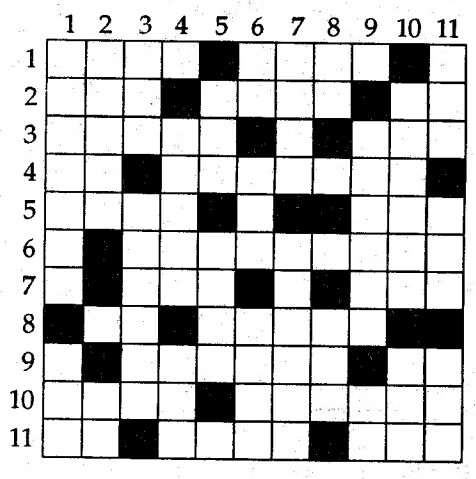
1987

• Os partidos políticos portugueses iniciam a campanha eleitoral para as eleições de 19 de Julho.

1988

• Um choque de comboios ocorrido na estação parisiense de Lyon mata 59 pessoas e fere 32.

PALAVRAS CRUZADAS



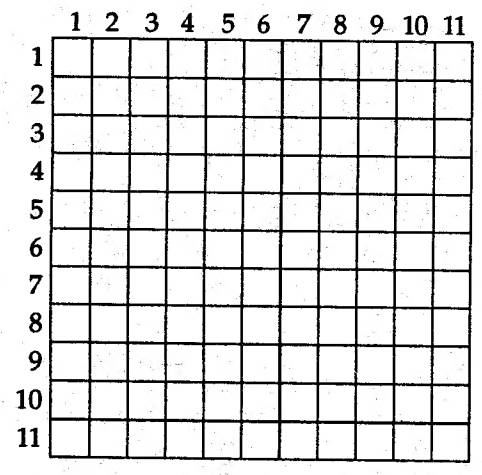
PROBLEMA N.º 17947

HORIZONTAIS:

1 - Aquele que. Defrauda.
2 - Cantão da Suíça. Romance de Emílio Zola. Cério (s.q.).
3 - Freguesia do concelho da Covilhã. Muito.
4 - Concede. De Roma.
5 - Tempo do verbo ir. Árvore venenosa da Malásia.
6 - Protegeria.
7 - Tanto. Sapo do Amazonas.
8 - Bário (s.q.). Nome de jogo.
9 - Um dos Estados da península balcânica. Antes do meio dia.
10 - Prendei com elos. Lavrasse.
11 - Lutécio (s.q). Nome de mês. Um milhar.

VERTICAIS:

1 - Título do vice-rei do Egipto (1867-1922). Bílis.
2 - Dar urros. Lutécio (s.q).
3 - Ena! Arma ofensiva usada pelos turcos semelhante a um punhal, mas maior.
4 - Cena pungente. Víscera dupla.
5 - recusa. Está arriscado a.
6 - Aqui. Mediana. Rio do Pará.
7 - Tumulto (fig.). Nome de três reis de Leão.
8 - Miriare. Artilharia antiaérea.
9 - Chouriço de sangue. Sua Majestade.
10 - Salivar. Agarrei.
11 - Monarca. Ilha da Polinésia. Serra do Território de Roraima, perto da fronteira venezuelana.



PROBLEMA N.º 16757

HORIZONTAIS:

1 - República da América Central.
2 - Travaremos luta com.
3 - Vi. Dobrada.
4 - Palavra hebraica que significa louvai o Senhor.
5 - Perceberem.
6 - Magnete natural. Experimentado.
7 - Sacerdócio (fig.). Vê. Frâncio (s.q.).
8 - Palmeira da Amazónia. Percebo.
9 - Nota musical. Clima. Brota.
10 - Cantigas. Duas vezes.
11 - Sadios. Quadro de Puvis de Chavannes (também chamado Concórdia) no Museu de Picardia em Ambiano, França.

VERTICAIS:

1 - Antiga região da Ásia Menor. Punhado.
2 - Prestável. Mil e cinquenta e dois em romano.
3 - Clima. Fruto da ateira. Arsénio (s.q.).
4 - Cidade e porto das Filipinas. Ave trepadora.
5 - Era cristã. Agiota.
6 - Apelido. Campeão.
7 - Cercânias.
8 - Moral. Cidade dos Países Baixos.
9 - Defesa. Rainha da Arábia também chamada Belkiss.
10 - Preposição e artigo (inv.). Cidade dos Estados Unidos da América, capital do Arizona.
11 - Tomarias sobre ti.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 946

HORIZONTAIS: 1 - PARA. QUEM. É. 2 - Suas. Ur. El. 3 - Rm. Biópsia. 4 - Boiça. Assa. 5 - Arrostarias. 6 - Cão. Troia. 7 - Cai. Asai. 8 - Mu. Na. Em. 9 - Assaltara. 10 - Apuparias. 11 - Usso. Aoros.
VERTICAIS: 1 - PS. BACALHAU. 2 - Aurora. PS. 3 - Ramiro. Maus. 4 - As. Co. Cuspo. 5 - BASTA! Sa. 6 - Qui. Trinara. 7 - Uro. Ao. Alio. 8 - Pária. Tar. 9 - Messias. Aso. 10 - Lisa. Aer. 11 - Aas. Imãs.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 756

HORIZONTAIS: 1 - Cá. Crava. Os. 2 - Aparatosos. 3 - Ais. Sós. Ita. 4 - Zás. Ta! Rs. 5 - Estarás. 6 - Pai. El. Si. 7 - Assoar. Ás. 8 - Iriara. 9 - Fiarias. Aal. 10 - As. Oanes. Sã. 11 - Assomam.
VERTICAIS: 1 - Caazapa. Fão. 2 - Ápia. Assis. 3 - Assais. 4 - Cr. Oiros. 5 - Rastejarias. 6 - Atoas. Riano. 7 - Vós. Te. Asem. 8 - As. Calar. Sa. 9 - Oi! Saa. 10 - Ostras. Ás. 11 - Assinalas.

PROVÉRBIO: PARA QUEM É, BACALHAU BASTA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
CADILLAC COR DE ROSA
Filme de Buddy van Horn
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM HOMEM INOCENTE
Filme de Peter Yates
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
PESADELO EM ELM STREET IV
Filme de Renny Harlin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
TELHADOS DE NOVA YORK
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
UM HOMEM INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
MEU PAI
Filme de Gary David Goldberg
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 10
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
Filme de Sergio Leone
M/6 anos - Às 15.30, e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
ESQUECIDA E GOSTOSA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
AMIGO MORTAL
Filme de Wes Craven
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
SALTEADORES DA SELVA PERDIDA
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalowsky
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A CONDESSA DEVASSA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CONSCIÊNCIA EM PAZ
Filme de Frank Borzage, às 18.30
A BONECA CHINESA
Filme de Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
O DIA MAIS LONGO
M/12 anos - Às 14.00, 17.00 e 21.15

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145068
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2

TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

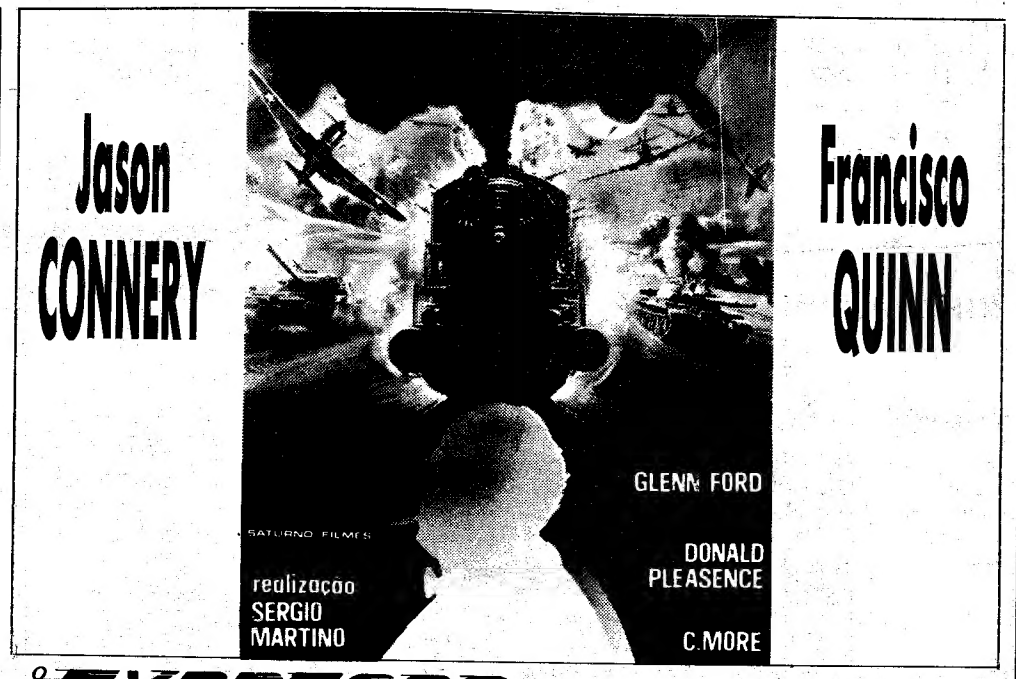
IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
O CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45



O EXPRESSO DE CASABLANCA

Já em exibição nos cinemas S. Jorge - Fonte Nova - Estúdio A.C. Santos

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAVA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
UM NINJA AMERICANO 3
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXO E ROCK AND ROLL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
O DIA MAIS LONGO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
QUEM AMA QUEM?
Filme de Kenneth Bowser
M/16 anos - Às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
TANGO & CASH
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
O BEIJO DA MULHER ARANHA
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA
ALMADENSE
Telef. 2752127
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
ROMERO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.3

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
PARA IRIS COM AMOR
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
INIMIGAS E AMANTES - UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
STAR TRECK V - A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
ARMADILHA SENTIMENTAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
UM NINJA AMERICANO 3
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Larg. de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

CHAPITÔ
R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
Sexta e Sáb. às 21.30
KLÁSSIKUS KABARET
De Fernando Gomes
Em cena até ao final do mês

COMUNA
P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams

IBÉRICO
R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sext. às 21.30
Sáb. às 17.00 e 21.30
O FIM
De António Patrício
Em cena até ao final do mês

MAIZUM
R. dos Polais de S. Bento, 75 - T. 601866
De 2ª a Sáb. às 22.00
Dom. às 16.00
E UM DIA, A ESTA HORA
De Orlando Mendes
Pelo Grupo Tchova Xita Duma
Em cena até dia 1

MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, 52
T. 897017
De 6ª a Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner
Em cena até dia 1 de Julho

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO
De Bernard- Marie Koltès

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
T. 3961515
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
UM POETA AFINADO
De Manoel de Figueiredo

TEATRO DA GRAÇA
Trav. de S. Vicente, 11 - T. 875626
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom. às 16.00
CENAS DA VIDA DE BENILDE
Uma adaptação de Jorge Listopad da peça de José Régio «Benilde ou a Virgem-Mãe»
Em cena até dia 30

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Rossio - T. 322210
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
A TERCEIRA MARGEM DO RIO
A partir do conto homónimo de João Guimarães,
pelo Grupo de Teatro «O Bando»
Em cena até ao final do mês

VARIEDADES
Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

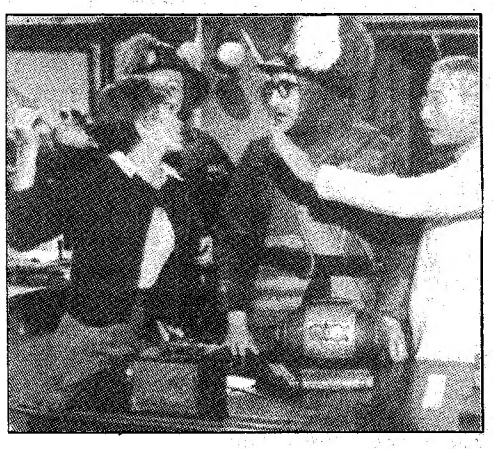
SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

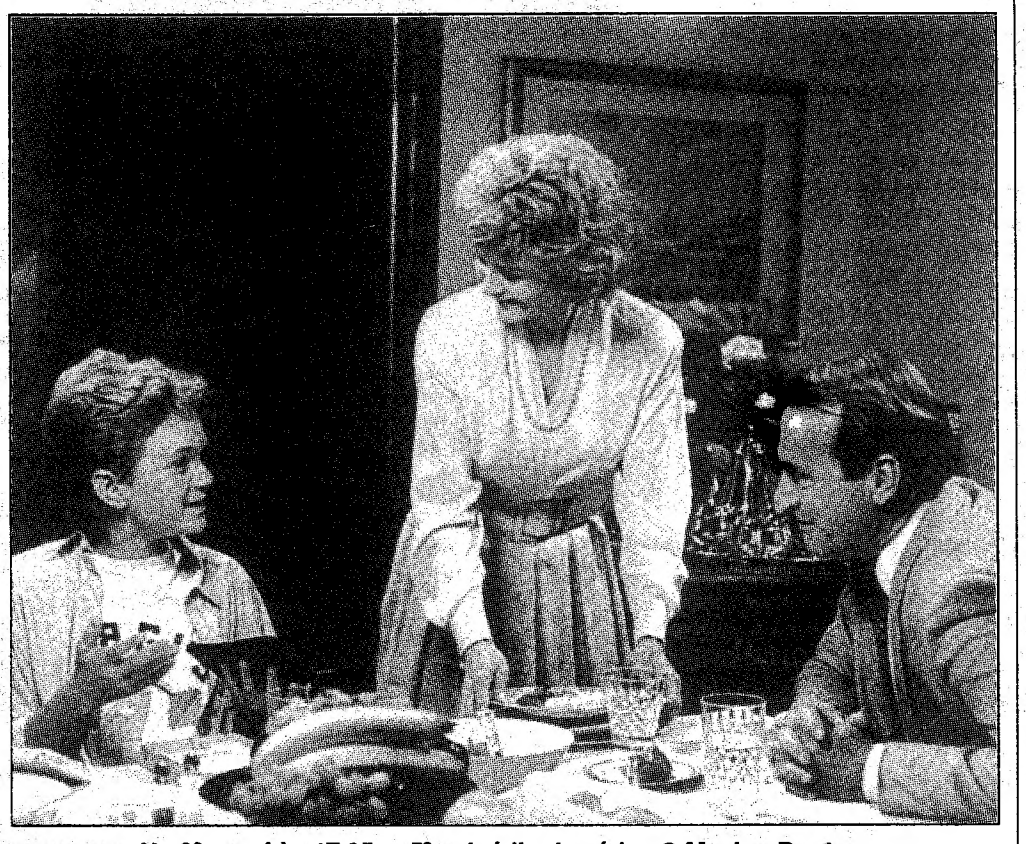
HOJE

RTP-1

16.00 - DESENHOS ANIMADOS
16.10 - MATINÉE
«O Rato que Ruge»,
filme de Jack Arnold,
com Peter Sellers, Jean Seberg,
David Kossoff, William Hartnell,
Leo McKern, MacDonald Parke
e Harold Kasket
17.30 - BRINCA BRINCANDO
Com a «Hora do Lecas,
«Os Passeios da Fofinha»,
«Danger Mouse» e «Os Polegares»
18.35 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
37º episódio
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
3º episódio
21.15 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.25 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Filhos de Um Deus Menor»:
James Leeds é um reputado
professor de surdos, que chega
a uma nova escola no Canadá
para continuar o seu excelente
trabalho, no sentido de conseguir
que os casos mais absolutos
de surdez possam ser parcialmente
recuperados para a fala. Jovem
e entusiástico, Leeds não é
exactamente um professor
tradicional e os seus métodos pouco
ortodoxos não deixam de criar
algumas perturbações.
Um filme de Randa Haines,
com Wiliam Hurt, Marlee Martin e
Piper Lauris.
Duração: 118 minutos.
23.50 - 24 HORAS
00.25 - REMATE



«O Rato que Ruge», no 1º canal às 16.10

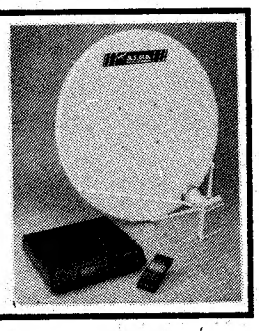


No 2º canal às 17.05, o 5º episódio da série «O Menino Doutor»

RTP-2

15.15 - AGORA ESCOLHA!
16.35 - O LICEU DEGRASSI
11º Episódio
17.05 - O MENINO DOUTOR
5º Episódio
17.30 - OS TRÊS PASTORINHOS
Último episódio
18.05- TELEMERCADO
18.20- O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
135º episódio
19.00 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus - O Duende»
e «Os Amigos de Gaspar»
19.55 - VIA RÁPIDA
20.10 - CLÁSSICOS DA TV
«Kung Fu», 6º episódio.
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - LENINE... O COMBOIO
Termina hoje, com a exibição
do 4º episódio, esta série que evocou
uma passagem da vida
de um homem, que pela
sua importância no decorrer
da história da humanidade, marcou
decisivamente a evolução do Mundo
nos últimos cem anos. Lenine.
22.30 - DEGAULLE
Um documentário de cem minutos
sobre a vida de Charles de Gaulle
(1890-1970), primeiro presidente
da V República francesa.
23.15 - ROBBIE ROBERTSON
Ver e ouvir Robertson, é recordar
melodias e textos onde transparece o
gosto «pelas paisagens rudes de uma
América sem limites».

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - UM ANJO NA TERRA
14.20 - LUGAR À NATUREZA
14.50 - PONTO POR PONTO
16.05 - MATINÉE
«Sangue Cigano»
17.30 - BRINCA BRINCANDO
18.40 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
21.20 - UM ESPIÃO NO PURGATÓRIO
22.20 - OS SOVIÉTICOS
23.10 - MURPHY BROWN
23.40 - 24 HORAS
00.15 - REMATE

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.45 - FILHOS E FILHAS
15.05 - AGORA, ESCOLHA!
16.25 - OS CENTURIÕES
16.55 - RETRATOS DA MADEIRA
17.25 - OS DESAFIOS DA LEI
18.15 - TELEMERCADO
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - HORA DA VERDADE
23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
LOTAÇÃO ESGOTADA
RTP 2
LENINE... O COMBOIO
PIP
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

«O povo não são os alunos dos políticos»

Alberto João Jardim, «O Diabo», 26.06.90

A PERGUNTA DO DIA

Miguel Relvas
deputado do PSD

Como é que o Provedor de Justiça Militar, uma entidade exterior às Forças Armadas, poderá julgar dados relativos à instituição militar?

«Julgar dados relativos à observância de direitos constitucionais na prestação do Serviço Militar Obrigatório é uma questão que não pode deixar de transcender a própria instituição militar para se colocar ao nível do Estado e dos orgãos de soberania. É justamente na falta de observância destes direitos que radicam, em grande parte, muitas das situações de menor dignidade dos jovens que prestam serviço militar. O problema que se coloca não é o de o eventual Provedor de Justiça Militar julgar, em termos de decisão, quaisquer situações , uma vez que isto é competência dos tribunais civis e militares, e que, aliás, necessita de uma melhor definição. É, de facto, importante que, depois depois da Assembleia da República proceder à urgente actualização do Regulamento de Disciplina Militar, se torne mais claro o que deve competir, em julgamento, aos tribunais civis e aos tribunais militares. Trata-se sim de abrir a possibilidade de os jovens mancebos e de todos os cidadão militares poderem recorrer em termos de denúncia de situações e de alerta de violação de direitos, a uma personalidade independente como é o Provedor de Justiça Militar que, por força da Lei, obrigará a uma maior correcção da Justiça.»

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

As novas regras de Sampaio para Lisboa

Entrevista com o presidente da Associação Europeia de Biólogos

Teatro no Júlio de Matos

MEDIA

Chama-se «Voz Activa», serve como pólo agregador das diferentes actividades da Escola Secundária de Benfica e veio provar que as regras de mercado podem funcionar no domínio da Imprensa das escolas

Um jornal escolar mas muito profissional

Quando deparamos com meia dúzia de páginas cheias de textos batidos em máquinas diferentes, colados em folhas de papel e fotocopiados percebemos imediatamente que estamos perante um jornal escolar. Mas quando o produto que nos chega à mão tem 24 páginas, é feito e paginado em computador e impresso por uma grande editora, dificilmente acreditamos que se trate do «órgão oficial» de uma escola secundária. É o que acontece quando pegamos no «Voz Activa», o jornal da Escola Secundária de Benfica.

Com periodicidade mensal e uma tiragem - quase sem sobras - de 800 exemplares, o jornal tem um custo real de 125$00 por exemplar, embora o seu preço de capa seja de 50$00. O restante é coberto pela publicidade dos comerciantes da zona, o que constitui uma grande inovação neste tipo de publicações.

VOZ ACTIVA

Nº 3 — ESCOLA SEC. de BENFICA, MAIO 1990

"Uma Aventura Literária... 1990": Prémios para E.S.B." pág.11

A.E. tem ou não funcionado? pág. 16

E você, conhece Benfica? pág.17

Chegou a hora do adeus... pág. 5

Investigação de Espada chega ao Bar pág.22

Outro Problema para Resolver: INDISCIPLINA: QUE SOLUÇÃO?

Nos últimos tempos, na Escola Secundária de Benfica, tem-se gerado, no espírito de alguns, certas dúvidas sobre o procedimento que está a ser experimentado quanto à forma de actuar, no caso de um aluno ser convidado a abandonar a sala de aula.

Uns dizem que está bem, outros mal, outros nem sequer se pronunciam.

Ora o caso tem que ser encarado com frontalidade e tem de ser resolvido da melhor maneira, sem incorrer em ilegalidades, em ultrapassagem de poderes e sem melindres de qualquer espécie.

Continua na página 6

Entre a França e a Suíça... A MÁQUINA DO TEMPO

A 110 m de profundidade, sob a fronteira franco-suíça nas montanhas do Jura, situa-se o maior instrumento científico alguma vez construído. Com 27 km de circunferência (ocupando um volume de 330000 m³) este novo brinquedo custou-nos agora os físicos que desde sempre procuraram a resposta para as questões: "de que somos feitos?" ou "quais as forças que nos mantêm íntegros e a todo o Universo?". Para saciar a curiosidade dos 2000 cientistas envolvidos no projecto (e também a nossa), é necessário recuar no tempo quatro biliões de anos: regressar às origens, isto é, a uma ínfima fracção de segundo após o Big Bang, que deu origem ao Universo assim como o conhecemos. Uma vez recriadas as condições físicas primordiais, poderemos compreender aquilo de que realmente somos feitos.

Continua na pág. 16

Carlo Rubbia, o director do CERN

«Ao princípio as coisas não foram nada fáceis porque não tínhamos sequer uma sala onde instalar a redacção», recorda Isabel Costa Marques. Este problema só foi solucionado em Janeiro e, a 14 de Fevereiro, o primeiro número do «Voz Activa» saiu para as bancas.

No decorrer desse mês e meio muitas barreiras foram ultrapassadas. «Como não tínhamos qualquer fundo, percebemos que a única solução era procurar publicidade que custeasse a edição», conta Luís Soares, um aluno do 12º ano responsável pela edição electrónica. Surpreendidos com esta solicitação e um pouco desconfiados com a viabilidade do projecto, os anunciantes da zona não se mostraram, porém, muito entusiasmados.

As dificuldades acabaram por ser ultrapassadas com a ajuda da Alpha que, em troca da cedência de espaço para a demonstração dos seus produtos, se encarregou da impressão. Os fotolitos foram feitos pela Texto Editora e as restantes despesas cobertas pela publicidade de duas lojas do Centro Comercial Fonte Nova.

A tiragem foi de 1200 exemplares e a edição rendeu 30 contos, uma verba suficiente para arrancar com o segundo número.

Face a tão grande êxito a redacção percebeu que o equipamento que tinha não era suficiente e fez um apelo à IBM, que emprestou mais computadores. Simultaneamente, as duas entidades elaboraram um projecto conjunto com o qual concorreram ao programa PRODEP, o que lhes valeu o prémio de mais computadores de uma impressora laser.

Os anunciantes ganharam, igualmente, nova confiança e, no número de Março, a publicidade aumentou. O Fonte Nova e a Texto Editora, entretanto contratada para a impressão do jornal, tornaram-se clientes habituais e o jornal passou a ser igualmente vendido no centro comercial.

O futuro do jornal já não constitui uma incógnita e os seus responsáveis já têm vários planos para o próximo ano lectivo. Um deles consiste na activação do laboratório de fotografia, estando igualmente previstas várias edições comemorativas do décimo aniversário da escola.

Dina Soares

meteorologia

A memória redonda

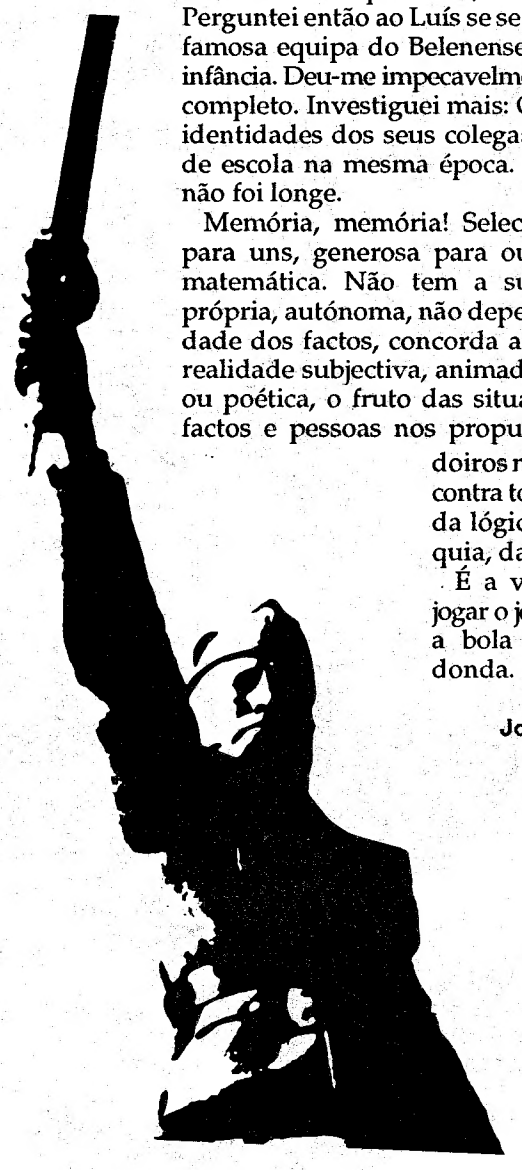
O Mundial de Futebol além de outras virtudes e qualidades prodigiosas, económicas, psicológicas, sociológicas, televisivas e até desportivas, lembrou-se que as lembranças se regem por leis interessantes.

Vejamos: recordo o nome da equipa checa que em 1934 jogou em Roma a final do Campeonato Mundial com a Itália. Nejedly, Puc, Burger, etcetera, etcetera, onze magníficos, ainda os vejo, embora não houvesse televisão, e se afinal perderam no prolongamento com os fascistas de Mussolini, como então vi a situação político-ideológica-desportiva, foi por uma unha negra. Onze nomes escritos com letras de oito... Bonita frase.

Porém, com dificuldade me lembro de meia dúzia de nomes dos meus trinta discípulos com os quais passei cinco anos da escola primária; e se entre essa meia dúzia de sobreviventes em mim não fossem dois ou três que notabilizaram posteriormente o seu nome, o balanço provavelmente seria mais decepcionante.

O problema, com o qual passei horas penosas à procura de outros camaradas onomasticamente perdidos, será só meu? Perguntei então ao Luís se se lembrava da famosa equipa do Belenenses da sua fiel infância. Deu-me impecavelmente o «onze» completo. Investiguei mais: Quis saber as identidades dos seus colegas dos bancos de escola na mesma época. Também ele não foi longe.

Memória, memória! Selectiva, ingrata para uns, generosa para outros. Não é matemática. Não tem a sua realidade própria, autónoma, não depende da realidade dos factos, concorda apenas com a realidade subjectiva, animada, dramática ou poética, o fruto das situações que os factos e pessoas nos propuseram duradoiros no seu tempo, contra todas as regras da lógica, da hierarquia, da ordem.



É a vossa vez de jogar o jogo enquanto a bola ainda é redonda.

Jorge Listopad

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75